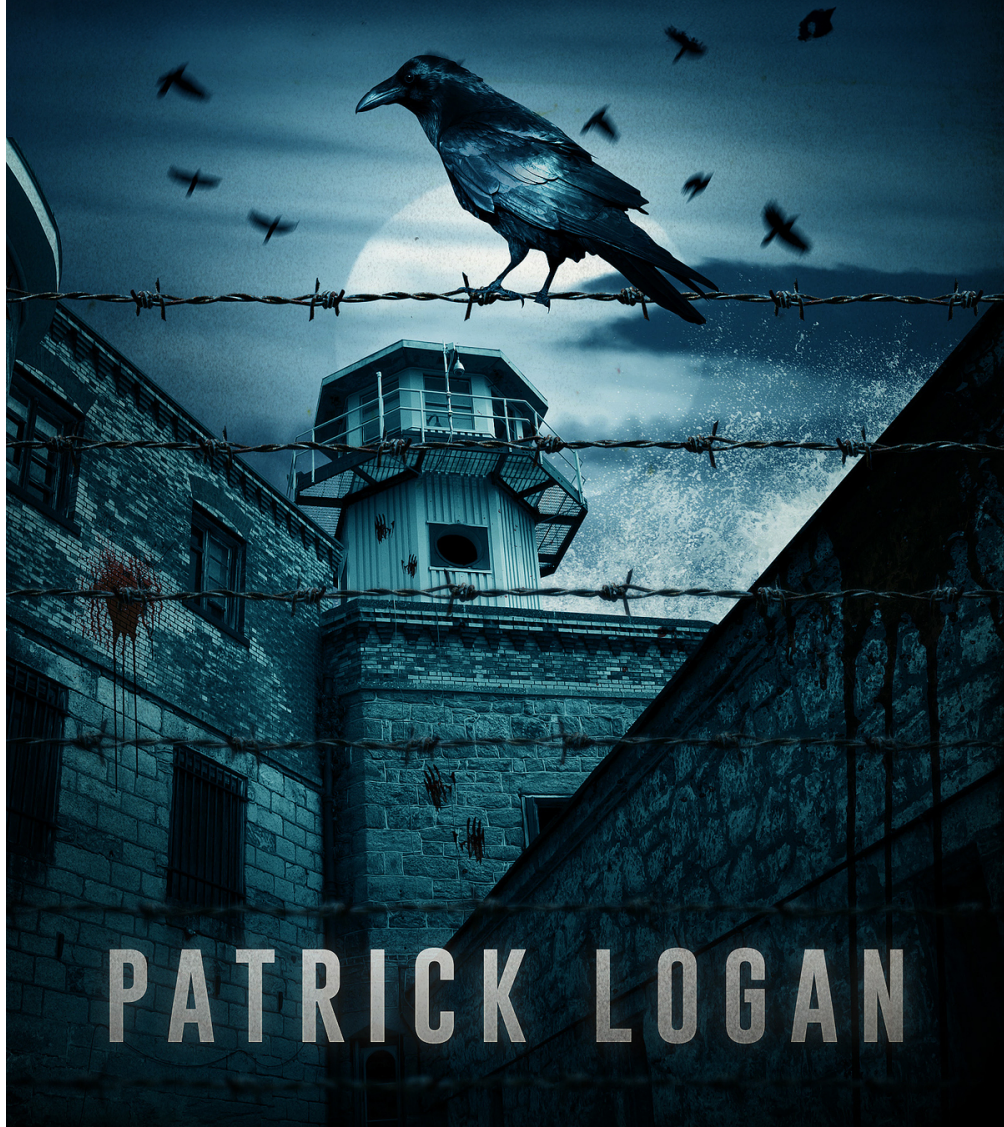


Prisão de **SEAFORTH**



PATRICK LOGAN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Prisão de **SEAFORTH**

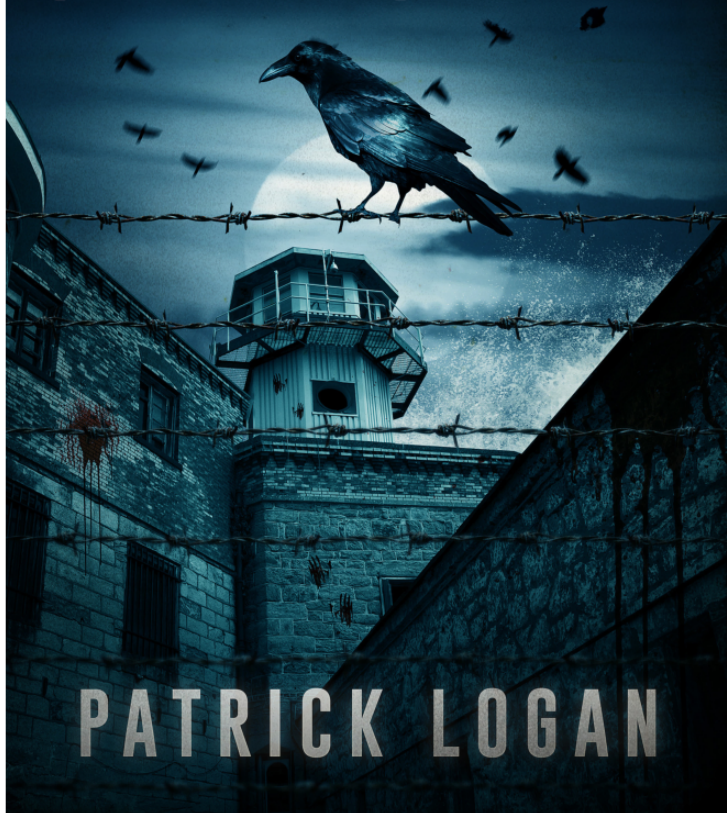


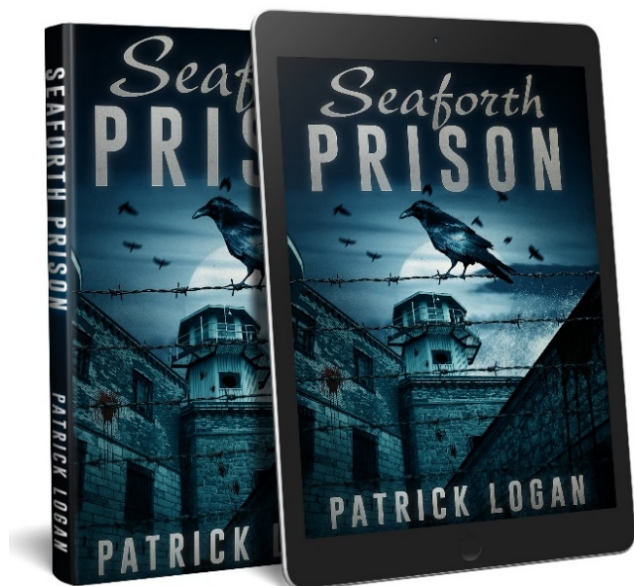
Table of contents

1. [Prólogo](#)
2. [Parte I - Dias tempestuosos, noites tempestuosas](#)
 1. [Capítulo 1](#)
 2. [Capítulo 2](#)
 3. [Capítulo 3](#)
 4. [Capítulo 4](#)
 5. [Capítulo 5](#)
 6. [Capítulo 6](#)
 7. [Capítulo 7](#)
 8. [Capítulo 8](#)
 9. [Capítulo 9](#)
 10. [Capítulo 10](#)
 11. [Capítulo 11](#)
 12. [Capítulo 12](#)
 13. [Capítulo 13](#)
 14. [Capítulo 14](#)
3. [Parte II - O diretor e sua cruz](#)
 1. [Capítulo 15](#)
 2. [Capítulo 16](#)
 3. [Capítulo 17](#)
 4. [Capítulo 18](#)
 5. [Capítulo 19](#)
 6. [Capítulo 20](#)
 7. [Capítulo 21](#)
 8. [Capítulo 22](#)
 9. [Capítulo 23](#)
 10. [Capítulo 24](#)
 11. [Capítulo 25](#)
 12. [Capítulo 26](#)
 13. [Capítulo 27](#)
 14. [Capítulo 28](#)
4. [Parte III - Guardiões da Medula Óssea](#)
 1. [Capítulo 29](#)
 2. [Capítulo 30](#)
 3. [Capítulo 31](#)
 4. [Capítulo 32](#)
 5. [Capítulo 33](#)
 6. [Capítulo 34](#)
 7. [Capítulo 35](#)
 8. [Capítulo 36](#)

9. [Capítulo 37](#)
 10. [Capítulo 38](#)
 11. [Capítulo 39](#)
 12. [Capítulo 40](#)
 13. [Capítulo 41](#)
 14. [Capítulo 42](#)
 15. [Capítulo 43](#)
 16. [Epílogo](#)
 17. [FIM](#)
5. [Nota do autor](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Table of Contents](#)



Inscreva-se no meu boletim informativo *sem spam* para ficar por dentro dos novos lançamentos, participar de concursos especiais e receber descontos exclusivos.

Basta direcionar seu navegador para www.PTLBOOKS.com para começar!

Além disso, não deixe de conferir meu grupo no Facebook para discutir meus livros e qualquer coisa relacionada a terror ou suspense:
www.facebook.com/groups/LogansInsatiableReaders/

Prólogo

Parte I - Dias tempestuosos, noites tempestuosas

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Parte II - O diretor e sua cruz

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Parte III - Guardiões da Medula Óssea

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Epílogo

FIM

Nota do autor

Prisão de Seaforth

A série Haunted

Livro 3

Patrick Logan

Prólogo

O diretor Ben Tristen esfregou os olhos e se recostou em sua cadeira. O velho metal rangia, um som irritante de rangido, mas com o qual ele estava familiarizado, já que se sentava nela quase todos os dias nos últimos dezoito anos. Houve um tempo em que o som o incomodava e ele chegou a pensar em substituí-la às suas próprias custas, mas decidiu não fazê-lo.

E agora ele estava feliz por ter feito isso.

A cadeira era como um cúmplice, um velho parceiro que lhe oferecia um conforto previsível nesse ambiente em constante mudança.

Era meio da noite, mais ou menos na hora em que os 22 detentos deveriam estar terminando suas refeições. Essa era outra coisa que ele inicialmente detestava, mas que agora lhe oferecia consolo: o horário rígido e a estrutura da prisão de Seaforth. Os detentos comiam no mesmo horário todos os dias - todos os *dias*, não importava se era Natal, Ano Novo ou aniversário. Sempre no mesmo horário.

Os olhos de Ben se desviaram para as fotos em sua mesa, e seu olhar acabou caindo sobre a foto de seu melhor amigo no mundo inteiro. Ele amava seu cachorro, um Boxer chamado Easton, por muitos dos mesmos motivos que amava as refeições e sua cadeira: Easton era previsível, confiável. Seus olhos se desviaram para a outra fotografia em sua mesa. Sua ex-esposa e sua filha? Menos ainda.

Com um suspiro pesado, Ben esfregou as mãos maciças, tentando eliminar os nós que haviam se formado nas articulações nos últimos anos. O médico disse que essa rigidez era normal, uma parte natural do envelhecimento, mas Ben nunca se considerou um homem normal. Com um metro e oitenta e cinco e duzentos e trinta e cinco quilos de músculos sólidos, Ben Tristen não era um homem normal de setenta e dois anos. Por isso, ele detestava quando o médico se referia a qualquer coisa que acontecia com ele como "normal", da mesma forma que agora detestava qualquer contratempo na agenda de Seaforth.

Ben se orgulhava de se manter em forma, e não da maneira como as outras pessoas da sua idade se exercitavam, que geralmente consistia em ir à academia três vezes por semana para caminhar em uma esteira e fazer algumas flexões desajeitadas, seguidas de um supino sobre uma pilha de papel. Não, Ben era diferente. Ele preferia os movimentos de força, limpeza, agachamento e supino.

O básico para desenvolver músculos e força, o que foi muito útil como diretor.

Quando Ben começou a sonhar acordado com seu próximo treino, o telefone em sua mesa tocou de repente, tirando-o de sua própria

cabeça. Uma carranca se formou em seu rosto cheio de rugas.

O telefone raramente tocava em Seaforth.

Isso não fazia parte da rotina.

Ele a pegou antes que ela tocasse pela segunda vez.

"Aqui é o diretor."

"Ben? Ben, você está aí?" A natureza frenética da voz do homem do outro lado da linha fez com que Ben se sentasse direito em sua cadeira, que rangeu em protesto.

"Lenny? O que está acontecendo?"

Houve gritos do outro lado da linha, e Ben começou a se levantar.

"Lenny! Me responda!"

Os dedos doloridos do diretor foram instintivamente para a cruz de madeira que estava pendurada em seu pescoço e começaram a massageá-la.

"Ben, é o Carson", Lenny finalmente respondeu. "Você precisa vir aqui - você precisa vir aqui rápido".

Carson.

A simples menção do nome do homem foi suficiente para que Ben desligasse o telefone e saísse correndo da sala.

Em Seaforth, só era permitido correr no pátio. Até mesmo os guardas e o próprio Ben eram proibidos de fazê-lo.

Mas isso foi uma exceção.

Foi uma exceção por causa de Carson.

Apenas a menção dos prisioneiros mais violentos, sádicos e infames de Seaforth foi suficiente para Ben quebrar sua própria regra.

Só depois de verificar se a pistola e a Taser, que ele raramente usava hoje em dia, estavam presas no quadril.

Carson estava detido no Bloco de Celas E, sendo o único detento no momento naquele bloco. Fazia mais de um ano que Carson estava preso com a população geral. Um mês antes de sua mudança, Carson havia estrangulado dois membros de gangues que se achavam durões, com a intenção de fazer um nome rápido para si mesmos, matando o homem mais infame de Seaforth.

Eles descobriram da maneira mais difícil que era melhor deixar Carson sozinho - com ele, nunca havia uma segunda chance.

Suas múltiplas sentenças de prisão perpétua acabaram sendo bastante curtas.

E se não havia presos no Bloco de Celas E, então isso significava que...

Ben acelerou o passo, correndo pelo corredor principal, ignorando as vaias e os gritos dos prisioneiros trancados em suas celas, que o ladeavam.

No final do corredor, havia uma única porta, que ele alcançou prontamente. Mas antes que ele pudesse bater, ela foi aberta e um dos guardas mais jovens, um negro magro chamado Perry, abriu-a, com os olhos arregalados e arregalados.

"Diretor, você..."

Ben quase lhe deu um tapa.

"Não abra a porta!", ele gritou. "Você não pode *simplesmente* abrir a porta! Quantas vezes tenho que lhe dizer? Use a câmera! Verifique com o Peter lá em cima! Porra, Perry!"

O homem baixou o olhar.

"Me desculpe, mas é que..."

"Olhe para mim!" Ben ordenou ao passar pela soleira da porta. Os olhos de Perry imediatamente se arregalaram. Ben estendeu um dedo, que parecia um pouco mais retorcido do que o normal, para o uniforme azul-marinho do homem. "Nunca abra a porta sem mais nem menos. Nem para mim, nem para ninguém. Ligue para o Peter, peça para ele verificar as câmeras primeiro. Entendeu?"

O homem assentiu rapidamente e Ben passou por ele.

"Droga", resmungou Ben. "Quase três milhões de dólares em câmeras e segurança sofisticadas, e ninguém quer nem usar essa maldita coisa."

Ben acariciou o cartão-chave afixado em seu cinto.

"Onde está o Quinn? Ele está lá embaixo com o Carson?"

Perry engoliu em seco e assentiu novamente enquanto Ben entrava na área de detenção caiada de branco que levava a duas outras portas. A da direita dava para o pátio, enquanto a da esquerda levava ao refeitório dos detentos.

Do outro lado do refeitório estava a porta que levava ao Bloco de Celas E. Ben escaneou seu cartão-chave e entrou no refeitório.

Perry começou a segui-lo, mas ele ergueu a mão e o deteve, voltando os ouvidos para os detentos que ainda estavam gritando atrás dele.

"Mantenha-os calmos. Não importa o que aconteça, não os deixe ainda mais irritados. Calma. Entendeu?"

Perry assentiu e, em seguida, a porta se fechou, impedindo a entrada do som e da expressão assustada do homem.

Ben atravessou apressadamente o refeitório de cimento, com os olhos fixos na porta do outro lado. Com o coração acelerado, ele pegou o cartão-chave novamente, mas antes que pudesse pegá-lo, a porta se abriu e o delegado Quinn Laughlin entrou cambaleando, com as mãos cobrindo o rosto. Ben soltou um suspiro de alívio.

Seu pior medo não havia se concretizado.

Pelo menos, ainda não.

"Quinn! Que diabos está acontecendo? O que está acontecendo com

o Carson?"

O homem não disse nada; em vez disso, continuou cambaleando para a frente, com as mãos cobrindo os olhos.

"Quinn! Quinn?"

Ben tentou alcançar o homem, mas o delegado se afastou no último momento.

"Vá!" Quinn gritou. "Vá até Carson! Agora!"

Confuso, Ben deu um pequeno passo para trás.

Que diabos está acontecendo?

"Quinn!"

"Apenas vá!"

Um grito vindo de trás do homem fez com que Ben passasse pela porta ainda aberta, deixando Quinn para cuidar de qualquer ferimento ou cuspe ou incidente de arremesso de fezes que Carson tivesse infligido a ele.

"Volto já", disse Ben por cima do ombro ao entrar no Bloco de Celas E.

Ao contrário das celas bem iluminadas e estéreis da população geral, o Bloco de Celas E era úmido, com o ar cheio de um cheiro de salmoura, pois a parede sul era a mais próxima do mar. Além disso, ao contrário da população geral, as quatro celas do Bloco de Celas E não tinham grades. Em vez disso, elas tinham portas grossas de madeira com um simples orifício no centro, no estilo de uma ranhura de correio, para a entrega de alimentos.

Carson estava na última cela; Ben sabia disso porque ele mesmo o havia colocado lá. Mas mesmo que ele não soubesse, os dois guardas que estavam do lado de fora da porta o teriam avisado.

Ben começou a correr novamente. Enquanto ele corria em direção a eles, o guarda na porta fechou a persiana de metal na abertura de entrega e, em seguida, dobrou-se na cintura e começou a vomitar.

Só então Ben viu o corpo de um terceiro guarda caído no chão, imóvel, no centro do corredor.

"Ei! Que diabos está acontecendo?" Ben exigiu pelo que parecia ser a quinquagésima vez.

O homem que estava vomitando olhou para ele com os olhos injetados de sangue e limpou a boca com as costas da mão.

Ben estava a uma dúzia de metros deles agora e podia ver que havia uma pequena poça de sangue no chão ao redor do guarda caído.

"Sinto muito, diretor", disse o homem. Então ele se curvou e vomitou novamente.

"Que *porra* aconteceu?"

Foi Lenny, um homem alto e grosso com olhos encovados - aquele que o havia chamado até aqui - quem respondeu agora.

"Não sei... ouvimos gritos, saímos correndo, mas aí já era tarde

demais."

Tarde demais?

Ben empurrou o primeiro guarda para o lado e se ajoelhou ao lado do homem no chão.

"Porra", disse ele, desviando o olhar. Respirou rapidamente para se acalmar e se voltou para o corpo.

O guarda estava de costas, com as mãos ao lado do corpo. O sangue não era de um ferimento no pescoço, como ele poderia esperar, já que Carson havia ganhado notoriedade por cortar impiedosamente a garganta de pelo menos treze pessoas, mas de seus olhos.

Os olhos do homem eram buracos escuros cheios de sangue semi-coagulado que tremiam como ovos mal cozidos.

O resto de seu rosto estava coberto de manchas vermelhas.

"Jesus", murmurou Ben. Então seus instintos assumiram o controle. Ele encostou o ouvido no peito do homem, ouvindo o baque do coração ou o chiado de uma respiração.

Ele não ouviu nenhum dos dois.

Ben se sentou e entrelaçou os dedos doloridos, preparando-se para as compressões torácicas.

"Onde diabos está o médico? Você mandou chamar o médico? E por que vocês estão parados? Me ajudem!"

Ele sentiu uma mão em seu ombro, e sua cabeça girou.

"Nós tentamos, diretor, fizemos tudo o que podíamos, mas quando chegamos aqui, já era tarde demais. Sinto muito, eu sei..." A voz de Lenny vacilou. "Sei que você e Quinn eram próximos."

Ben recuou ao mencionar o nome do amigo, lembrando-se da imagem do amigo no refeitório cobrindo o rosto.

"Quinn? Do que está falando? Acabei de vê-lo... vi-o com suas mãos..."

Seus olhos se desviaram do rosto severo de Lenny para o homem no chão, examinando seu uniforme.

A etiqueta em seu peito dizia: Quinn Laughlin.

"Não", disse Ben suavemente. "É um truque, eu só... eu só..."

Ele sentiu a mão em seu ombro novamente, mas deu de ombros.

"É o Quinn; o Carson o pegou. Não sei como, mas..."

"Não!" Ben gritou de repente, tentando e não conseguindo entender o que estava acontecendo.

Acabei de vê-lo, porra! Como...?

Com o coração acelerado no peito, ele limpou um pouco do sangue das bochechas do homem caído.

"Não", ele gemeu.

Era Quinn. Ele não tinha ideia de como, mas definitivamente era Quinn.

Ben se levantou tão rapidamente que teve um ataque de tontura.

"Ben? Você..."

O diretor empurrou Lenny para fora do caminho e se apoiou contra a grossa porta de madeira da cela de Carson.

Sua respiração estava rápida e furiosa agora, e ele podia sentir seus músculos ficando tensos.

Com um movimento de seu pulso, ele empurrou o controle deslizante de metal e olhou para a cela de Carson.

O homem estava nu e sentado de costas para a porta, revelando uma rede de cicatrizes, algumas antigas, outras novas. Sua cabeça raspada brilhava sob a única lâmpada no alto.

"Carson, o que você fez?", ele exigiu. Como o homem não reagiu, ele levantou a voz. "Carson!"

Carson se levantou lentamente, passando da posição sentada para a de pé sem usar as mãos. Em seguida, ele começou a se virar, com as mãos estendidas à sua frente.

"Bem-vindo, Ben."

Carson estava sorrindo.

"Sinto muito por seu amigo Quinn, Ben, sinto mesmo. Mas eu precisava que ele visse."

O olhar de Ben se voltou para as palmas das mãos espalmadas do homem, com um único objeto em cada uma delas.

Seu estômago se revirou e ele quase sucumbiu à vontade de vomitar.

Em cada uma das mãos de Carson havia um dos globos oculares de Quinn, ambos apontados diretamente para Ben.

"Eu precisava que ele visse!" Carson rugiu de repente enquanto corria em direção à porta. "O bode vai ver! Ele está chegando e, quando chegar aqui, ele *verá*!" Então ele começou a rir. "O papai finalmente está voltando para casa! Você não consegue sentir isso, Ben? Não está sentindo?"

Ben deixou a corrediça de metal cair com um ruído e se afastou da porta, suando por todo o corpo.

Os gritos de Carson, vindos de dentro, foram abafados pela madeira grossa, mas suas palavras eram claras o suficiente.

"Você não sente isso em seu peito, Ben? Um aperto? É assim que você sabe, Ben... é assim que você sabe que ele está perto... o Bode está chegando... ele está voltando para casa."

Ben fechou os olhos e se concentrou em bloquear as divagações do louco.

Como isso é possível? Como diabos isso aconteceu?

Sua mão instintivamente foi até a cruz que estava pendurada em seu pescoço e ele a apertou com força.

Com os olhos ainda fechados, ele disse: "Chame o padre Callahan".

Em seguida, ele se ajoelhou e abraçou o cadáver do amigo. "Por

favor, chame o padre Callahan aqui o mais rápido possível."

E então, pela primeira vez em quase duas décadas - a primeira vez desde que sua esposa havia pegado sua única filha e ido embora sem sequer um bilhete - o diretor Ben Tristen começou a chorar.

Parte I - Dias tempestuosos, noites tempestuosas

Capítulo 1

Allan Knox estava na porta da frente dos degraus de cimento rachados e olhava com admiração para a enorme porta de madeira. Seu coração estava acelerado, sua testa suada. Sua mochila, a mesma que ele carregava há anos, de repente parecia pesada demais, as alças mordiam seu casaco, que era leve demais para o ar gelado, e apertavam seus ombros.

Eu deveria ir embora. Eu deveria me virar e ir embora. Eles não precisam de mim.

Ele engoliu com força, tentando descobrir qual seria seu próximo curso de ação.

Talvez eles nem estejam em casa.

Allan se inclinou para trás e olhou para as muitas janelas de chumbo que ladeavam a frente da propriedade. As luzes estavam acesas em várias delas.

Essa teoria não funciona mais.

Allan prendeu os polegares entre as alças da mochila e da jaqueta, aliviando a pressão.

Talvez esta seja a casa errada.

Mas uma rápida olhada ao redor confirmou que era de fato a casa correta. A descrição do querubim com os olhos em X na fonte estava correta. Embora alguém tivesse tentado lavar os Xs, ele ainda podia ver o contorno fraco deles no latão oxidado, na pedra ou em qualquer outra coisa de que ela fosse feita. E não era apenas a estátua; havia outras coisas sobre o local que Robert Watts havia postado on-line que estavam corretas.

Os portões de ferro forjado pelos quais ele havia passado, por exemplo. A longa e sinuosa estrada, os tijolos externos rachados da propriedade.

A maldita porta de madeira gigantesca que parecia que deveria ser usada como ponte levadiça para atravessar um fosso.

Eu deveria ir.

E então, como se acenar com a cabeça fosse confirmar essa como sua decisão final, Allan deu um passo para trás, e depois outro. Um momento antes de se virar e sair, no entanto, ele ouviu o som de um trinco deslizando de dentro da propriedade. Allan ficou tão surpreso com o som que tropeçou para trás. Uma fração de segundo depois, ele

perdeu completamente o equilíbrio, caindo de bunda no chão. Ele gritou e depois fez uma careta ao ouvir o som de metal raspando em metal de dentro de sua mochila.

A porta se abriu e ele se deparou com uma bela mulher de cabelos loiros curtos. Ela o estava observando com desconfiança, com os olhos verdes brilhantes mal visíveis sob a sobancelha franzida.

"Quem diabos é você?", ela exigiu.

Allan engoliu com força, ainda sentindo a dor que irradiava de seu osso da cauda.

"R-R-R-Robert", ele gaguejou.

A mulher juntou os lábios, fazendo uma cara de pato. Ele também achava que ela tinha empurrado um pouco o peito, mas não podia ter certeza, devido ao casaco grosso que ela estava usando.

"Seu nome é Robert? É isso mesmo?"

Allan balançou a cabeça lentamente.

"N-não, mas..."

Ela apontou para seu busto.

"Você está dizendo que eu sou o Robert? *Eu me* pareço com a porra de um Robert?"

"N-não, claro que não, mas..."

Ela acenou para ele e depois se inclinou para dentro da casa.

"Ei, Robert, desça aqui, há uma criança aqui para vê-lo."

Allan franziu a testa e se levantou.

"Meu nome é Allan", disse ele, estendendo a mão para a mulher que permanecia na porta, com as mãos cruzadas sobre o peito agora.

Ela olhou para a mão dele, mas não fez nenhum movimento para apertá-la.

"Então, você *pode* falar. Isso o torna melhor do que a maioria dos visitantes de Robert."

Houve uma certa agitação dentro da casa e, em seguida, um homem de cabelos castanhos e feições estreitas apareceu atrás da bela mulher.

"Sim? O que você quer?", perguntou ele, e Allan não pôde deixar de sorrir. Era Robert Watts, exatamente como ele o havia imaginado depois de encontrar suas postagens on-line há menos de um ano.

Desde que seus pais haviam morrido, há mais de dez anos, Allan queria ser um caçador de fantasmas. Sua paixão só se intensificou quando ele viu os espíritos de seus pais no local do acidente. Desde aquela época, Allan passava quase todas as horas em que estava acordado lendo todos os livros que conseguia encontrar, visitando casas supostamente assombradas e entrevistando os chamados caçadores de fantasmas, mas era tudo besteira.

Isto é, até ele ler sobre *Inter vivos et mortuos*, sobre o livro *Between the living and the dead* - até descobrir sobre Robert Watts, é claro. E

antes de começar a ver os mortos em toda parte.

O rosto inteiro de Allan se iluminou com um sorriso que ele não conseguia nem chegar perto de conter.

"Robert, meu nome é Allan e quero me juntar à sua equipe."

Robert não reagiu como ele esperava; em vez de sorrir, o homem fez uma careta. A mulher, por outro lado, permaneceu estoica.

"Equipe? De que diabos você está falando?"

Allan tirou a bolsa do ombro e começou a abri-la.

"Quero me juntar à sua equipe - quero caçar fantasmas como você, Robert."

Capítulo 2

"Assista ao vídeo e me diga o que está vendo."

O Padre Callahan esfregou os olhos com uma mão artrítica, mas não fez nenhum movimento para se aproximar do monitor. Na verdade, ele nem sequer olhou para ele.

"Estou cansada, Ben. Muito cansada. Se não tivesse sido você quem me chamou, eu nunca teria deixado minha paróquia. Foi uma viagem muito, muito longa, e esses ossos velhos não viajam mais bem. E meus olhos já não funcionam tão bem. Por que não me conta o que aconteceu?"

O diretor observou o homem de túnica preta, a cruz de madeira, quase idêntica à sua, pendurada quase até o umbigo, dada a sua postura curvada. O padre Callahan era velho, muito velho, e o homem tinha razão; ele não estava apto a viajar, não mais. Mas que escolha ele tinha? Quem mais ele poderia chamar? Quem mais acreditaria que seu melhor guarda, seu melhor amigo, tinha tido os olhos arrancados por um psicopata e, ainda assim, tinha visto Quinn a mais de cem metros de onde estava seu corpo morto?

Ben limpou a garganta, massageou as mãos doloridas e depois respirou fundo.

"Eu sei, pai, eu sei. Mas antes de lhe contar o que aconteceu, preciso que assista ao vídeo. Preciso que me diga o que viu. Por favor. Eu sou velho, você é velho, nenhum de nós tem mais tempo para jogos - e esse não é um deles, padre. Eu..." Sua voz embargou, e ele foi forçado a limpar a garganta para evitar que ela se rompesse completamente. "Estou desesperado aqui."

O padre Callahan suspirou, mas colocou os óculos de leitura na ponta do nariz e inclinou a cabeça para trás para olhar através deles e para o monitor de grandes dimensões.

"Obrigado, pai", disse Ben, antes de sua voz mudar para profissional. "Este é o vídeo de vigilância de ontem. Por favor, assistam com atenção."

Ben se inclinou e apertou o play, e o vídeo começou a rodar.

Filmada de cima para baixo e da esquerda, a câmera mostrava o último terço do corredor do Bloco de Celas E e focalizava a porta da cela de Carson, que estava firmemente fechada. O registro de data e hora no canto inferior esquerdo da tela dizia: 5:55. Trinta segundos depois, um homem entrou em cena, percorrendo o corredor com uma bandeja à sua frente.

"Esse é o Quinn. Ele vai deixar a comida, como faz todos os dias, às 5:55. Exatamente às 5:55, todos os dias."

O padre Callahan não disse nada. Ele se inclinou mais para perto.

Na tela, Quinn foi até a porta, bateu uma vez, abriu a corredeira de metal e colocou a bandeja sobre ela.

"Ele deveria esperar..."

Callahan o silenciou, e Ben cerrou a mandíbula. O homem se aproximou ainda mais do monitor, seu cabelo grisalho e crespo agora bloqueava quase toda a visão de Ben da tela. Isso não importava; o diretor já havia assistido ao vídeo dezenas de vezes.

E ele ainda não entendia por que Quinn fazia o que fazia. Foi por isso que ele trouxe o Padre Callahan - isso e o que havia acontecido no refeitório minutos depois.

Os dois se conheciam há muito tempo e, se havia um homem que Ben achava que poderia ter uma visão sobre algo assim, era o padre Callahan.

Havia rumores de que o homem tinha visto algumas coisas... algumas coisas em um pântano que eram igualmente incomuns, inexplicáveis.

Ben tocou novamente em sua cruz.

O bode verá! Papai está voltando para casa.

Ele estremeceu.

No vídeo, a bandeja desapareceu no slot; então, como de costume, Quinn estendeu a mão para deslizar o metal para fechar novamente. Mas quando estava na metade do caminho, ele hesitou, aproximando a cabeça do compartimento como se Carson estivesse dizendo algo para ele.

"Sem som", ele ofereceu, mas Callahan acenou com a mão, indicando que ele deveria manter a boca fechada.

Ben agradeceu.

Foi nesse ponto do vídeo que as coisas mudaram. Depois de ouvir o que Carson havia dito, o rosto de Quinn escureceu de repente, e então ele fez o inexplicável. Seus lábios se moveram, então ele pegou o cinto e folheou as chaves no laço quase que roboticamente. Ele encontrou a chave que estava procurando e a colocou na fechadura. Em seguida, Quinn abriu a porta da cela e entrou.

Foi então que a estática encheu a tela.

De repente, o padre Callahan se inclinou para trás.

"O que aconteceu?", perguntou ele com voz rouca.

Ben deu de ombros.

"Não sei exatamente. Houve algum tipo de pico de energia, as luzes piscaram. Nosso técnico de TI está trabalhando nisso. A empresa de energia disse que não houve nada do lado deles, mas isso acontece de vez em quando." Ele pegou o teclado e começou a avançar rapidamente.

"Não há nenhuma imagem por exatamente três minutos, então" - ele apertou o play, lutando contra as lágrimas agora - "isso".

A estática desapareceu de repente, revelando exatamente a mesma cena de antes, com a porta parcialmente aberta e o corredor vazio. E então Quinn saiu cambaleando, com as mãos cobrindo os olhos, o sangue jorrando entre os dedos. Seu ombro bateu na porta, escancarando-a, e então ele caiu sobre um joelho. Um segundo depois, ele caiu de bruços, imóvel, onde ficou até a chegada dos outros policiais. Mas pouco antes de Lenny e Paul chegarem e o derrubarem, uma figura sombria pôde ser vista do lado de dentro da porta. E então Carson estendeu a mão e fechou lentamente a porta da cela.

Poucos minutos depois, o próprio Ben apareceu na filmagem. O diretor desligou a fita.

"Eu não entendo..." Ben disse baixinho, mais para si mesmo do que para o padre. "Quero dizer, o que faria Quinn entrar lá?"

O padre Callahan ainda estava congelado, com os olhos fixos na tela, agora preta.

"E por que Carson não foi embora? Ele teve a oportunidade perfeita para sair, mas não o fez. Em vez disso, ele realmente *fechou* a porta da cela. Por que ele faria isso, pai?"

Ben estalou os nós dos dedos, as juntas retorcidas rangendo em vez de estalar em protesto. Em seguida, cerrou os dentes e flexionou os músculos dos braços e do peito.

"Que diabos o levaria a fazer isso?"

O padre Callahan finalmente se afastou da tela.

"Como você sabe, Ben, meus olhos não funcionam tão bem quanto antes. Na verdade, eles quase não funcionam. Mas acho que vi os lábios do guarda se moverem antes de ele entrar na cela. Você percebeu isso?"

"Uh-huh. Como eu disse, sem som... Tentei diminuir a velocidade, aumentar o zoom e tudo mais. Ainda não consigo entender. Parece uma "torrada", talvez. "Ghost"? "Aveia"? Não faço a menor ideia."

De repente, o padre Callahan recuou como se tivesse sido atingido no peito. O homem cambaleou para trás, e Ben se levantou rapidamente e agarrou o padre idoso antes que ele caísse.

"Callahan, você está bem?"

O homem se levantou e segurou os ombros de Ben, respirando profundamente.

"N-n-não", ele gaguejou. "Não é aveia, mas *cabra*. E a razão pela qual o homem não foi embora é que ele está esperando que alguém venha buscá-lo."

Ben sentiu um calafrio subir por sua espinha.

A cabra verá... O papai está voltando para casa.

Capítulo 3

"Deixe-me ver se entendi, você leu sobre mim... sobre nós... na Internet? Você acha que somos algum tipo de caça-fantasmas dos dias de hoje?"

Seis meses haviam se passado desde a remoção do Seventh Ward, mas para Robert Watts, ainda parecia que tinha sido ontem. E sua claudicação era um lembrete perpétuo de seu tempo lá.

O garoto no sofá em frente a ele olhou para baixo.

"Eu não quis - quero dizer, não quis ofendê-lo nem nada..."

"Como, exatamente, você descobriu sobre mim?" Robert perguntou bruscamente.

Allan olhou para cima.

"Você não foi tão difícil de encontrar, não mesmo. Quero dizer, eu não sabia exatamente o que estava procurando no início, mas eu sempre percorria os sites - os ocultos, como onde eu encontrei você - fazendo perguntas específicas, tentando encontrar qualquer coisa sobre a medula, sobre a quiddidade, sobre espíritos presos neste lado. Foi assim que encontrei você".

A cerveja de Cal transbordou e a espuma espirrou no chão após a menção de *Marrow* e *quiddity*. Robert lhe lançou um olhar e, em seguida, seus olhos se voltaram para Shelly. Ela estava de pé atrás do homem - garoto, *ele é apenas um garoto* - com os braços cruzados sobre o peito e os lábios apertados com força.

Pose típica de Shelly.

"O que você sabe sobre a medula?" Robert perguntou acusadoramente.

O olhar do garoto caiu novamente.

"Olhe, me desculpe - eu vou embora se você quiser. Não estou procurando problemas. Apenas pensei... quero dizer, quando meus pais morreram há tantos anos, eu os vi... quero dizer, eu os vi mesmo *depois que* seus corpos se foram. E isso me levou a esse caminho. Quero saber sobre eles, sobre onde estão, como estão, *quem* são. Encontrei algumas coisas na Internet, mas não muito. Nada além do que vocês provavelmente já leram, sobre a areia, a água, a quiddidade. E depois há o livro; eu sempre ouvia falar desse livro, *Inter vivos et mortuos*. Quase desisti também, mas recentemente tenho visto mais..."

"Espere, você viu seus pais? Você viu a quiddity?" Cal interrompeu.

Allan acenou com a cabeça.

"Às vezes, apenas com meus olhos, mas nem sempre - espere um segundo." O garoto se abaixou e começou a abrir o zíper da mochila.

Shelly tirou os braços do peito.

"Não, espere um segundo", disse ela, dando um grande passo à frente. Allan ergueu o pescoço para olhá-la, com as sobrancelhas erguidas.

Ela estendeu a mão.

"Deixe-me ver sua bolsa primeiro."

O garoto fez uma careta e Robert se inclinou para trás.

"Acalme-se, Shelly. Ele é apenas um garoto, ele é..."

Ela olhou para ele com os olhos arregalados.

"Sim, vamos nos prevenir, está bem?" Ela encostou o queixo nas três cicatrizes paralelas que iam da bochecha de Cal até o lábio superior. "Você se lembra do que aconteceu da última vez, quando fomos pegos de surpresa? Lembra..."

Robert acenou com um braço.

Ele não estava com vontade de relembrar o passado.

"Tudo bem, tudo bem. Verifique a bolsa".

Allan acenou para ele como se estivesse esperando a permissão de Robert antes de entregá-la.

Shelly fez uma careta enquanto vasculhava a miríade de câmeras e outros equipamentos de aparência estranha. Allan se encolheu com o som de metal raspando, mas ela acabou dando de ombros e o devolveu.

"Apenas um monte de merda de voyeur - Cal, você provavelmente tem o mesmo em seu quarto para me espiar no chuveiro."

Cal não sorriu.

"Muito engraçado."

"Pessoal, deixem-no falar", implorou Robert. Depois, para Allan, ele disse: "Você estava falando sobre com os olhos ou...?"

O medo e a ansiedade que estavam estampados no rosto do garoto desde que ele chegou - nervosismo, provavelmente, embora a ideia de que era por causa do encontro com Robert o deixasse desconfortável - de repente desapareceram.

"Sim, às vezes eu as vejo com meus olhos, mas o que descobri é que com isso" - ele tirou uma câmera DSLR de aparência normal da bolsa e mexeu nas lentes - "eu consigo ver mais." Ele levantou uma sobrancelha. "*Muito* mais."

Cal fez uma careta.

"Há mais deles?"

Allan sorriu, o que o fez parecer ainda mais jovem do que seus dezoito anos ou mais.

"Ah, sim, muitos mais - mas isso foi só recentemente. Durante anos, eu só pegava um ou, se tivesse sorte, dois por mês, procurando em um cemitério ou em um acidente. Mas recentemente..." Ele respirou fundo. "Recentemente, eles estão *por toda parte*. Você sabe o que eu acho?"

Ninguém respondeu, mas Allan continuou mesmo assim, empurrando seus óculos redondos para cima da ponte de seu pequeno nariz.

"Acho que algo está acontecendo. Algo está mudando."

Robert engoliu com força, com os últimos comentários de Sean Sommers se repetindo em sua mente.

O homem avisou que nunca mais voltaria, que a divisão entre este mundo e o deles - o mundo ardente de Leland Black - estava ficando mais fina a cada dia.

Ele é seu pai.

Ele balançou a cabeça. Leland não era seu pai; Sean estava fora de si com essa história.

"Como sabemos que você não é apenas uma farsa? Um repórter pirata ou algo assim, um príncipe nigeriano que quer nossos cartões de crédito?" perguntou Shelly, com voz severa.

Allan olhou diretamente para Robert quando ele falou.

"Porque", disse ele, mexendo na lente na extremidade da câmera. Ele apertou um botão e uma luz vermelha se acendeu. "Eu posso lhe mostrar."

Capítulo 4

"**Você é um homem** de fé, Ben, eu sei disso", disse o Padre Callahan, com a voz embargada. "Embora tenha deixado minha paróquia anos atrás, posso dizer pela maneira como você mexe na sua cruz - a que eu lhe dei - que você é um bom aluno de Deus."

Ben assentiu com a cabeça enquanto o homem torto falava. Eles já haviam desligado os monitores e estavam sentados na sala da equipe, um em frente ao outro.

"Sim, eu acredito, pai. Desde então... bem, há muito tempo, tenho tentado permanecer fiel." Ele olhou em volta para as paredes brancas e simples, as mesas de plástico; mesmo na sala dos funcionários, as mesas eram feitas de plástico fino, para o caso de os detentos conseguirem entrar aqui. "Especialmente neste lugar."

O Padre Callahan assentiu com a cabeça e, por um minuto ou mais, nenhum dos dois disse nada. O silêncio deixou Ben desconfortável, o que era estranho, já que ele geralmente ficava sozinho com seus pensamentos.

E ele geralmente gostava.

Agora, no entanto, sua mente estava repleta de imagens horríveis de seu amigo, com as mãos coladas ao rosto, e de Carson, segurando os olhos com as palmas das mãos, com um sorriso lascivo no rosto.

O bode...

Mas Ben não interrompeu a linha de pensamento do Padre Callahan. O homem não era um desses padres tagarelas que ele sempre via na TV, vomitando todos os clichês religiosos que lhe vinham à mente. Em vez disso, Callahan era um homem que escolhia suas palavras com sabedoria. E parecia que dessa vez, considerando o que havia acontecido, o homem estava sendo muito cuidadoso.

O padre Callahan limpou a garganta, e Ben saiu de sua cabeça.

"Ben, acho que devo lhe contar uma história. Uma história que ouvi há muito tempo, mas acredito que de repente ela se tornou importante." Ele fez uma pausa, e Ben esperou que ele recuperasse o fôlego. "Mas não aqui. Não neste lugar. Seaforth tem uma paróquia?"

Ben acenou com a cabeça.

"Sim, mas ela não é usada há anos. Depois do último motim, nós o fechamos. Os presos estavam usando-a como um local seguro para trocar cartas, contrabando, etc. E o padre Regis estava fazendo vista grossa para isso ou estava realmente contribuindo para isso - nunca descobrimos o que era, mas ele foi demitido e a paróquia ficou fora dos limites. Também havia alguns problemas de segurança com o local; a fechadura eletrônica continuava falhando. Tivemos que substituí-la por uma antiga".

O padre Callahan franziu a testa, mas assentiu. Ben também sabia que ele era um homem compreensivo.

E o padre era um dos poucos privilegiados o suficiente para saber que tipo de prisioneiros eles mantinham na Prisão de Seaforth.

O pior tipo.

Do tipo *Carson*.

"Vamos até lá", disse o padre idoso. "E depois conversaremos."

"Quando eu era bem mais jovem, participei de um exorcismo... que falhou. Muito ruim. Foi... muito desagradável", disse o padre Callahan. Quase completamente cego, o homem tinha uma maneira de olhar para um lado enquanto falava que Ben achou um pouco enervante. "Depois disso, por muito tempo, procurei saber o que acontecia com as pessoas depois que elas morriam. Como padre, eu achava que sabia, mas..." Ele balançou a cabeça. "Então, um homem veio à minha paróquia com dois presentes e um livro."

"Presentes?"

O padre Callahan acenou com uma mão artrítica.

"Outra história para outra ocasião. Mas o livro - o homem também trouxe um livro chamado *Inter vivos et mortuos*."

O padre esperou e, por fim, Ben balançou a cabeça ao perceber que o homem estava esperando uma resposta.

"Nunca ouvi falar."

O padre Callahan inclinou a cabeça para o outro lado.

"Não, claro que não - muito poucos o fizeram. Não restam muitos segredos neste mundo, isso você já deve saber, mas este, o *Inter*, é um deles. E eu nunca contei a ninguém sobre ele antes."

O diretor pegou seu copo de isopor e tomou um gole de seu café, agora morno. Estava muito amargo e ele fez uma careta ao engolir.

Ben também tinha seus segredos, inclusive ter visto Quinn andando por aí depois de ter sido assassinado. Ele balançou a cabeça.

Isso não era real. Não poderia ter sido real.

"O livro está todo em latim e as páginas... eram muito velhas, quase se desfazendo. Levei muito tempo para traduzi-lo palavra por palavra. Não foi apenas o que o homem que me deu o livro disse sobre ele, foi também o próprio livro. Toda vez que eu o segurava, toda vez que meus dedos tocavam a capa de couro escuro, eu sentia que ele tinha poder. Eu não confiava em ninguém para lê-lo, então tive que aprender latim para traduzi-lo sozinho. Isso levou tempo... muito tempo. E sem ninguém para dar uma olhada, eu ficava me questionando".

Ben tomou outro gole de café e resistiu ao impulso de interromper.

Ele não fazia ideia de como essa história de livro iria ajudá-lo a entender o que havia acontecido com Quinn.

"Sei que você tem coisas para fazer, Ben", disse o pai, como se estivesse lendo sua mente, "mas tenha paciência. Mesmo quando era muito mais jovem, você lutou com a arte de apenas esperar e observar. Você verá que esperar e observar o ajudará muito no futuro. Por favor, permita-me levar meu tempo".

Ben mordeu o lábio e flexionou os bíceps involuntariamente. Ele respeitava e confiava no Padre Callahan, mas, como diretor da Prisão de Seaforth, não estava acostumado a que lhe dissessem o que fazer.

Mesmo assim, ele engoliu seu orgulho e esperou que o homem continuasse.

Paciência... como os três minutos que Carson usou para arrancar os olhos de Quinn.

"*Inter vivos et mortuos* conta apenas uma história, uma história simples de uma época em que a terra dos vivos e a dos mortos se aproximam - onde se tocam. Como um homem do clero, acredito em uma alma eterna, assim como você, Ben. E eu *costumava* acreditar em um céu e um inferno. Mas esse livro, essa história, se preferir, não descreve o céu e o inferno como lugares diferentes, mas como o *mesmo* lugar. E nesse lugar, você tem uma escolha: permanecer inteiro e queimar, ou se jogar no mar, *perder-se* e reabastecer a quiddidade."

"O quê?" perguntou Ben.

"Quiddity".

O diretor balançou a cabeça. Ele estava começando a pensar que trazer o padre Callahan para Seaforth tinha sido uma má ideia. O homem estava falando como se tivesse algum tipo de demência, um distúrbio.

Céu e inferno em um só lugar? Quiddidade?

O que ele esperava que o homem fizesse aqui, afinal? Especialmente se ele não estava disposto a lhe contar sobre Quinn.

O padre Callahan continuou, mais lentamente dessa vez.

"Não importa. O que importa é que este lugar... costumava ser uma rua de mão única. Você vai lá, toma sua decisão e pronto. Mas, ultimamente, as coisas estão mudando. As coisas estão se tornando mais fluidas neste lugar. As pessoas estão voltando. E se esse portal se abrir, as coisas que virão para o nosso mundo..." Ele fez uma pausa e olhou para um lado novamente. "Bem, essas coisas farão com que Carson pareça um ursinho de pelúcia."

"É como o apocalipse? Algo do gênero?" Ben perguntou suavemente.

O Padre Callahan refletiu sobre isso por um momento.

"Talvez... mas, para ser sincero, não sei ao certo. Esse livro, essa história, bem, não está exatamente em sintonia com os princípios do

catolicismo, como você pode perceber. Mas, Ben, ela deve ser levada muito, muito a sério. Algumas das coisas que tenho visto e ouvido ultimamente, sobre uma mulher no pântano..."

O homem balançou a cabeça, com o rosto delineado e flácido. Quando voltou a falar, sua voz estava tão baixa que Ben teve de se inclinar para perto para entender as palavras.

"Há algo acontecendo com nosso mundo, Ben. Algo muito, muito errado."

Apesar de ter quase certeza de que o homem havia começado a perder a cabeça, a maneira como as palavras saíram da boca do velho - com tanta *convicção* - *gelou o sangue* de Ben.

"O que isso tem a ver comigo, pai? O que isso tem a ver com o que aconteceu aqui? Com o Carson?"

Ele pensou ter visto o padre engolir com força.

Isso foi... isso foi medo?

Ben não podia ter certeza, mas achava que talvez fosse. E isso foi mais do que suficiente para fazer Ben hesitar. O Padre Callahan podia ser franco, direto e honesto até demais, mas uma coisa que ele nunca teve foi medo.

Exceto agora.

O padre assentiu lentamente com a cabeça.

"O lugar se chama Marrow, Ben, e o homem responsável se chama Goat."

Capítulo 5

"Três... não, quatro quiddity." Allan apertou os olhos com força através da lente, que ele girou em torno da sala. "Não, três."

Ele baixou a câmera.

"Não tenho certeza, há algo estranho acontecendo com o quarto. Mas sei que, há menos de um ano, havia três quiddity aqui, neste lugar. Fortes, também. Aqueles que definitivamente deixaram uma marca."

Robert olhou rapidamente para Shelly e Cal. A primeira claramente não estava acreditando em nada disso. Cal, por outro lado, parecia extasiado com o interesse.

O cheque que Sean lhes dera foi descontado sem problemas e, fiel à sua palavra, Cal começou a se exercitar com mais regularidade. Robert, por outro lado, estava bebendo com mais frequência, e a hora de sua bebida preferida - uísque, sempre uísque - aumentava cada vez mais cedo a cada dia.

E Shelly não teve problemas em se juntar a ele. Ela havia se juntado a ele em muitas coisas ultimamente.

Eles não haviam conversado muito sobre o que havia acontecido na Sétima Ala; todos eles só queriam colocar e deixar aquela noite horrível para trás. Mas Robert havia flagrado Cal olhando para as três marcas de queimadura em sua perna várias vezes, apesar de usar calças sempre que possível, e ele sabia que seu amigo não estava totalmente satisfeito com a quiddity ou com o Marrow.

E isso o assustou - aquele olhar o assustou.

No início, Robert tentou encontrar Sean novamente, para exigir respostas a mais perguntas, mas o homem parecia não existir. Era raro, nos dias de hoje, não encontrar absolutamente nenhum rastro de uma pessoa on-line, mas esse parecia ser o caso de Sean.

Leland... ele é seu pai...

Ele também procurou por LBlack, mas o homem havia desaparecido. De qualquer forma, não poderia ser ele, assim como não poderia ser seu pai. Ele tinha um pai e uma mãe, pessoas legais que haviam morrido em um acidente há alguns anos. E seu pai, Alex Watts, nunca tinha usado uma jaqueta jeans.

Então, Robert se resignou a ficar sentado e esperando, bebendo todos os dias para ajudá-lo a esquecer a voz de sua filha, os rostos no fogo.

Ele até tentou esquecer a areia e as ondas.

E isso funcionou surpreendentemente bem.

Até que Allan bateu à porta alguns minutos atrás.

"Eles deixam uma marca? Um rastro de algum tipo?" perguntou

Robert, seu interesse foi subitamente despertado.

Allan acenou com a cabeça.

"Sim, na maioria das vezes - depende. Quanto mais tempo os espíritos ficam aqui, mais tempo sua marca permanece."

"O que isso significa?"

Allan deu de ombros.

"Achei que você poderia me ajudar com isso."

"Deixe-me perguntar uma coisa, Allan", interveio Cal. "Você já viu um espírito?"

"Porra, pare de chamar isso de espírito", disse Shelly.

Cal lhe deu uma olhada.

"Tudo bem", disse ele lentamente. "Quiddity... quid? Podemos chamá-los de quid, Vossa Alteza?"

Shelly deu um passo à frente, e Robert ergueu as mãos.

"Que diabos está acontecendo com vocês? Apenas mantenham a calma. Jesus."

A expressão de Shelly se tornou amarga, mas ela não respondeu; um progresso para ela.

Cal se voltou para Allan.

"Você já encontrou alguma coisa usando sua câmera que *não pode* ver com seus olhos?"

Allan olhou para ele como se ele tivesse algum tipo de deficiência mental.

"Sim, claro. Cerca de 50/50, na verdade. Na maioria das vezes, é depois de acidentes de carro e outras coisas horríveis."

Robert tomou um gole do uísque em sua mão.

"O que tudo isso tem a ver conosco, Allan?"

"Eu quero ajudar. Consegui enviar meus pais para o outro lado há uma década, mas não tenho certeza de como fiz isso. E, meu Deus, eles ficaram gratos. Eu só quero ajudar, só isso".

Robert mastigou a parte interna de seu lábio. Ele havia se esforçado muito para esquecer todo esse mundo e suas implicações.

Mas se esse garoto... se ele e suas estranhas câmeras pudessem oferecer um verdadeiro caminho de volta, uma maneira de trazer Amy de volta, então talvez...

Robert balançou a cabeça.

Não é possível. Sean se foi. O resto é... o resto é apenas um sonho ruim. Amy se foi. Sua vida está aqui.

"Allan", disse ele com um suspiro pesado. "Obrigado por ter vindo, por nos mostrar seu equipamento. É realmente fascinante, mas acho que você teve uma impressão errada sobre nós - interpretou mal o que eu publiquei on-line."

Robert se levantou, e o rosto de Allan se abaixou.

"Uau, espere um segundo..." Cal também se levantou. Ele indicou a

si mesmo, Robert e Shelly com um gesto circular. "Nós deveríamos conversar sobre isso, pessoal. Talvez..."

Robert balançou a cabeça.

"Não, já terminei de falar."

Ele estendeu a mão para que Allan a apertasse, e o garoto estendeu a sua timidamente.

"Robbo? Isso não é..."

Robert apertou a mão de Allan e indicou que ele deveria se dirigir à porta. Shelly seguiu de perto o jovem.

"Não, Cal", disse Robert com firmeza. "Isso acabou - acabou. Não sei o que aconteceu com você naquela época, com seu amigo, mas não vamos mais viver nesse mundo."

Cal levantou as mãos.

"Meu amigo? Que *porra* você sabe sobre meu amigo?"

Robert ficou surpreso com a súbita agressividade do amigo. Esse não era o Cal que ele conhecia, o pateta, de boa índole, mas muito franco, teórico da conspiração.

Era outra pessoa.

"Nada, mas já terminamos..."

Os olhos de Cal se arregalaram.

"Já está pronto? *Já está?* Quem morreu e o fez rei? O que o tornou tão especial, Robbo?"

Uma dor repentina na panturrilha de Robert fez com que ele fizesse uma careta e quase cedeu.

"Porra", ele jurou, curvando-se para massagear a parte inferior da perna.

"Isso o torna especial? Por que você não nos conta a verdade sobre o que aconteceu com você na ala, Robbo, sobre como você ficou com essas cicatrizes?" Ele deu mais um passo à frente. "Enquanto você está nisso, por que não conta à Shelly sobre o que Sean lhe disse? O quê? Sim, é isso mesmo, eu ouvi o que ele disse a você na varanda. Você acha que eu sou um idiota? Você acha que..."

"Já chega, Cal!" Robert gritou.

"Por quê? Quem...?"

E foi isso; Robert perdeu o controle.

"A casa é minha, portanto, as regras são minhas. Você não gosta, Cal? Então talvez você deva procurar outro lugar para morar. Vá, dê o fora daqui."

Os olhos de Cal se estreitaram e ele apontou um dedo para o peito de Robert.

"Sua casa? *Sua* casa? Se não fosse por mim e pela Shelly aqui, você estaria apodrecendo na Marrow. Porra, nós também salvamos sua pele em Pinedale, para que não se esqueça disso também? Então, a casa é sua? Por quê? Porque seu nome está na escritura porque Sean

Sommers, de alguma forma, conseguiu que ela fosse assinada por uma mulher morta? Bem, que se dane isso".

Robert ficou surpreso com a súbita e intensa raiva de seu amigo. Ele se virou e viu Allan olhando para os dois, com os olhos arregalados.

"Shelly, acompanhe o Allan até a saída, ok?"

A mulher agradeceu, chegando por trás de Allan e empurrando-o para frente.

"Está na hora de ir embora, rapazinho", disse ela suavemente. "A mamãe e o papai estão brigando de novo."

"Não, você sabe o quê?" disse Cal, atraindo o olhar de Robert de volta. "Que se dane isso - você quer que eu saia? Então eu vou embora. Eu nem quero ficar aqui."

Ele terminou sua cerveja e passou por Robert, quase batendo nele no processo.

"Vamos, Allan. Eu o acompanharei até a saída."

"Cal..."

Cal virou as costas e agarrou Allan com força pelo braço. Em seguida, ergueu o dedo médio para Robert.

"Vá se danar, Robert - vá se danar com seus segredos, mentiras e besteiras mais sagradas do que você."

E então ele saiu com Allan, deixando Robert parado, com a boca aberta.

Que diabos acabou de acontecer?

Capítulo 6

O diretor Ben Tristen exalou lentamente e depois esfregou os olhos. A iluminação dentro da capela era fraca, e o crepúsculo se infiltrava pelo único vitral acima do altar. Enquanto olhava para o Jesus na cruz feito de vidro colorido, ele se perguntou se o Padre Callahan estava apenas confuso, até mesmo senil.

E quanto a Jesus? Deus e tudo mais?

Alegorias, Ben; alegorias para a medula, a cabra, o mar.

Ele ficou perplexo com o fato de um homem como Callahan - um padre, nada menos - ter abandonado sua fé por outra. Mas não cabia a ele questionar, supôs.

Ben olhou para a janela e percebeu que era a única em toda a prisão que não estava coberta por grades. Então ele balançou a cabeça. Isso não importava. A Prisão de Seaforth estava localizada em uma ilha a mais de vinte milhas da terra. Mesmo que um dos detentos fugisse, não poderia ir a lugar algum.

De repente, um raio atravessou o céu, iluminando a coroa de espinhos na cabeça de Jesus.

"Então... e agora?", disse ele após uma longa pausa.

O padre Callahan o surpreendeu ao se levantar.

"Preciso ver o presidiário - ver Carson", disse ele simplesmente.

Ben olhou para seu velho amigo com desconfiança. Ele era torto, com a coluna vertebral curvada como um galho murcho. Seus olhos eram de um branco gelado devido à catarata, e sua pele era como couro deixado ao sol por tempo demais.

Ele balançou a cabeça.

"Não acho que seja uma boa ideia, pai."

"Você está preocupado comigo?"

Ben acenou com a cabeça.

"Não apenas o senhor, pai. Estou preocupado com *qualquer* pessoa que entre lá... você viu o que o Carson fez com o Quinn. Ele vai ficar sozinho por muito, muito tempo".

Ele percebeu que foi definitivamente um erro trazer Callahan para cá.

Ir ver o Carson? Ele está definitivamente fora de si.

De jeito nenhum. De jeito nenhum.

O Padre Callahan pareceu refletir sobre isso por um momento.

"Isso é maior do que eu, Ben. Além disso, estou velho; meu tempo nesta terra está quase esgotado. Não importa o que aconteça comigo."

Ben se levantou e colocou uma mão gentil no ombro do homem.

"Eu não conseguiria viver comigo mesmo se algo acontecesse com você, pai. Eu mal posso..." Ele respirou fundo. "Eu não deveria ter

deixado nada acontecer com Quinn, e não deixarei nada acontecer com nenhum dos outros."

O pai fez uma careta.

"Ben? Eu não acho que..."

Novamente, o diretor balançou a cabeça.

"Quero lhe agradecer por ter vindo até aqui, padre. Sua presença, se não fosse outra coisa, fez com que eu me sentisse mais confortável. E a história... obrigado por compartilhar. Um dia, em breve, tomaremos um uísque e falaremos mais sobre isso - o que foi? *Entre os vivos e os mortos*? Sim, teremos uma boa e longa conversa. Mas, por enquanto, acho que é melhor você voltar para o continente. Preciso descobrir como tirar o corpo de Quinn da ilha".

O Padre Callahan pegou sua bengala e colocou a mão enrugada em volta do cabo. Ele deu um passo, com a orientação de Ben, mas parou abruptamente.

"Ben, por que você realmente me chamou aqui?"

Ben olhou para seu amigo e hesitou.

"Não foi só para me mostrar um vídeo de seu amigo Quinn, foi? Quero dizer, não sou psicólogo, apenas um padre velho e frágil."

O diretor manteve-se calado. A maneira como o padre estava se comportando, as coisas que beiravam a blasfêmia que ele dizia, não faria bem a nenhum deles mencionar o que ele tinha visto.

De repente, um sorriso surgiu no rosto delineado do homem.

"Você o viu, não foi? Você viu o homem depois que ele morreu."

Uma visão de Quinn, segurando seu rosto enquanto corria para o refeitório, passou por sua mente e Ben estremeceu.

"Ben, por favor, *preciso* ver o Carson. Se você viu seu amigo, então as coisas estão piores do que eu pensava. As coisas estão se acelerando. Nós - eu - precisamos parar isso."

Outra pausa.

"Ben, por favor."

"Suponha que eu acredite nisso, padre, em tudo o que o senhor está dizendo, e suponha que eu tenha visto o espírito do meu amigo. Como falar com Carson vai me ajudar? O que o senhor vai fazer? Como o senhor poderia detê-lo?"

"O homem... o homem que me deu o livro, ele me transformou em um Guardião, Ben. Um Guardião da Medula. *Eu* posso deter Carson. Está no *Inter vivos et mortuos*; a fenda pode ser fechada, mas somente por um de nós. E somente antes que ela esteja totalmente aberta".

Ben apertou os olhos com força.

Guardião.

As histórias estavam ficando mais fantásticas quanto mais ele falava com o padre. Seu amigo. Seu amigo que claramente precisava de ajuda. Ele queria poder levar o padre Callahan para falar com

Carson, mostrar-lhe que o homem era apenas um psicopata comum, que estranhamente dizia coisas semelhantes às que ele estava dizendo agora, e deixá-lo perceber que não havia nenhum portal secreto para outro mundo no Bloco de Celas E.

Claro, havia morte e maldade, disse Ben não tinha dúvida. Só que isso veio na forma de um ser humano desprezível chamado Carson Ford.

"Não", disse ele simplesmente. "Eu vou tirá-lo da ilha, pai."

O homem abaixou a cabeça como se finalmente aceitasse seu destino. Mas ele ainda não havia terminado, não exatamente.

"E quanto ao espírito de seu amigo, Ben? Aquele que você viu depois que ele morreu?"

Ben balançou a cabeça.

"Não era real, era apenas estresse. Agora, por favor..."

"Seu amigo não é o único morto aqui, Ben. Vi vários outros quando cheguei de barco. *Temo* que este lugar - esta prisão - *tenha* um papel muito importante a desempenhar nessa fenda entre os mundos. É por isso que *preciso* falar com Carson."

Ben balançou a cabeça novamente.

O padre estava tão certo, tão convencido de suas próprias palavras, que era contagiante. Flexionando os bíceps, Ben voltou ao seu lugar seguro. O lugar que ele entendia. O papel que ele havia ocupado por quase duas décadas.

Ben Tristen era o diretor da prisão de Seaforth, e nada aconteceria a ninguém mais enquanto ele estivesse no comando.

"Não", disse ele severamente. "Sinto muito, pai, mas não posso deixá-lo ver o Carson. Mais uma vez, agradeço por ter vindo, mas preciso insistir que volte para o continente agora. Vou providenciar o barco para buscá-lo".

De repente, um relâmpago iluminou a sala novamente, e os olhos de Ben se voltaram para o vitral.

A chuva está chegando.

Ele gentilmente guiou o padre até a porta.

"E acho que devemos nos apressar... há uma tempestade se formando."

O Padre Callahan sacudiu a mão de Ben e se apoiou em sua bengala.

"De fato", disse ele, sua voz rouca assumindo uma qualidade estranha e distante. "Há uma tempestade chegando."

Capítulo 7

"Você acha que ele sabe sobre nós?" perguntou Shelly, com a mão passando suavemente sobre o peito nu de Robert. Robert respirou fundo.

"Você quer dizer Allan?"

Shelly o beliscou e ele se encolheu.

"Não é o Allan, pelo amor de Deus. O Cal. Você acha que ele sabe?"

Robert imaginou a forma como seu amigo havia se descontrolado, como havia saído correndo.

Claro, ele *poderia* saber sobre eles, e Cal tinha uma veia ciumenta.

Por que não nos conta o que Sean lhe disse? Sobre o que realmente aconteceu na Sétima Ala?

Também pode ser isso.

E havia também as faixas coloridas na câmera de Allan equipada com lentes especiais, faixas que a quiddity havia deixado para trás.

Está agindo de forma estranha ultimamente, Robbo? Está ficando mais irritado do que o normal?

Pode ser isso também.

Ou pode ser apenas o Cal sendo o Cal.

Foda-se.

"Não sei, Shelly. Eu conheço o Cal há... o quê? Quinze anos? Ele é... diferente."

A mão dela foi até o umbigo dele, causando um arrepio na espinha.

"Eu o conheço há menos de um ano, e você não precisa me dizer que ele é *diferente*."

Robert suspirou.

As coisas não tinham ficado mais fáceis desde a Sétima Ala; na verdade, tinham se tornado mais confusas.

Leland é seu pai...

Robert fez algumas pesquisas sobre seus pais, mas não conseguiu encontrar nada de significativo. Seu primeiro pensamento foi que talvez ele tivesse sido adotado, mas ele não encontrou nenhum registro disso. Todas as evidências sugeriam que ele era de fato filho de Alex e Helen Watts, um advogado e uma dona de casa. Boas pessoas que fizeram o melhor para criá-lo antes de falecerem tragicamente em um acidente de carro. E ele também tinha boas lembranças. Bons momentos jogando beisebol com o pai, assando biscoitos com a mãe. Mas o comentário de Sean, por mais inócuo que fosse, havia provocado uma cisão em sua mente. Seria tudo falso? Uma invenção?

E, o que é mais importante, isso importa?

"No que está pensando?" perguntou Shelly. Ela estava com a cabeça

apoiada no peito dele enquanto estavam deitados um ao lado do outro na cama e voltou os olhos brilhantes para encontrar os dele.

"Nada", mentiu Robert, desviando o olhar.

"Você está mentindo", sussurrou ela, mas depois passou a mão por baixo dos lençóis, com as pontas dos dedos roçando levemente a parte interna das coxas dele. "Mas não tem problema, vou lhe dar algo em que pensar".

Ela se apoiou nos cotovelos e abaixou o rosto até o dele. Seus lábios, apesar do tamanho avantajado, eram incrivelmente gentis, roçando os de Robert como se fossem travesseiros macios e aveludados. Em seguida, a língua dela se aproximou, igualmente gentil, e ele sentiu outro tremor.

Shelly sorriu, e sua mão passou da parte interna da perna dele para o meio dos dois.

Robert endureceu instantaneamente.

"De novo?", ele sussurrou, engolindo com dificuldade.

O sorriso de Shelly aumentou e ela assentiu vigorosamente com a cabeça.

"Sim, novamente", disse ela.

Robert se aproximou, agarrou os quadris dela e, em um movimento fluido, colocou-a em cima dele. Em seguida, puxou a cabeça dela para perto e a beijou novamente, ao mesmo tempo em que a penetrou.

Robert rolou de costas, respirando pesadamente, com o cabelo e o rosto encharcados de suor.

"Isso foi..."

Shelly, que estava de costas, virou-se e colocou um dedo em seus lábios, silenciando-o. Seus olhos brilhavam e todo o seu corpo estava coberto por um brilho fino. Seus olhos brilhavam e todo o seu corpo estava coberto por uma fina camada de brilho.

Não havia necessidade de dizer isso.

Em seguida, ela rolou para uma posição sentada e Robert ficou maravilhado com o corpo dela. Embora ela estivesse de costas para ele, ele ainda podia ver a lateral de seu grande seio, com os mamilos pequenos e rosados ainda duros, e ele sorriu.

Shelly estendeu a mão para pegar algo no chão, e Robert apoiou a cabeça no cotovelo e começou a traçar a coluna dela com os dedos.

A primeira vez que eles fizeram sexo foi desajeitada, como virgens adolescentes desajeitados, e acabou cedo demais, e Robert era o culpado por isso. Fazia tanto tempo que ele não fazia sexo e, mesmo quando Wendy estava viva, tinha sido estritamente missionário. Mas com Shelly... sua liberdade e *experimentação* eram libertadoras.

E era divertido também. Algo que havia faltado muito em sua vida antes dela.

A segunda vez tinha sido melhor, a terceira e as ocasiões

subsequentes foram nada menos que incríveis. À medida que as endorfinas inundavam seu sistema, elas usurpavam a sensação de culpa que não tinha outro propósito a não ser incomodá-lo.

Sentimentos de culpa infundados com base em Wendy.

Ela o tocou mesmo depois do túmulo.

Shelly pegou algo e Robert tentou se inclinar para dar uma olhada, mas ela se virou de costas para ele, bloqueando sua visão.

"Com o que você está brincando?", ele perguntou timidamente. Ele estava aberto a novas experiências, com certeza, mas o clique metálico e o subsequente zumbido de um pequeno motor o deixaram nervoso.

Ele tinha limites - afinal, era um contador.

"Shel?"

Em um primeiro momento, ela não respondeu. Então Robert ouviu outro clique e ela girou, com a câmera apontada diretamente para ele. Instintivamente, ele colocou as mãos na frente do rosto.

"O quê, você está ficando tímido comigo, Rob?", provocou ela, tirando várias fotos.

Robert olhou para a câmera.

"Largue isso, Shel. Estou falando sério. Não estou com vontade".

Shelly tirou mais algumas fotos.

"Shelly, estou falando sério."

Ela baixou a câmera.

"Você não é divertido."

Robert olhou para a câmera enquanto ela a ligava e mexia em algumas das configurações. Então, sua sobrancelha se franziu ao reconhecer o filtro avermelhado que cobria a lente.

"De onde você tirou a câmera?"

Shelly deu de ombros.

"Shelly, você pegou? Você tirou do garoto?"

Ela apertou um botão e a lente da câmera começou a brilhar em um vermelho escuro. Robert a alcançou, mas Shelly se levantou e se afastou dele.

"Talvez", disse ela, sem se desculpar.

"Shelly! Você roubou a câmera do menino, não foi?"

De pé e nua, ela apontou a câmera para ele novamente. A luz vermelha era estranha e deixou Robert desconfortável, além da ideia de ser fotografado logo após o sexo.

"Emprestado", disse ela.

"Dê-me isso!" Robert exigiu, mas Shelly apenas riu.

Ele rolou até a beirada da cama e ficou de pé. Quando o lençol caiu, de repente ele se sentiu constrangido e tentou se cobrir. Shelly continuou a rir enquanto baixava a câmera em direção ao pênis flácido dele. Ele se cobriu com as duas mãos, mas Shelly continuou a passar a câmera para cima e para baixo em seu corpo com a estranha

luz vermelha.

"Você realmente acha que o garoto nerd pode ver trilhas espirituais com essa coisa?"

"Não me importo, Shelly. Apenas desligue-o - ele está me deixando desconfortável."

Mas Shelly não desligou o aparelho; em vez disso, ela percorreu todo o corpo dele. Mas quando ela chegou às panturrilhas dele, o sorriso em seu rosto desapareceu de repente.

Shelly finalmente abaixou a câmera, dando a Robert uma visão clara de seu rosto agora pálido.

"Shel? O que há de errado?"

A mulher engoliu em seco, mas não respondeu. Em vez disso, ela estendeu lentamente um dedo e apontou para a panturrilha machucada dele.

Capítulo 8

O diretor Ben Tristen seguiu de perto o padre Callahan enquanto eles saíam da paróquia pelo longo corredor em direção aos portões da frente. O guarda John Smitts seguiu atrás de Ben.

Fazia dois dias desde o assassinato de Quinn e, desde então, ninguém tinha permissão para falar com Carson. A entrega de alimentos era feita por guardas com fones de ouvido.

Ben havia proibido totalmente qualquer contato.

Os outros vinte e dois prisioneiros estavam confinados em suas celas individuais em um futuro próximo e começaram a ficar ansiosos.

O restante da equipe de Ben, além dos dez guardas e do funcionário de TI que Ben achava que tinha autismo grave, foi transferido para fora da ilha por motivos de segurança.

Todas as suas ações tornaram estranhamente silencioso o longo e descaracterizado corredor que separava a prisão da porta da frente, uma passagem de 30 metros marcada por câmeras em todos os quatro cantos.

Isso foi até o walkie-talkie no cinto de Ben estalar e chiar. Todos, exceto o Padre Callahan, deram um pulo - estavam todos nervosos devido aos acontecimentos dos últimos dias.

Ben tirou o walkie-talkie do cinto e apertou o botão de falar.

"Sim, aqui é o diretor."

Mais estática.

"Quem está falando?"

Ben olhou para a pequena caixa de plástico em sua mão por um momento antes de responder.

"Do que está falando? Você me chamou - é o Diretor."

"Oh." Houve uma pequena pausa, e Ben esperou pacientemente que o homem continuasse. "Bem, é o Petey... Verifiquei os padrões climáticos, temos uma tempestade de 10 bells chegando. Se você quiser retirar o pacote, tem que ser rápido, chefe."

Ben balançou a cabeça, tentando decifrar a linguagem bizarra e o comportamento ainda mais estranho de sua cabeça de TI.

Pacote... Padre Callahan? Ou o corpo de Quinn? Ambos tiveram de sair hoje. 10-Beller deve estar com uma tempestade forte.

"Entendido. Estamos indo embora agora. Como está sendo a tempestade? Vai durar um dia?"

O ritmo do Padre Callahan, que já era de caracol, diminuiu ainda mais. Ben colocou uma mão gentilmente em seu ombro, incentivando-o a continuar.

"Um dia? De jeito nenhum, chefe. Vai durar três dias, talvez até quatro. Se os padrões continuarem assim, parece que vai ser

detenção."

Detenção?

Ben fez uma careta.

"Pelo amor de Deus, Peter, o que você quer dizer com detenção? Isso aqui é uma prisão, porra... fale inglês."

"Desculpe, chefe. Quis dizer que ninguém poderá entrar e sair até que a tempestade passe. Ainda bem que você tirou os cozinheiros e as enfermeiras da ilha. Pensando bem, talvez as enfermeiras..."

As divagações de Peter cessaram e o diretor praguejou baixinho. Eles se aproximaram da grossa porta de metal na frente, e ele balançou a cabeça para Smitts, um homem quase tão grande e musculoso quanto o próprio Ben, com mandíbula quadrada e cabeça raspada.

"Abra a porta, Smitts", instruiu ele.

John Smitts, um ex-presidiário antes de passar para este lado da lei, pegou as chaves do anel em seu cinto e começou a destravar o pesado trinco. Há um ano, a diretoria havia determinado que tudo em Seaforth deveria ser eletrônico, o que Ben não se importava. Mas ele era um pouco tradicionalista e não arredava o pé quando se tratava dessa porta, a entrada interna da Prisão de Seaforth.

Por alguma razão, me senti mais seguro com um cadeado e uma chave à moda antiga.

Mas, como Quinn descobriu, era com os perigos internos que eles tinham que se preocupar.

"Chefe?"

Enquanto Smitts mexia na fechadura, com a grande chave de metal batendo alto, Ben pressionou novamente o botão de falar no walkie-talkie.

"Entendido." A estática do walkie-talkie o fez se lembrar do vídeo do Bloco de Celas E e de como ele se tornou um ruído branco puro por três minutos. Peter não tinha conseguido encontrar a fonte do mau funcionamento, apesar de todos os seus aparelhos e computadores brilhantes. "E o Peter? Faça um resumo completo do sistema, não quero que nada pare de funcionar como -" Ele se pegou antes de dizer, *a noite em que Quinn morreu.* "- algumas noites atrás. Você entendeu? Sem tempo de inatividade."

"Entendi, chefe."

Smitts abriu a porta e os quatro entraram em uma pequena sala quadrada. Essa sala era a primeira camada de segurança da Seaforth. Smitts esperou que Ben e o pai entrassem antes de fechar e trancar a porta do corredor pelo qual tinham acabado de passar. Nenhuma das portas podia ser aberta - a primeira, que dava acesso ao lado de fora, ou a porta interna, que dava acesso à prisão - a menos que a outra estivesse fechada e trancada.

"E o Peter?"

"Sim?"

"Não me chame de chefe - não sou índio, e isso não é um Pow-Wow. Me chame de diretor".

"Muito bem, Chi, quero dizer, diretor."

Ben suspirou e abaixou o volume do walkie-talkie.

"Smitts, onde está o corpo?"

O homem, que raramente falava, a menos que lhe fizessem uma pergunta direta, tinha uma voz de pregos enferrujados.

"Trouxe-o para fora mais cedo. Embrulhado na lona, como você pediu. Deve estar do lado de fora da porta, Hargrove está lá fora com ele, pronto para escoltar Quinn e o pai até o barco."

Ben assentiu com a cabeça, deu um passo à frente e tirou o cartão-chave do cinto, pronto para abrir a porta da frente.

"Diretor? Não deveríamos...?" Smitts deixou a frase se arrastar.

Ben o olhou com desconfiança.

Não deveríamos fazer o quê?

Em seguida, o homem acenou com a cabeça para o padre Callahan, que estava parado, de frente para a porta da frente da prisão.

Ben fez uma careta, percebendo o que seu guarda estava insinuando: era protocolo revistar todos que entravam e saíam da prisão. Seu olhar se voltou para o velho e cansado padre.

"Está tudo bem, Smitts", disse Ben, aproximando o cartão-chave da unidade e ativando-o. Em seguida, deu um passo para trás, olhando diretamente para a câmera que zumbia ao focalizá-lo.

Vamos, Peter, acabamos de conversar.

Um segundo depois, um zumbido alto encheu o pequeno cômodo, e o som da fechadura externa se desengatando pôde ser ouvido. O diretor esperou que o som terminasse antes de abrir a porta.

A salmoura salgada do mar o atingiu no rosto e ele sentiu uma forte inspiração. Seus olhos imediatamente se voltaram para cima.

Peter não estava brincando sobre a tempestade.

O céu estava escuro, quase preto, apesar de ser meio-dia e meia. Nuvens espessas e ameaçadoras cobriam o sol.

"Me foda", sussurrou Ben. Quando se virou, ficou surpreso com o fato de o Padre Callahan estar olhando diretamente para ele. Ele começou a corar. "Aqui, padre. Pegue minha mão."

O homem ignorou o gesto.

"Sou lento e quase cego, mas não sou fraco", disse ele com naturalidade.

Ben retirou o gesto, deu de ombros e voltou os olhos para o mar, que estava espumando em um frenesi. As portas da frente da Prisão de Seaforth se abriam para um longo caminho de concreto que descia cerca de quarenta metros até o nível do mar. No fundo, ele podia ver o

contorno tênue do rebocador.

O vento uivava, batendo em seu rosto, e o diretor enfiou a cabeça em seus ombros consideráveis.

"Smitts?", perguntou ele, com os olhos fixos no barco que balançava e balançava nas ondas.

"Sim?"

"Onde está o Hargrove?"

Um homem apareceu de repente atrás de um arbusto, com um cigarro pendurado no canto da boca.

"Bem aqui", disse ele, com um sorriso bobo no rosto. "Só precisei dar uma mijada."

Ben acenou com a cabeça.

"E o Quinn? Onde está o corpo de Quinn?"

Hargrove colocou o polegar sobre o ombro.

"Já está carregado. Levei o pobre coitado para baixo mais cedo." O homem voltou seus pequenos olhos para o céu. "Vai chover pra *caramba*. Precisamos ir rápido. O tempo está ainda pior no continente."

Ben assentiu com a cabeça, com uma expressão severa.

"Leve o Padre Callahan de volta - dê-lhe uma carona quando aterrissar para onde ele quiser ir também. E depois quero que você volte para cá, Hargrove - preciso que volte imediatamente. O tempo deve estar ruim, portanto, não vire o maldito barco. Mas *preciso* que você volte para cá".

O homem assentiu com a cabeça, deu uma tragada e jogou o cigarro no chão. Enquanto se dirigia ao padre para ajudar, Ben se virou para seu amigo de longa data.

"Quero lhe agradecer por ter vindo, padre. E por sua ajuda ao abençoar o corpo de Quinn. Ele era... ele era um grande amigo".

O padre Callahan o encarou sem expressão.

"Gostaria que você reconsiderasse, Ben. Preciso falar com *ele*."

Ben percebeu os olhares estranhos dos outros dois homens, mas os ignorou.

"Em outra ocasião, talvez", disse ele com um sorriso forçado. Ele quase teve que gritar por causa do vento que rugia.

O padre Callahan balançou a cabeça com repulsa e se virou para sair sem dizer mais nada.

Ben observou-o ir embora, com sua estrutura torta apoiando-se em Hargrove para percorrer o caminho de concreto duro. Em seguida, ele se virou para a prisão e instruiu Smitts a voltar para dentro.

Antes de seguir, ele olhou para o imponente edifício.

Duro, feito de concreto sólido, quase tão impenetrável quanto uma fortaleza, o Seaforth tinha uma aparência formidável.

De repente, um relâmpago brilhou, iluminando a superfície cinza-

poeira, e um calafrio subiu pela espinha de Ben.

Uma gota grossa de chuva o atingiu na testa, e ele voltou correndo para dentro, incapaz de se livrar da sensação de que essa tempestade seria mais do que apenas trovões, relâmpagos e chuva.

Muito, *muito mais*.

Capítulo 9

"É a porra de uma câmera, Shelly. Calma."

Shelly estendeu o dispositivo para ele, mas Robert se recusou a pegá-lo dela.

"Mas... mas sua *perna*."

Robert engoliu com força, tentando desesperadamente mudar de assunto.

"Por que está ficando tão assustado? Quero dizer, um idiota qualquer diz que pode usar sua câmera para ver... o quê? Rastros de fantasmas? E você não só acredita nele, como também..."

"Basta olhar através da lente, pelo amor de Deus, Robert!"

Em seguida, Shelly segurou a câmera à distância de um braço e a deixou cair.

"Porra!" Robert caiu na armadilha e estendeu a mão. A câmera caiu em sua palma aberta e ele fez malabarismos com ela por um momento antes que seus dedos se enroscassem na alça.

Ele lançou um olhar para Shelly, mas o rosto dela ainda estava tão pálido e coberto de preocupação que ele não conseguiu manter a expressão. Relutantemente, ele apontou o visor da câmera para o rosto.

A última fotografia tirada ainda estava na tela, e Robert ficou com a respiração presa na garganta.

Ele podia ver a parte superior de suas coxas, estranhamente cinza apesar do filtro vermelho, mas foi o que estava em sua panturrilha direita que o fez parar.

A pele de sua canela estava esticada, a parte de trás da perna era fina, quase como uma poliomielite. Mas, envolvendo sua carne cinzenta, havia três marcas brilhantes de garras vermelhas e amarelas - marcas de onde Leland Black havia cauterizado o ferimento na perna.

Robert desligou a câmera e sentou-se na cama, não mais consciente do fato de estar nu. Ele respirou fundo várias vezes e depois bateu na cama ao seu lado. Abaixando a cabeça, ele esperou até sentir o peso de Shelly pressionar o colchão.

"Você vai me contar o que realmente aconteceu no porão, Rob? Com o Dr. Mansfield?" Shelly perguntou suavemente. "Se você quiser manter isso..."

Ela hesitou, depois bateu em seu braço, forçando-o a sair de sua própria cabeça.

"Ei, você está me ouvindo?"

Robert olhou para ela e ficou surpreso com a tristeza em seu rosto redondo.

"Se quiser manter isso" - ela fez um gesto para os corpos nus - "em andamento, você terá de me contar o que realmente aconteceu com você. O Cal tem razão, eu não me dou bem com segredos, Rob."

Robert deu uma boa olhada em Shelly. Não era apenas o sexo, embora isso fosse inegavelmente ótimo; era algo mais, também. Havia algo nela, algo nessa loira desbocada e cheia de atitude que ele não se cansava de admirar.

Ele gostava dela, percebeu, talvez até a amasse.

Estranhamente, dessa vez, a característica sensação de culpa que ele normalmente sentia não apareceu. Robert suspirou e começou a falar.

"Aconteceu no porão, Shelly. E aconteceu novamente na Sétima Ala..."

Quando terminou, Robert baixou os olhos novamente, contentando-se em olhar para o chão com os pés descalços. A história, toda a história até o que Sean havia dito sobre Leland ser seu pai, foi contada em um instante. Ele havia repassado esse momento, o momento em que compartilhou o que sabia com alguém, em sua cabeça dezenas de vezes, e todas essas vezes ele pensou que seria difícil falar sobre como se sentia, sobre sua culpa, sobre a estranheza da medula. Mas a realidade é que não foi nada difícil.

Ajudou o fato de Shelly ter ficado ouvindo com os olhos arregalados o tempo todo.

Por um minuto inteiro, nenhum dos dois disse nada. Ficaram apenas sentados no canto da cama, nus, respirando profundamente. Então Shelly levantou a mão e a colocou gentilmente no ombro dele. Ele se virou para ela, olhando para seus grandes olhos.

Embora tenha sido mais fácil do que o esperado compartilhar sua história, ele estaria mentindo se dissesse que não estava preocupado com a reação dela.

"Bem, isso é muito foda, não é?"

Shelly sorriu quando disse isso, e Robert riu - um som tenso e agudo.

"Sim, muito fodido. Desculpe-me por não ter contado..."

Ela colocou o dedo em seus lábios, silenciando-o.

"Entendi", disse ela em voz baixa. Houve outra pausa, e ela olhou para um lado. "Você já se perguntou o que tudo isso significa, Robert? E você acha que foi por acaso que você - nós - nos envolvemos?"

Robert refletiu sobre isso por um segundo.

"Eu não sei. Parte de mim quer pensar que foi tudo um acidente - e foi, de fato. Afinal de contas, tudo começou com..." Sua respiração ficou presa, mas ele forçou a barra. "-Wendy e Amy morrendo no

acidente de carro. Mas Sean veio me ver... ele me deu a carta. Isso não foi um acidente."

Shelly acenou com a cabeça.

"Então, o que vamos fazer? Continuar a continuar? Fazer a mesma coisa, todos os dias?"

A pergunta confundiu Robert, e ele se virou para encará-la.

"O que você quer dizer com isso?"

Shelly se aproximou e pegou a câmera.

"Veja bem, o que aconteceu aqui na propriedade e na Sétima Ala foi uma merda - ninguém entende isso tanto quanto eu. Mas tenho feito mais pesquisas, e aquele idiota, Allan Knox? Acho que ele pode estar descobrindo algo. Há mais conversas na rede sobre ver mais quiddity do que nunca". Ela fez uma pausa e mastigou o lábio. "Não sei se isso significa alguma coisa, mas algo... não sei, algo me diz que há algo importante acontecendo aqui. Algo de que fazemos parte, quer queiramos ou não."

De repente, Robert se deitou na cama, levantou os braços e colocou as costas das mãos na testa.

Ele respirou fundo.

"E se eu não quiser me envolver? E se tudo o que eu quiser fazer for viver uma vida normal? E se eu quiser esquecer tudo sobre essa quiddidade, a medula e todas essas outras besteiras?"

Ele fechou os olhos, mas voltou a abri-los quando Shelly se deitou ao seu lado.

"Sabe de uma coisa, Robert? Eu não escolhi ter cabelos loiros, peitos grandes ou uma bunda ainda maior. Eu simplesmente os tenho. Não pedi para ser um dínamo na cama. Eu simplesmente sou."

Robert deu uma risadinha.

"Às vezes, devemos simplesmente seguir os golpes, jogar pôquer com as cartas que recebemos. Nem sempre temos a chance de reordenar o baralho."

Shelly se apoiou em um cotovelo e o encarou.

"E você, Robert, definitivamente foi escolhido para algo maior, algo mais grandioso. Quanto mais cedo você se conformar com isso, mais cedo poderemos fazer algo *bom* - algo realmente bom."

Robert estremeceu ao ouvir a palavra *escolhida*, lembrando-se de que Sean havia usado exatamente a mesma palavra quando se conheceram.

Ele se inclinou e a beijou nos lábios.

"Obrigado", disse ele suavemente. Apesar de sua grosseria, as palavras dela o haviam imbuído de uma estranha confiança.

Com ou sem a influência de Sean Sommers, ele havia eliminado James Harlop e Andrew Shaw. *Ele* havia feito isso... com a ajuda de seus amigos, é claro.

"E agora?"

A resposta de Shelly foi imediata.

"Agora vamos procurar o retardado do Cal e seu namorado nerd e ver em que tipo de problema podemos nos meter. O que você acha?"

Robert acenou com a cabeça.

"Acho que você está certo."

Shelly sorriu.

"Puta que pariu, eu estou certo. É melhor você se lembrar disso."

Capítulo 10

"Que porra é essa?" disse Ben, enquanto tirava o que restava de seu ovo do garfo. Ele se virou para Smitts. "Você está vendo isso?"

O homem grande acenou com a cabeça.

"E você me ouviu dizer ao Peter que eu não queria mais desmaios, certo?"

Novamente, o homem acenou com a cabeça. Ele não usava muito as palavras, o que não deixava de ser verdade para o diretor. Como ele, John Smitts era de uma geração diferente, uma geração que não achava que tudo tinha de ser comentado, que o mundo não era feito de hashtags verbais.

Mas John Smitts era do tipo forte e silencioso - com grande ênfase no forte.

As luzes piscaram novamente, e Ben jurou e balançou a cabeça. Um relâmpago brilhou do lado de fora, enviando lascas de luz azul para o refeitório. Embora as atividades dos detentos tivessem sido restringidas e eles estivessem confinados em suas celas, Ben ainda tinha liberdade para vagar. Assim, depois de mandar Callahan embora, tentando refletir sobre as coisas que havia dito, ele levou Smitts para o refeitório, onde fritou alguns ovos para os dois, torrou pão e sentou-se em silêncio.

Pensamento.

Pensando em Quinn gritando para ele ir, para se apressar, enquanto cobria o rosto com as mãos.

Pensando nas coisas estranhas que o padre Callahan havia dito, sobre como ele estava tão desesperado para falar com o preso mais perigoso da prisão de Seaforth.

Mas antes que ele chegasse a um acordo com tudo isso, as luzes se apagaram e agora estavam piscando.

O diretor rapidamente comeu a última torrada, estalou os dedos inchados e depois se levantou.

"Vou conversar com o Peter."

Smitts acenou com a cabeça e não disse nada. Mas a maneira como ele rapidamente terminou seus próprios ovos, acompanhando-os com uma fatia de bacon, indicou que ele queria ir junto. Ben ficou feliz com a companhia, por mais silenciosa que fosse.

E, além disso, ele ainda estava um pouco assustado com a perspectiva de ficar sozinho.

De ver Quinn novamente.

Não era real.

Ele pegou o prato do homem e o empilhou sobre o seu antes de ir rapidamente até a cozinha e colocá-lo em uma das bacias de metal.

"Vou buscá-la mais tarde", disse Smitts, mas Ben ignorou o comentário.

"Não se preocupe com isso", respondeu Ben enquanto se dirigiam lado a lado para a frente do refeitório.

O refeitório era um quadrado gigantesco, simples em todos os aspectos, com mesas de plástico em estilo piquenique dispostas em fileiras. Era a parte mais perigosa da prisão; mais mortes e agressões haviam acontecido aqui nos últimos sete anos do que em todos os outros lugares de Seaforth juntos. E isso incluía o pátio de exercícios.

Havia algo na comida e no confinamento que era uma combinação tóxica. Ben nunca conseguiu descobrir o motivo.

Os olhos de Ben se voltaram para a varanda acima. Acessível somente a partir da sala dos guardas, o nível superior era revestido de grades e, normalmente, era patrulhado por dois policiais durante os horários de alimentação dos detentos. Mas agora ela estava vazia.

Era estranho estar no andar sem ninguém patrulhando por cima. Isso o deixou desconfortável e ele correu para a porta, onde escaneou seu cartão-chave. Ela emitiu um bipe e se abriu, levando a um corredor estreito. Ben foi primeiro, e Smitts o seguiu. Eles passaram por um detector de metais, que emitiu um bipe alto, detectando a Taser e a pistola em seus cintos.

Ben levou os dedos aos olhos e suspirou. O cansaço estava começando a tomar conta dele; ele não havia dormido nada desde que Quinn foi assassinado.

Maldito Quinn... por que você tinha que entrar lá? Que porra é essa?

Ele pensou nas palavras do Padre Callahan.

O bode... ele está dizendo o bode.

Ben tentou conter as lágrimas.

Porra, Quinn.

Ben tirou a mão do rosto e voltou-se para a câmera no canto superior esquerdo da porta. Ele acenou com a mão e deu um passo à frente para passar o cartão novamente.

Não aconteceu nada.

"Porra, Peter", ele murmurou.

Ele se inclinou para trás, olhando diretamente para a câmera, e acenou dramaticamente. O disparo do detector de metais acionou a trava, mas também deveria ter enviado um alarme para Pete na sala de controle.

Que diabos ele está fazendo? Está dormindo?

O homem esmagava Red Bulls e só Deus sabia o que mais, por isso Ben achava difícil acreditar que ele dormisse, ainda mais em um momento como esse.

Ben tirou o walkie-talkie do cinto e girou o botão.

"Peter, abra a porta - o detector de metais disparou. Sou eu e o

Smitts."

Houve uma pausa e, em seguida, uma voz crepitante respondeu.

"Chefe? É você?"

Ben balançou a cabeça.

Chefe.

"Sim, sou eu. Abra a porta do bloco principal".

A pausa foi mais longa dessa vez.

"Acene com a mão, estou tendo dificuldade em vê-lo na câmera."

Ben fez o que lhe foi instruído.

"Não, ainda não estou conseguindo. Embaçado, parece ser um sinal fraco ou algo assim."

"Porra, apenas abra, estamos indo vê-lo de qualquer maneira. As luzes estão piscando e..."

De repente, a porta emitiu um bipe e Ben ouviu a fechadura se abrir. Smitts deu um passo à frente e a abriu rapidamente.

"Agente firme, Peter. Estaremos lá em cinco minutos."

Em seguida, passaram pela porta e entraram no corredor repleto de celas, onde ficavam os presos da população regular.

Normalmente, a abertura dessa porta era imediatamente recebida com gritos e gritos da população geral. Hoje, porém, foi diferente. Talvez tenha sido a notícia da morte de Quinn, que era moderadamente querido entre os detentos, ou talvez tenha sido a tempestade que ribombava lá fora.

Ou talvez fosse algo completamente diferente.

Tudo o que o diretor Ben Tristen sabia, enquanto caminhava pelo corredor com John Smitts ao seu lado, olhando para os detentos em um silêncio quase absoluto, com as cabeças baixas, era que ele não gostava disso.

Ele não gostou nem um pouco.

O silêncio em uma prisão nunca foi bom.

Capítulo 11

Estava escuro, mas não tão escuro que Robert estivesse completamente cego. Ele parecia estar em algum tipo de cômodo, mas não conseguia localizar as paredes... tudo simplesmente recuava para a escuridão na periferia da visão. Ele tentou olhar para baixo, mas sua cabeça e seus olhos se moviam lentamente. Quando finalmente conseguiu se concentrar, percebeu que estava flutuando; ou isso ou o chão era tão escuro e negro que ele não conseguia enxergar.

Um suspiro escapou dele, o som impossivelmente alto no vácuo do espaço.

Que lugar é esse?

Ele fechou os olhos e, de alguma forma, conseguiu diminuir sua frequência cardíaca. Em seguida, concentrou-se, tentando fazer com que tudo fosse embora.

Só que ele não conseguiu. De repente, uma voz surgiu em sua mente, e seus olhos se abriram.

Você foi escolhido, Robert. Leland Black é seu pai.

Era a voz de Sean Sommers.

Robert fechou os olhos novamente.

Quando ele as abriu um segundo depois, ficou chocado ao descobrir que não estava mais na caixa preta infinita, mas em algum tipo de cela.

Só que ele não estava *realmente* lá; era como se estivesse apenas observando.

Havia um homem nu no centro da sala, sentado como um iogue, com os olhos fechados. Ele tinha uma mandíbula forte e um nariz ligeiramente descentralizado e, embora Robert tivesse certeza de que nunca o tinha visto antes, ele lhe parecia estranhamente familiar.

Havia uma espécie de aura saindo dele, aparentemente secretada por todos os seus poros. Algo que dizia a Robert que aquele não era um *bom* homem.

Pelo contrário, isso era algo completamente diferente.

Maligno, talvez.

Isso é uma quiddity? Alguma alma perdida e morta?

Mas antes que ele pudesse pensar mais sobre isso, os lábios do homem começaram a se mover e Robert se esforçou para ouvir o que ele estava dizendo.

No início, Robert não conseguia entender; parecia apenas um fluxo de sílabas repetidas sem sentido, mas quando ele se concentrou ainda mais, começou a fazer sentido para ele.

Não era uma palavra, mas um *nome*. Um nome que lhe causou um arrepio na espinha.

"Leland Leland Leland Leland Leland..."

Robert engoliu com força, sua mente lutando para entender o que estava acontecendo.

Mas o que veio a seguir foi ainda mais chocante.

Uma resposta.

"O homem do pano está chegando, Carson. Você pode usá-lo para abrir a fenda - ligando-o entre os vivos e os mortos, exatamente como diz o livro."

A respiração de Robert agora era superficial.

Ao contrário do homem sentado de pernas cruzadas no centro da cela, essa era a voz de um homem que ele reconheceu.

Era a voz de Leland Black, a voz do bode.

A voz *de* seu *pai*, se Sean pudesse acreditar.

Robert tentou se aproximar ainda mais, mas os olhos do homem chamado Carson se abriram e Robert gritou.

"Acorde! Robert, acorde, porra!"

Robert gritou e abriu os olhos.

Shelly estava agachada sobre ele, com o rosto quase tão pálido quanto quando ela havia se maquiado e fingido que Ruth Harlop ainda estava viva.

"O que aconteceu?" Ele piscou várias vezes, tentando clarear a visão. Ele tentou se sentar, mas perdeu o equilíbrio e caiu novamente na cama.

Shelly deu um suspiro de alívio.

"Putá que pariu! O que aconteceu com você?"

Robert olhou para ela com os olhos arregalados.

"A última coisa de que me lembro é que estávamos conversando, e então..." Ele deixou a frase cair, lembrando-se das palavras que tinha ouvido Leland Black murmurar.

O homem do pano está chegando, Carson.

Ele engoliu e levou a mão à testa. Sua pele estava úmida e úmida.

Quem diabos é o Carson?

"Sim?" Shelly exigiu. "Estávamos conversando e então você meio que caiu na cama. Desmaiou como uma adolescente em um show do Bieber. Sério, que diabos há de errado com você?"

Robert lambeu os lábios secos, mas não fez nenhum esforço para se sentar novamente.

"Quanto tempo fiquei fora?"

Shelly se afastou e começou a vestir suas roupas íntimas, que estavam amontoadas no final da cama.

"Não sei. Trinta segundos, talvez?"

Agora Robert se sentou.

"O quê? *Trinta segundos?* É só isso?"

Shelly se levantou e puxou a calcinha para cima. Robert mal percebeu que se tratava de uma calcinha fio-dental preta rendada. Ela deu de ombros e depois passou para a camiseta.

"Sim, talvez mais. Um minuto, no máximo."

Os olhos de Robert se estreitaram. Parecia que ele estava na sala escura há uma hora, e com o homem, com *Carson*, há pelo menos esse tempo - tudo se movia muito lentamente.

"O quê, você teve um sonho ou algo assim? Desmaiou?" Um sorriso irônico passou por seus lábios vermelhos. "Sexo é bom demais para você, Robbie?" Então seu rosto ficou sério. "Me assustou pra caralho. Não faça isso de novo."

Robert balançou a cabeça.

"Eu tinha...", começou ele, com o coração aos pulos ao se lembrar dos olhos azuis claros de Carson.

Shelly terminou de vestir a camisa e sentou-se ao lado dele.

"O quê? O que foi?"

Robert balançou a cabeça.

"Acho que... *não acho* que foi um sonho. Era mais como se eu estivesse espiando alguém - alguém... *ruim*."

Ele olhou para cima e encarou Shelly por um momento antes de continuar.

"Acho que devemos encontrar Cal, o mais rápido possível. Acho que podemos..."

Mas uma batida na porta da frente, uma batida pesada e retumbante, o interrompeu.

Shelly sorriu e lhe deu um tapinha nas costas.

"Falando no diabo." Ela se levantou e se dirigiu à porta do quarto, abaixando-se para pegar a calça jeans dele no caminho. Ela se virou e a jogou para ele. "Vista-se. Não é necessário que o Cal o veja desse jeito. Já é ruim o suficiente eu ter de fazê-lo."

A calça jeans atingiu Robert no peito, mas ele não fez nenhum esforço para pegá-la.

"Cal tem suas próprias chaves, Shel. Não é ele."

Capítulo 12

"Então? O que está acontecendo com as luzes?"

Os três homens estavam na sala de controle, uma área isolada em uma torre que só era acessível por uma escada vigiada. De forma circular, a sala tinha uma parede de telas de computador, monitores de todos os tipos, que revestiam quase metade da superfície interna. Havia uma infinidade de outros equipamentos de informática na sala, luzes piscantes que eram todas alemãs para Ben. Seus olhos se moviam de uma tela para outra, estreitando-se à medida que os monitores ficavam lentamente cheios de neve, antes de se tornarem cristalinos novamente.

"E os monitores? O que há com eles?"

Peter Granger se remexeu em sua cadeira de couro de espaldar alto, que parecia tão nova quanto o equipamento de informática, com uma caneta presa entre os dentes. Ele era um homem magro, com cabelos castanhos bem cortados, nariz pontudo e grandes olhos castanhos. Quando Ben o contratou pela primeira vez - ou, mais especificamente, quando a diretoria "recomendou" Peter a Ben - ele era um homem educado e sociável, o que contrariou as expectativas. Desde aquela época, cerca de três anos atrás, Peter havia regredido um pouco, tornando-se mais introvertido, mas Ben atribuiu isso à consequência natural de ficar preso aqui em cima, sozinho, quase 24 horas por dia.

Os olhos de Ben se voltaram para o lixo na mesa do homem, e uma careta se formou em seu rosto. Havia pelo menos meia dúzia de latas de Redbull vazias, além de embalagens brilhantes de uma infinidade de barras energéticas.

"Quem? O quê?" perguntou Peter.

O cenho franzido de Ben se aprofundou enquanto ele olhava para as pupilas do homem.

"Jesus, há quanto tempo você está aqui em cima?"

Quando o homem ficou apenas olhando, Ben balançou a cabeça.

"Não importa. O que há de errado com as luzes? Os monitores?"

Peter piscou duas vezes e então pareceu sair de seu estupor.

"Não sei", respondeu ele com um encolher de ombros.

"Tire essa caneta da boca quando estiver falando comigo", retrucou Ben, não se impressionando com a casualidade do homem.

Peter agradeceu, baixando as sobrancelhas. Seu tom ficou mais sério quando ele falou em seguida.

"Executei todos os diagnósticos possíveis e ainda não apareceu nada. O melhor que posso pensar é que a" - ele apontou para um monitor do lado de fora da Prisão de Seaforth e para as nuvens escuras e ameaçadoras, repletas de precipitação iminente, e para o mar que

espirrava contra as rochas - "tempestade tem algum tipo de componente elétrico reprimido."

Ben fez uma careta.

"Tempestade elétrica?"

Ele não gostou do som disso. Prisioneiros indisciplinados? Ele podia lidar com eles. Até mesmo motins organizados também poderiam ser resolvidos.

Mas uma "tempestade elétrica"? Isso era algo fora de seu alcance.

Ben estalou os nós dos dedos, estremecendo com a dor que irradiava de suas articulações inchadas.

"Você pode fazer alguma coisa a respeito?"

Peter balançou a cabeça.

"A tempestade?"

Ben fez uma careta.

"Não, não é a tempestade. Estou falando das luzes, dos monitores."

Ben ainda tinha uma sensação incômoda no estômago, algo que lhe dizia que essa tempestade e Carson estavam de alguma forma relacionados. Sua mão se enfiou na gola da camisa e ele acariciou a cruz que estava pendurada ali, distraidamente.

As estranhas palavras que o padre Callahan havia proferido ainda ecoavam em sua mente.

"Verifiquei os geradores, verifiquei as baterias de reserva, coloquei algumas redundâncias extras. Acho que - droga, *nada* disso" - ele apontou para a estática que apareceu de repente em todos os cerca de doze monitores - "deveria estar acontecendo. Mas fiz tudo o que podia para garantir que não houvesse grandes interrupções". Ele deu de ombros. "O que mais posso fazer?"

Ben assentiu, com o rosto ainda sério. Ele olhou para Smitts, que estava de pé atrás dele, com os braços cruzados sobre o peito.

"E o Carson? O que ele está fazendo?"

Ben se voltou para Peter, que acionou um interruptor e o interior da cela de Carson apareceu no monitor central.

O homem estava sentado de pernas cruzadas no centro de seu quarto, com os olhos fechados e as mãos apoiadas gentilmente nos joelhos. Ele não estava vestindo nenhuma roupa.

"Onde estão suas roupas?"

Peter usou a caneta para apontar para o canto inferior esquerdo da sala.

"Pronto."

Ben acenou com a cabeça.

Ele sentiu o ódio estampado no rosto daquele homem. Ódio pelo que ele havia feito com Quinn e com os outros que ele havia matado.

Quinn...

Foi então que ele teve um pensamento.

"Smitts, dê-nos um segundo, sim?"

Smitts, que estava olhando para Carson no monitor, com uma carranca no rosto, de repente se deu conta.

"Diretor?"

Ben acenou com a cabeça.

"Dê-nos um momento, está bem?"

Uma expressão duvidosa cruzou o rosto severo do homem, e Ben poderia jurar que viu a mandíbula do homem se contrair. Smitts hesitou e acenou com a cabeça antes de se virar e usar seu cartão-chave para sair da sala. A janela da porta estava cheia de suas costas enquanto ele se encostava nela.

"Peter, quero que você me faça um favor".

O homem olhou para ele com expectativa.

"Você pode voltar para duas noites atrás? Para quando Quinn foi morto?"

Peter engoliu com força.

"Tentei recuperar o filme disso, diretor, mas..."

Ben balançou a cabeça.

"Não, não do Bloco de Celas E."

"Ok..."

"Você pode encontrar imagens de mim saindo do meu escritório e indo para o bloco - através do refeitório?"

Peter colocou a caneta de volta na boca e, a princípio, Ben pensou que teria que dar mais explicações. Mas o homem rapidamente se virou e voltou sua atenção para o computador. Então, ele começou a bater no teclado e as câmeras CCD em tempo real de dentro da prisão mudaram para os monitores menores que ladeavam o grande monitor central.

A tela grande ficou momentaneamente escura e, em seguida, Peter abriu várias pastas com diferentes registros de tempo. Mais alguns cliques e, em seguida, Ben estava na incômoda posição de ver a si mesmo, sentado pensativo em sua cadeira desgastada, olhando para o espaço.

"Aqui está", disse Peter, recostando-se novamente. "Você quer que eu..."

Ben balançou a cabeça.

"Não, fique aqui."

Seu coração começou a bater mais forte no peito, bombeando sangue por todo o corpo, enchendo os músculos de adrenalina.

Era apenas estresse - o Quinn não estava lá. Não era o espírito dele. O padre Callahan estava errado, ele não está tomando seus remédios.

Mas ele tinha que saber.

O diretor Ben Tristen se inclinou sobre Peter, com os dedos inchados agarrando o encosto da cadeira do homem.

Ele se viu sobressaltado quando o telefone tocou e, em seguida, a conversa unilateral.

"Algum áudio?", ele perguntou.

Peter balançou a cabeça.

"Não há áudio nessas câmeras."

Ben assentiu e se voltou para o monitor, observando a si mesmo enquanto saía correndo da sala.

"Siga-me", ele instruiu, e Peter mudou a imagem para outra câmera.

Ele viu a parte de trás de seu uniforme enquanto corria pela área de gen pop e depois para o refeitório. A câmera mudou novamente e, quando Ben se viu perto da porta do Bloco de Celas E, onde ele se lembrava de ter visto Quinn segurando seu rosto, sentiu o suor começar a se formar em sua testa.

E agora havia um nó em sua garganta que não descia, não importava quantas vezes ele engolisse.

E então ele estava lá... ou *não estava*.

Ben observou a si mesmo na tela diminuir a velocidade, virar a cabeça levemente e fazer uma pausa antes de continuar pelo corredor.

Não havia Quinn.

Ben exalou lentamente e soltou a mão do encosto da cadeira de Peter.

"Faça uma pausa", disse ele, com a voz rouca.

Peter agradeceu.

"Há alguma coisa...?"

Ben o silenciou.

"Volte alguns segundos", ele instruiu. A imagem correu para trás. "Espere! Pare aí."

Ben se inclinou ainda mais para perto, e ele poderia jurar que viu a si mesmo virar a cabeça e até mesmo seus lábios se moverem.

Mas que diabos? Com o que - ou com quem - estou falando?

"Peter, também não há áudio sobre isso?"

"Não, não há áudio."

Ben fechou os olhos e massageou suavemente as têmporas.

O que você está tentando provar, Ben? Qual é o objetivo disso? Quinn está morto, você não o viu.

Com os olhos ainda fechados, ele pegou a cruz em seu pescoço novamente.

Você não deveria ter mandado o padre Callahan embora. Sua história... há algo acontecendo aqui. Está tudo relacionado de alguma forma.

Ben não conseguia se livrar dessa sensação.

"Tudo bem, este é o melhor que tenho."

Os olhos de Ben se abriram e ele se viu olhando não mais para a tela central, mas quando estava preso em seus pensamentos, seu olhar se desviou ligeiramente.

Agora ele estava olhando para a transmissão ao vivo do lado de fora da porta da frente da Prisão de Seaforth.

E, raios, se não havia uma pessoa tentando entrar.

"Quer que eu faça?"

"Que porra é essa?" Ben sussurrou, inclinando-se para perto da tela menor. "Quem é aquele!"

"O quê? Quem?"

Ben apontou para o monitor.

"Ali, bem ali, porra! Tem alguém vindo até a porta."

A caneta caiu da boca de Peter.

"Merda, você está certo."

O homem se inclinou para a frente e martelou em seu teclado. A pequena imagem foi instantaneamente transferida para o monitor principal, e todo o ar foi expelido de seus pulmões em um *ruído* audível.

"Padre Callahan?", ele sussurrou.

"Sim, é ele mesmo. Eu pensei..."

Mas as palavras foram tiradas da boca de Peter quando a energia se apagou e a sala ficou completamente escura.

Capítulo 13

Mesmo antes de Robert abrir a porta da Harlop Estate, ele sabia muito bem quem estaria lá. O que ele não esperava, no entanto, era a expressão de medo estampada no rosto quadrado do homem.

"Robert", disse o homem, com um cigarro aceso pendurado em seus lábios. "Preciso falar com você."

Os olhos de Robert se estreitaram ao examinar o homem que estava diante dele. Nas duas ocasiões anteriores em que se encontraram, o cabelo curto do homem estava arrumado, quase perfeito, e o terno e a gravata impecáveis. Agora, no entanto, parecia que ele não dormia há dias; o cabelo estava bagunçado, a gravata solta, o botão superior da camisa aberto.

Depois do encontro anterior, Robert havia prometido que, se algum dia visse Sean novamente, arrancaria uma tira dele, para que ele soubesse o que realmente pensava sobre o homem.

Mas isso... isso foi completamente, totalmente inesperado. E, juntamente com o estranho devaneio que acabara de ter, Robert sabia que esse não era um encontro que terminaria tão inocentemente quanto uma carta entregue a ele.

Tratava-se de algo maior, algo muito mais importante do que uma propriedade centenária e cem mil dólares.

Robert deu um passo para o lado e indicou que o homem deveria entrar. Ele hesitou e seus olhos se desviaram para o ombro de Robert.

"Shelly", disse ele, com um simples aceno de cabeça. Shelly não retribuiu o gesto.

"Este é Sean", disse Robert em uma apresentação banal. "Ele é o cara que me deu as cartas. Me contou sobre Leland e diz que ele é meu pai."

Sean levantou uma sobrancelha ao ouvir isso. Claramente, ele não estava esperando que Robert compartilhasse essa informação com ela.

"Sim, da mesma forma que Ruth era sua tia?" disse Shelly, repetindo as mesmas palavras que havia usado antes, quando Robert lhe contou pela primeira vez sobre o que Sean havia dito.

O que você realmente sabe sobre Sean Sommers? Você me olha com tanto desdém...

Por um segundo, ninguém disse nada, e Robert temeu que eles estivessem presos em um impasse perpétuo. Mas, então, ele se lembrou das palavras de Leland em seu sonho.

Pai ou não, não se podia permitir que o homem passasse para este mundo.

"Shel, por favor..."

Mas ele não precisou terminar a frase. A mulher fez uma careta,

abaixou a cabeça e saiu do caminho. Só então Sean deu uma última tragada em seu cigarro, jogou-o fora e entrou na Harlop Estate. O homem afrouxou ainda mais a gravata antes de olhar para Robert.

"Você tem algo para beber?"

"Há... há uma fenda se desenvolvendo na Medula", disse Sean Sommers, com os olhos focados no uísque marrom-dourado no fundo de seu copo. "Você já viu isso, Robert. Você viu o mal lá, nas chamas. Você também o viu."

Robert olhou para o homem. Ele parecia muito diferente das outras vezes em que se encontraram.

"Mas nem tudo foi ruim", disse Robert, lembrando-se de como ele se sentiu realizado nas praias. "Nem tudo no Marrow é ruim, não é?"

Sean balançou a cabeça.

"É complicado, mas os únicos que sobrevivem são os malvados, os obcecados com o *eu*, com sua identidade."

Robert franziu a testa.

"Não estou entendendo..."

Sean tomou um gole antes de continuar. Um gole grande, que fez seu considerável pomo de Adão balançar.

"Isso não é importante agora; o importante é que Leland só quer uma coisa. Ele quer abrir uma brecha entre o mundo dele e o nosso. Ele quer *voltar*, e isso não pode acontecer. Se isso acontecer..." Sean deixou que sua frase se perdesse.

"A quiddidade, os rostos nas chamas, eles voltarão para cá?" Robert perguntou em voz baixa. Só a ideia dos rostos se transformando dentro e fora do fogo já era suficiente para fazer suas palmas suarem. "Em nosso mundo?"

Sean acenou com a cabeça.

Shelly zombou, um som que chocou Robert e o fez virar.

"E como é que você sabe essa merda? Hmm?"

Sean não hesitou.

"Porque estava no livro."

Agora era a vez de Robert parecer incrédulo. Ele havia vasculhado a Internet durante semanas em busca de informações sobre a medula óssea e não havia encontrado nenhuma menção a um livro.

"Livro?"

"Livro", ele afirmou com um aceno de cabeça. "Chama-se *Inter vivos et mortuos* e descreve uma época em que a Medula se abre e os horrores são liberados para todos nós."

"Que se dane essa merda", exclamou Shelly, levantando os braços. "Eu entendo que há algo acontecendo aqui, mas isso? Do que você está falando? Isso é besteira religiosa." Ela deu as costas para eles e foi

pegar outra cerveja. "É mesmo? Deixe-me adivinhar, um judeu coloca um pouco de folhagem na cabeça e acaba tomando sol no alto de alguns postes de luz de madeira? Transforma um pouco de água e uvas em um Merlot de merda? Isso parece certo?"

"Shel-"

"Não me proteja, Robert." Ela fez um gesto em direção a Sean. "Quem é esse cara, hein? Por que está dando ouvidos a ele? Sério, Robert, o que você realmente *sabe* sobre ele?"

Sean voltou a ficar com a cara de pedra durante a explosão.

"Shel-"

Ela apontou um dedo para ele e Robert parou de falar.

Shelly estava certa, é claro. Seus olhares se cruzaram, e Robert sentiu sua boca ficar frouxa. Ele não sabia o que dizer.

"Então?", ela exigiu.

Robert balançou a cabeça e, lentamente, voltou-se para Sean.

"Quem é você, Sean? Quem diabos é você?"

Sean terminou seu uísque.

"Eu não sou ninguém."

Shelly zombou com raiva por trás de Robert, mas ele a ignorou.

"Oh, me diga uma coisa, Batman."

Ele ouviu o som da cerveja dela sendo aberta.

Sean suspirou pesadamente.

"Não há tempo para isso, Robert."

"Por quê?", ele perguntou de forma reativa. "Qual é a pressa?"

"Acho que você sabe."

Shelly riu.

"Maldito cara."

"Shelly tem razão. Você precisa parar de falar por enigmas. Se você nos quer para... para quê? Para que nos quer?"

"Você, não nós", Sean o corrigiu, sem desviar o olhar. "E acho que você sabe."

Robert sentiu sua temperatura subir.

"Não, desculpe, não tenho a menor ideia. Por que você não me esclarece?"

Mais uma vez, Sean suspirou e, dessa vez, todo o seu corpo pareceu entrar em colapso ao final do suspiro.

"Por causa do Carson", disse ele, e Robert sentiu todo o seu corpo ficar frio.

O homem do pano está chegando, Carson. Você pode usá-lo para abrir a fenda - ligando-o entre os vivos e os mortos, como diz o livro.

"Porque Carson vai abrir o portal entre nossos mundos. Ele vai deixar o Leland sair."

Capítulo 14

Um grito soou, mas o som quase não foi registrado por Carson Ford, sentado de pernas cruzadas no centro da cela, com o corpo nu marcado por manchas de sangue e hematomas roxos de quando os guardas o espancaram.

Mas, assim como o fato de as luzes acima terem se apagado e os gritos que agora enchiam a prisão, Carson não lhes deu atenção.

Com os olhos fechados, ele inspirou profundamente pelo nariz, inflando os pulmões ao máximo. Em seguida, soltou o ar em um jato fino.

Carson deixou sua mente em branco, voltando-se para dentro de si mesmo. Anos de isolamento o ensinaram a se concentrar, a abafar tudo em sua mente, a desligar o córtex pré-frontal.

Para ativar outras partes de sua mente.

Uma escuridão mais profunda do que a da Prisão de Seaforth envolveu Carson, e ele lentamente começou a se desassociar de seu corpo. Ele permitiu que essa escuridão caísse sobre ele, deleitando-se com sua textura aveludada.

O tempo passou, mas ele não sabia quanto.

E então, na escuridão, ele viu um ponto de luz. No início, era apenas um pontinho, mas à medida que ele se aprofundava em sua meditação, ele começou a crescer. E com esse crescimento surgiram detalhes adicionais, características na luz.

Era um fogo, e ardia muito.

A mente de Carson estava no Marrow.

Você fez isso? *pensou* ele. Neste lugar, não havia necessidade de falar.

Estou ficando mais forte, meu alcance está se expandindo ainda mais. Mas preciso que você faça o resto, respondeu um homem.

Era o mesmo homem que havia entrado em sua cabeça todos aqueles anos atrás, incentivando-o a pegar a faca e enfiá-la no peito de seu padrasto assim que o homem terminou de apagar o charuto em seu braço.

Era o homem que havia se apresentado inicialmente como Leland, mas que Carson agora chamava de Bode.

Era o homem que iria libertá-lo desse lugar e libertar todos os outros como ele.

O livro. O homem do pano.

É isso mesmo, Carson. Como discutimos.

Houve uma breve pausa enquanto a mente de Carson se movia para cima, concentrando-se nos rostos em meio às chamas. As brasas fumegantes revelaram um amigo seu, Buddy Wilson, que havia sido

condenado no Texas por crimes que rivalizavam com os seus.

E no Texas, eles tinham a pena de morte.

Em Nova Jersey, em Seaforth, isso não aconteceu.

E o homem? Ele também virá?

A forma de Leland se materializou de repente, sua jaqueta jeans desbotada lentamente se tornando sólida, assim como seu chapéu de abas largas. À sua frente estava uma menina de nove ou dez anos de idade, com longos cabelos loiros. Seu rosto em forma de coração estava voltado para a substância preta semelhante a piche sobre a qual estavam.

Ele virá. Ele não pode ficar longe por mais tempo.

Leland acariciou os cabelos escuros da garota.

E quando ele chegar a Seaforth, sabe o que você tem que fazer?

Se estivesse em sua forma física, Carson Ford teria assentido. Mas nesse lugar, nessa capacidade, ele só tinha sua mente.

Sim, eu sei o que fazer com ele e com o homem do tecido.

Leland empurrou a aba de seu chapéu, revelando seu queixo e um sorriso fino e sem lábios. Em seu interior, havia centenas de dentes pequenos e pontiagudos.

Muito bom. Não me decepcione como os outros, Carson. Não me decepcione.

Parte II - O diretor e sua cruz

Capítulo 15

"**Houve muitos** assassinatos e psicopatas notórios em nossa época", disse Sean enquanto ele, Rob e Shelly estavam sentados na sala de estar dos Harlop. "Bundy, Berkowitz, Manson. Mas Carson Ford foi - é - provavelmente um dos piores... você já deve ter ouvido falar dele?"

Robert balançou a cabeça e olhou por cima do ombro para Shelly, que fez o mesmo.

Sean fez uma careta.

"Sério? Completamente insensível à violência? Hoje em dia, os terroristas são o único mal que ganha tempo na TV, eu acho. De qualquer forma, Carson foi preso há três anos e condenado pelo assassinato de três pessoas, duas das quais eram seus pais. Esses crimes foram cometidos há uma década. Há rumores de que ele e um parceiro, Buddy Wilson, mataram mais de trinta pessoas em um período de dez anos."

Robert engoliu com força.

"E quanto a esses dois homens? Por que eu tive um... uh... um sonho com o Carson?"

Sean puxou a gravata, afrouxando-a ainda mais.

"Buddy está morto - executado pelo estado do Texas após ser condenado pelo assassinato de duas adolescentes. O processo foi acelerado... ninguém queria aquele homem vivo. Tentaram pegar Carson pelos mesmos crimes, mas ele lutou contra a extradição. Agora ele está preso na Prisão de Seaforth, que..."

"Prisão de Seaforth?" interveio Shelly. "Nunca ouvi falar."

"Também não me surpreende que você não tenha ouvido falar sobre isso. É uma ilha-prisão localizada na costa de Nova Jersey. Abriga alguns heróis locais, deixe-me lhe dizer. O lugar foi criado há quase cinquenta anos, mas só foi ocupado por menos da metade desse tempo. Com a superpopulação das prisões, em sua maioria formada por infratores não violentos do tráfico de drogas, o governador ficou cansado de ver um pai de três filhos que estava preso por vender um saco de maconha ser estripado no chuveiro por um assassino em massa. Então, ele transferiu os criminosos mais perigosos para Seaforth".

Robert assentiu, lembrando-se do cheiro de salmoura que havia captado junto com o suor do corpo do homem nu sentado no chão.

"Que é onde Carson está."

Sean acenou com a cabeça.

"Carson é o pior dos piores."

Shelly exalou ruidosamente.

"Certo, droga. Que merda isso tem a ver conosco?"

Sean apontou o queixo para Robert.

"Você quer contar a ela? Ou eu deveria?"

"Contar a ela o quê? Eu não sei..."

"Há algumas noites, recebi informações de alguém de dentro da prisão. Carson assassinou um dos guardas, de alguma forma o atraiu para sua cela e arrancou seus olhos da cabeça com as próprias mãos."

"Jesus", sussurrou Shelly. Ela balançou a cabeça. "É uma merda, mas ainda não entendo o que isso tem a ver conosco? O homem que ele matou ainda está perambulando pelos corredores?"

Sean deu de ombros.

"Talvez, mas esse não é o motivo pelo qual estou aqui."

Ele fez uma pausa e Shelly se voltou para Robert.

"Então, por que você está aqui?"

Robert limpou a garganta, mas as palavras ainda saíram apertadas, contraídas.

"O bode".

Shelly estava incrédula.

"O quê?"

Robert se virou para encarar seu amante, com a pele pálida. Ele não precisou dizer nada; em vez disso, apenas levantou lentamente a perna direita da calça, revelando o músculo que faltava e as três marcas de garras que marcavam sua pele.

Shelly ficou igualmente pálida.

"E quanto a ele?", ela perguntou suavemente.

Sean terminou seu uísque e se levantou.

"De alguma forma, Carson entrou em contato com Leland." Ele se voltou para Robert. "Ele tem falado com seu pai e está planejando trazer a medula para nós."

Robert balançou a cabeça.

"Ele não é meu pai... o nome do meu pai era Alex Watts, não Leland Black. Eu me lembro dele, assim como me lembro de minha mãe."

Sean se levantou e se aproximou de Robert, que permaneceu sentado.

"Você precisa se lembrar, Robert. Precisamos que você se lembre."

Em seguida, ele estendeu a mão e colocou as duas mãos na testa de Robert antes que ele pudesse se afastar.

Shelly gritou alguma coisa, mas as palavras foram arrastadas como gritos debaixo d'água.

E então o mundo de Robert Watts ficou negro.

Capítulo 16

"**Ligue-os novamente!**", gritou o diretor enquanto mexia na lanterna presa ao cinto.

"Eu... eu *não posso*", gritou Peter. Ele clicou em seu teclado, mas os monitores e toda a sala permaneceram escuros como breu.

"Porra!"

Ben finalmente conseguiu tirar a lanterna do cinto e a ligou. O cômodo ficou repentinamente muito claro, e Ben baixou o feixe de luz por um momento para permitir que seus olhos se ajustassem. Ainda assim, mesmo no curto período de tempo em que a lanterna estava apontada para Peter, ele notou que o rosto do homem havia ficado ainda mais pálido - se é que isso era possível - e ele estava ocupado digitando no teclado com as duas mãos.

E, no entanto, nada aconteceu.

"Peter? Mas que porra..."

Mas um barulho na porta o interrompeu. Ben deu meia-volta, guiando-o com a lanterna. Foi o que ele *não viu* que fez seu coração afundar.

As costas de Smitts não estavam mais bloqueando a janela.

"Smitts!" Ben gritou. "Smitts!"

Houve outro grito do lado de fora da porta, mas dessa vez foi mais profundo, mais gutural.

Ben engoliu em seco e se voltou para Peter.

"Peter, que porra você está fazendo? Acenda as malditas luzes de volta!"

"Estou tentando, porra!", gritou o homem, com o suor escorrendo da testa.

Houve outro grito e um baque vindo de algum lugar na escada.

"O que foi isso?" Peter perguntou, com a voz vacilante.

Ben estendeu a mão e colocou uma mão pesada no ombro de Peter.

"Peter, vire a..."

De repente, as luzes voltaram a se acender e Ben olhou para cima, com o aperto no ombro estreito de Peter ficando mais leve.

"Putá que pariu."

Peter se recostou em sua cadeira, com uma expressão estranha no rosto.

"Eu não fiz nada."

Ben baixou o olhar.

"O que você quer dizer com isso?"

O homem deu de ombros.

"Não havia energia, eu não podia..."

Um estalo úmido na porta interrompeu Peter, e os dois homens se voltaram para o barulho. Ben sentiu a respiração forçada de seus

pulmões.

Uma mão estava estendida sobre o vidro - uma mão *grande*, que deixava um rastro de sangue à medida que descia lentamente pela vidraça.

Ben correu imediatamente para a porta.

"Verifique as câmeras, Peter! Verifique se as câmeras estão ligadas novamente e se as celas ainda estão trancadas!" gritou Ben. Ele mostrou seu cartão-chave e puxou a maçaneta.

Ele quase esmagou a cabeça quando ela não se abriu.

"Que porra é essa?"

Ao passar o cartão de acesso novamente, ele voltou sua atenção para o vidro, olhando para baixo. Ele podia ver Smitts deitado no chão, segurando o peito. Seu rosto estava pálido e seus olhos fechados.

O sangue começou a se acumular sob seu corpo.

"Smitts!" Ben gritou, empurrando a maçaneta da porta novamente.

"Smitts, que porra aconteceu? Puta que pariu, Peter, o que há de errado com a porta? *Peter!*"

"Estou tentando! Não sei o que aconteceu... a energia deve ter redefinido os códigos das chaves. Deixe-me..."

"Droga!" Ben jurou, passando o cartão como um louco no leitor repetidas vezes. O resultado era sempre o mesmo: nada acontecia; a fechadura não se soltava.

Ben ficou ali, impotente, batendo as palmas das mãos contra o vidro, enquanto Smitts jazia moribundo no chão a menos de 30 centímetros de distância.

Que diabos aconteceu com ele?

"Smitts", disse ele, tentando manter a calma enquanto Peter consertava as portas. Os olhos do homem se arregalaram. Ben não tinha certeza se ele poderia ouvi-lo, mas agora que o resto da prisão havia se acalmado, ele achou que valia a pena tentar. Sua mão foi instintivamente para a cruz enquanto ele falava.

Que diabos Callahan estava fazendo aqui? O que, em nome de Deus, está acontecendo em Seaforth?

"Smitts, conte-me o que aconteceu. Quem fez isso com você?"

Para sua surpresa, Smitts afastou um dos braços que estava enrolado em seu estômago e estendeu um dedo para a escada.

Ben se moveu o máximo que pôde para um lado, pressionando o rosto contra o vidro frio enquanto olhava para baixo da escada.

E então ele o viu - ou, mais especificamente, ele o viu.

O rosto de Carson estava olhando para ele, com um sorriso nos lábios. Ben cambaleou para trás e, quando recuperou o controle e correu de volta para o vidro, Carson havia desaparecido.

"Acho que quase..."

Ben recuou até se chocar com o encosto da cadeira de Peter. O

homem foi sacudido e seu punho bateu com força no teclado.

"O quê?", perguntou ele ao se virar em sua cadeira. "O que é, chefe?"

Ben apontou para a porta, não muito diferente de como Smitts havia apontado para a escada momentos atrás.

"É o Carson", ele murmurou. "Carson está fora. Peter, feche a prisão. Desligue Seaforth do resto do mundo."

Capítulo 17

A porta maciça da igreja se abriu e o garoto olhou para o sacerdote de vestes longas e esvoaçantes que olhava para o ar quente do verão. Quase imediatamente, ele viu o suor começar a se formar na testa do homem, e ele o afastou gentilmente com as costas da mão.

"Sim?", ele perguntou com firmeza.

O homem que estava segurando a mão do garoto, um homem com cabelos loiros e um maxilar quadrado que combinava com o formato de sua cabeça, deu uma tragada em seu cigarro antes de responder.

"Padre Callahan?"

"Sim", disse o padre novamente.

"Já ouvi falar de você."

O Padre Callahan respirou fundo antes de responder. Um movimento na altura dos olhos chamou a atenção do garoto. Havia uma garota da idade dele em pé atrás do padre. Ela estava olhando para ele, com uma expressão severa em seu rosto suave.

Oi, disse o garoto.

A garota não o reconheceu.

O padre deve ter notado seu interesse, pois virou a cabeça.

"Volte para o andar de baixo, Kendra", disse ele gentilmente. Em seguida, eles esperaram em silêncio até que os passos suaves dela desaparecessem do alcance dos ouvidos.

"Oficial, acho que o senhor deve saber que..."

O homem loiro balançou a cabeça e, em seguida, estendeu a mão para ajustar a gravata que estava pendurada em seu pescoço.

"Não é um oficial."

O padre Callahan olhou para o homem e, em seguida, baixou o olhar para encarar o menino. O menino o encarou de volta.

O homem tinha olhos bondosos emoldurados por rugas pesadas, um nariz um pouco grande demais e cabelos cor de sal e pimenta que pareciam estar fugindo de sua testa.

É com esse homem que vou viver agora? pensou o rapaz, mantendo o olhar fixo. O homem loiro havia dito a ele que se comportasse, que fizesse contato visual, que não choramingasse, que não reclamasse.

Não importa como foi.

"Normalmente, só aceito meninas", disse o padre, e o coração do rapaz se afundou.

"Foi o que ouvi", respondeu o homem, com a mesma expressão severa no rosto. "Mas isso é diferente - esses garotos são muito especiais."

O padre Callahan olhou da mão direita para a esquerda do homem.

"Especial?", disse ele, com os olhos fixos no segundo garoto.

O garoto resistiu ao impulso de olhar para o irmão.

"Especial."

A sobranceira substancial do padre se franziu.

"Como eles são especiais?", perguntou ele.

O homem loiro soltou a mão do menino e pegou a bolsa que estava pendurada em seu ombro. Ele retirou um livro marrom simples e o estendeu para o padre.

"Leia isto e você saberá."

O padre não o aceitou imediatamente. Em vez disso, ele olhou para o livro com desconfiança.

"Devo dizer que esta é a visita mais estranha que já recebi nos últimos tempos."

O rosto do homem loiro permaneceu sem expressão.

"Você pode levá-los?"

O padre mastigou o lábio e, em seguida, seus olhos se desviaram do menino na mão direita do homem para a esquerda.

"Posso levar um, mas não os dois", disse ele. "O outro tem que ir para outro lugar".

O rosto do homem loiro finalmente mudou. Seus lábios se contorceram em uma careta, mas o Padre Callahan se manteve firme e balançou a cabeça desafiadoramente.

Mesmo com nove anos de idade, o menino sabia que o padre queria acolher a ele e a seu irmão, mas ele simplesmente não conseguia.

"Um deles", reiterou o padre, embora lhe custasse dizer as palavras em voz alta.

A resposta do homem loiro foi imediata. Ele empurrou sua mão direita para a frente, guiando o garoto até a entrada da igreja. Em seguida, entregou-lhe o livro.

"Robert, vá com o padre Callahan. Ele encontrará um lar para você."

O garoto, com os olhos ainda baixos, nem sequer olhou para o irmão enquanto o obrigava.

Os olhos de Robert se abriram e, como quando ele sonhou com o homem na cela, aquele que estava nu, sentado com as pernas cruzadas, ele se sentiu desorientado e confuso.

Piscar rapidamente serviu não apenas para limpar sua visão, mas também para limpar o frio que se apoderava de seu cérebro.

Há menos de um ano, eu era um contador com uma filha e uma esposa... e agora - agora isso. Sonhos, visões, demônios que ameaçam entrar em nosso mundo.

"Eu tenho um irmão?", perguntou ele suavemente, com lágrimas escorrendo pelo rosto. "Um irmão gêmeo?"

A falta de reação emocional de Sean Sommers pareceu a Robert não apenas insensível, mas também o irritou.

Um nervo que era profundo e trazia consigo uma fúria inesperada.

Robert começou a se levantar, mas perdeu o equilíbrio e caiu novamente no sofá.

"Por que você não me contou, porra?"

Shelly se aproximou e colocou um braço em seu ombro, mas ele se esquivou.

"Por que você não me contou, porra?"

Sean apertou os lábios com força e balançou a cabeça.

"Eu já lhe disse, Robert, que não estou aqui para responder a todas as suas perguntas, por mais importantes que elas possam parecer."

Dessa vez, Robert se levantou, certificando-se de enraizar firmemente os pés no chão.

"Parece? *Parece?* Você acha que o fato de eu... eu... eu ter um gêmeo, que *você* - que de alguma forma *você* - me *deixou* em uma igreja, virou meu *mundo* de cabeça para baixo, que eu estou - o quê? Exagerando de alguma forma? Como se essa merda não fosse importante?"

Robert tentou agarrar o homem, mas Shelly se interpôs entre eles antes que ele pudesse esganar o bastardo presunçoso.

"Como se você não tivesse nenhuma responsabilidade nisso? Em *nada* disso?", ele gritou por cima da cabeça loira dela.

Sean se levantou, com a bebida ainda na mão.

"Oh, eu tenho um papel a desempenhar", disse ele suavemente, com os olhos baixos. "Mas esse momento ainda está por vir. Por enquanto, temos outras coisas para resolver."

"Sim? Como o quê, porra? Como a Ruth Harlop? George Mansfield? O doutor Andrew Fucking Shaw?"

Sean balançou a cabeça.

"Como Carson Ford. E o tempo está se esgotando. Precisamos agir agora, ou nenhuma de suas perguntas terá importância. Se a fenda se abrir, isso -" Ele levantou as mãos, indicando a enorme sala na propriedade Harlop, mas de alguma forma também indicando algo mais. "- nada disso terá importância alguma."

Capítulo 18

"**Você pode reiniciar as portas?** Me deixar sair daqui? Smitts está morrendo lá fora!"

Peter, com o rosto pálido como um lençol, assentiu lentamente.

"Posso tentar redefinir todo o sistema, mas isso significa que tudo ficará off-line por pelo menos cinco minutos, talvez mais."

Ben franziu a testa.

"Então, faça isso, porra. Não posso fazer nada daqui. E mostre a imagem da câmera." Ele apontou para o monitor grande e depois para o que estava à esquerda dele. "Quero o quarto do Carson aqui, e coloque onde quer que o Callahan esteja neste outro."

Peter apertou as teclas e, conforme solicitado por Ben, o celular de Carson foi exibido na tela central.

"Que porra é essa?"

O diretor enxugou os olhos, tentando entender o que estava vendo.

"A porta - mostre o corredor do Bloco de Celas E."

Peter fez um clique novamente, e o corredor apareceu em uma tela menor. A porta ainda estava fechada e, pelo que Ben podia ver, também estava trancada.

"Que porra está acontecendo aqui?", ele sussurrou.

Carson ainda estava sentado de pernas cruzadas em seu quarto.

"Eu poderia ter visto - eu *sei que* o vi na escada."

Peter balançou a cabeça.

"A porta está trancada, chefe. Talvez..."

"Reinicie o sistema", disse Ben com firmeza. "Faça isso agora."

Peter voltou imediatamente para a tela do computador. Um segundo depois, tudo ficou escuro novamente. Só que, dessa vez, as luzes da sala permaneceram acesas.

Ben esperou, com o coração acelerado.

Foi como o Quinn? Minha mente está me pregando peças de novo? Será que estou perdendo o controle?

E então havia Smitts... Smitts sangrando até a morte do lado de fora da porta.

Se não foi o Carson, então quem fez isso com ele?

E havia o padre Callahan.

Como ele voltou para cá? Por que ele voltou?

"Foda-se", ele murmurou com os dentes cerrados, "foda-se, foda-se, foda-se, foda-se!" Se ele tivesse cabelo no topo de sua cabeça careca, teria arrancado tudo naquele momento.

Peter se virou.

"Você está bem?"

Ben acenou para o homem, depois atravessou rapidamente a sala até a porta e olhou para o amigo de longa data e um de seus guardas

mais confiáveis. O homem havia se encolhido em posição fetal, o sangue continuava a vazar entre as mãos que ainda seguravam seu estômago. Seus olhos estavam marejados, o que Ben considerou um bom sinal.

Fique comigo, Smitts. Fique comigo, porra.

Ele se perguntou onde estariam os outros guardas, e então Ben se repreendeu por não ter pensado no walkie-talkie antes.

Eles trabalharam em um sistema diferente dos outros eletrônicos em Seaforth, portanto, devem funcionar.

Por favor, por favor, funcione, pensou Ben ao tirar o walkie-talkie do cinto. Com uma leve hesitação, ele girou o botão e pressionou o walkie-talkie.

"Perry, Lenny, este é o diretor Ben Tristen. Preciso de vocês..."

Ele soltou o botão por um segundo e depois jurou novamente quando tudo o que ouviu foi estática.

Talvez os walkies de alguma forma funcionassem no mesmo sistema que o resto da prisão. Improvável, mas possível. Ou talvez fossem as - como Peter as chamava - nuvens elétricas ou algo assim? Talvez o relâmpago no céu os tenha fritado.

"Peter, o -" *reset afeta os talkies*, ele estava prestes a perguntar, quando a luz do leitor de cartão ao lado da porta emitiu um bipe.

Ben não hesitou. Ele escaneou seu cartão, enquanto a outra mão, a que ainda segurava o walkie-talkie, alcançava a cruz em seu pescoço.

Por favor...

Um segundo depois, a porta apitou e o diretor da prisão de Seaforth a abriu o mais rápido que pôde.

"Smitts!", gritou ele ao se agachar ao lado do homem.

Os olhos de Smitts se agitaram, mas não se abriram. Ben afastou gentilmente as mãos do homem de seu estômago e se encolheu ao ver o sangue que jorrava de um ferimento de cerca de 2,5 cm de largura.

"Porra! Peter, chame o Lenny! Traga-o aqui *agora!*" Ben cobriu o ferimento no estômago de Smitts com as mãos. Estava quente, e seus dedos ficaram imediatamente encharcados de sangue. "Fique comigo, Smitts. Fique comigo, porra."

Smitts gemeu, mas não disse nada.

"Peter!"

Ainda apertando o estômago de Smitts, ele voltou a cabeça para a porta. Ela já havia se fechado atrás dele.

"Peter!", ele gritou novamente, com a frequência cardíaca e a voz aumentando.

A porta se abriu de repente, e Peter deu uma olhada para fora. Ele abriu a boca para dizer algo, mas nenhuma palavra saiu.

"Que diabos está acontecendo?"

"Lenny... os guardas... os..." Seus olhos ficaram vazios e ele

começou a desmaiar. Ben temia que o homem fosse desmaiar.

"Peter! Mantenha-se firme! E os guardas? Sobre Lenny? O que aconteceu?"

O homem ficou parado na porta, com a boca aberta e as mãos penduradas frouxamente ao lado do corpo.

"Peter!"

Se não fosse pelo fato de Smitts estar deitado no chão diante dele, Ben teria ido até seu homem de TI e o estrangulado com suas mãos artríticas.

Os olhos de Peter ficaram claros de repente.

"Eles estão todos mortos, Ben... todos eles estão mortos".

Capítulo 19

"Eu nunca me inscrevi para essa merda", sussurrou Shelly.

Robert se virou para ela, com os olhos arregalados.

"Você não sabia? Bem, com certeza eu também não. Isso é loucura. Tudo isso. Às vezes... às vezes acho que eu estava no carro com a Wendy no dia em que ela morreu. Às vezes penso que nós três, eu, Wendy e Amy, morremos naquele acidente".

"Não diga isso".

Robert se esforçou para manter sua raiva sob controle.

"Por que não? Quero dizer, isso faz algum sentido para você? Que eu tenha um irmão gêmeo? Que fui adotado? Que meu pai verdadeiro é o maldito Leland Black, o Bode, o maldito Satanás do submundo?"

Shelly mal conseguiu manter o olhar.

"Ah, para não esquecermos o fato de que, de alguma forma, você, eu e Cal - onde quer que ele esteja - somos agora responsáveis por manter esse portão fechado, por manter os demônios fora do nosso mundo."

Robert agarrou suas têmporas.

"Está tudo fodido, Shelly, está tudo muito fodido. E eu não tenho ideia do que fazer."

Shelly se aproximou dele rapidamente, envolvendo os braços em sua cintura e abraçando-o com força.

Ele não resistiu e, em vez disso, enterrou a cabeça nos cabelos loiros dela. Por um tempo, ninguém disse nada.

Foi Sean quem acabou quebrando o silêncio.

"Não posso forçá-lo a fazer nada, Robert. Tudo o que posso fazer é - como antes - pedir sua ajuda. Mas não posso deixar de enfatizar o quanto é importante que você faça o possível para manter essa fenda na Marrow fechada. Não se trata de Ruth Harlop, nem mesmo de Andrew Shaw, embora este último estivesse mais próximo da verdade, mas é algo totalmente diferente. Preciso que você venha comigo e ajude a enviar Carson para a Medula - para enviá-lo para lá com Leland, para mantê-los todos lá, envoltos em seu próprio inferno pessoal".

Robert fungou, enxugou as lágrimas dos olhos e olhou para o homem.

Quantas vezes nos encontramos desde que me tornei adulto? Três? Quatro, talvez?

E, no entanto, em nenhuma dessas vezes o homem desganhado diante dele tinha a aparência que tinha agora.

Era impossível para ele abandonar Ruth, Patricia e o Dr. Mansfield. Qual era a probabilidade de ele abandonar todos e tudo com que se importava neste mundo?

Robert suspirou.

Ele havia tomado sua decisão, mas não podia garantir a Shelly. Robert se virou para ela, usando os dedos para levantar seu queixo.

"Você não tem..."

Ela se afastou.

"Não faça isso, Robert", disse ela com firmeza. "Não me venha com essa conversa de homem. Sei que não preciso ir com você. Mas eu vou. Eu *irei* com você - eu o ajudarei. Eu o ajudarei porque eu..."

Robert sentiu seu corpo ficar inadvertidamente tenso.

Shelly lhe deu um soco no ombro.

"Porque eu gosto de ir com você, retardado. O que você acha que eu ia dizer?"

Seus olhos se estreitaram.

"Nada", Robert resmungou, desviando o olhar dela e voltando sua atenção para Sean. "Bem, o que vamos fazer agora?"

O homem parecia aliviado, mas o suor em sua testa permanecia.

"Tenho um helicóptero esperando aqui perto para nos levar à ilha", disse Sean.

Por que não estou surpreso?

Robert se sentiu como antes de ir para a Sétima Ala, quando Cal tinha seu pé de cabra e Shelly sua sacola de brinquedos. E ele não estava armado com nada. Na verdade, com as perguntas que ainda fervilhavam em seu cérebro, ele se sentia armado com menos do que nada.

Cal em seu estúpido roupão de banho e gola alta, Cal com...

"E o Cal?", ele perguntou de repente, lembrando-se de como o amigo havia fugido com o garoto das câmeras.

Sean franziu as sobrancelhas e balançou a cabeça.

"Não há tempo - temos que sair agora. A fenda está crescendo. Não consegue sentir isso?"

Robert começou a balançar a cabeça, mas Sean o interrompeu.

"Feche seus olhos, Robert. Feche os olhos e concentre-se no que você viu na Medula."

Apesar de não querer ouvir o homem que estava à sua frente, Robert se sentiu compelido a fazê-lo. E quando fechou os olhos e se concentrou, achou que estava sentindo algo.

"Acho que..."

"Não, não pense", instruiu Sean. Robert sentiu Shelly abraçá-lo novamente. "Não pense - apenas deixe sua mente em branco e *sinta*."

No início, nada aconteceu. Mas quando Robert começou a respirar mais profundamente e a se concentrar em seu âmago, ele pensou ter ouvido algo.

O estrondo das ondas.

"O que...?"

"Shhh."

Ondas batendo na praia. Tranquilo, sereno.

Perfeito.

E então um relâmpago encheu o céu.

O som de um trovão.

De gritos, de terror.

Os olhos de Robert se abriram. Seu peito ficou tão apertado que ele pensou que estava tendo um ataque cardíaco.

"Temos que ir."

Sean acenou com a cabeça.

"Eu sei, nós..."

"Não", disse Robert com severidade. "Temos que ir *agora*."

Capítulo 20

O diretor Ben Tristen agarrou Smitts pelos ombros e o arrastou de volta para a sala de controle. Apesar de sua força, ainda era um desafio passar com os ombros largos e musculosos do homem pela porta que Peter, de rosto pálido, mantinha aberta. Respirando pesadamente, Ben finalmente ultrapassou a soleira da porta e caiu no chão com Smitts no colo.

Peter deixou a porta se fechar atrás deles.

"Pegue uma gaze e pressione-a sobre a ferida", instruiu Ben, ainda sentado.

"Gaze? Esta é uma sala de controle, nós..."

Ben deitou gentilmente a cabeça de Smitts no chão e depois se levantou, gemendo ao esticar as costas.

"Pegue qualquer coisa, então, algo que impeça o Smitts de sangrar, Peter!"

Ben vasculhou a sala, evitando propositalmente olhar para os monitores. As palavras de Peter ainda ecoavam em sua cabeça - *os guardas, todos eles estão mortos - mas* ele devia estar exagerando. A alternativa era impensável.

Smitts gemeu, e Ben se concentrou na tarefa que tinha em mãos.

"Ali!", disse ele, apontando para uma pilha de panos de microfibra empilhados em um pequeno carrinho de metal perto da porta. "Pegue-os e pressione-os sobre a ferida".

Peter fez o que lhe foi instruído, mas Ben notou que, ao evitar olhar para os monitores, Peter evitava olhar para a barriga ensanguentada de Smitts.

"Pressione-os com força, Peter."

Peter se ajoelhou, colocou a pilha grossa de panos azuis sobre o ferimento e pressionou com força. A testa de Smitts se franziu, mas seus olhos permaneceram fechados.

Dada a quantidade de sangue do lado de fora da porta e a mancha de quando ele foi arrastado para dentro da sala, Ben não tinha certeza de quanto tempo o homem duraria.

O diretor respirou fundo, enxugou o suor da testa e, finalmente, virou-se para os monitores. Seu coração estava tão acelerado no peito que ele se sentia tonto.

Por uma fração de segundo, Ben sentiu o alívio tomar conta dele. Seus olhos se voltaram primeiro para um dos pequenos monitores, que mostrava Carson ainda sentado de pernas cruzadas no centro da cela. Ele ainda não entendia como o homem estava na escadaria há apenas alguns minutos e agora estava trancado em sua cela, mas nada do que aconteceu naquele dia fazia sentido para ele.

Seus olhos se moveram para o grande monitor ao lado e um gemido

escapou de seus lábios.

"Não, por favor, Jesus, *não*."

Ben sentiu-se tonto e agarrou-se ao encosto da cadeira de Peter para não cair de joelhos. Ele fechou os olhos com força, tentando afastar a cena. Quando os abriu novamente, estava olhando com lágrimas nos olhos.

O refeitório em que Smitts e Ben tinham acabado de tomar seu café da manhã estava exposto na frente e no centro. Só que agora ele não estava vazio.

Quase uma dúzia de homens vestidos com uniformes da guarda da marinha estavam pendurados no teto por forcas feitas de tudo, desde cabos elétricos até lençóis torcidos. Seus olhos estavam abertos, vazios, com as línguas penduradas em bocas que se destacavam em seus rostos roxos.

"Oh, meu Deus", sussurrou Ben. "Oh, meu Deus." Ele fechou os olhos e balançou a cabeça, com lágrimas escorrendo pelo rosto. "Por favor, Senhor... como isso é possível? Como diabos isso aconteceu?"

Mesmo que a pergunta não tivesse a intenção de ser respondida, Peter respondeu mesmo assim.

"Os presos... eles saíram", disse ele, sua voz soando estranhamente distante.

Ben agarrou o encosto da cadeira com tanta força que o couro se partiu. Em seguida, com seus dedos grossos cravados no material, ele puxou, rasgando uma enorme aba para trás, revelando uma espuma espessa e amarela por baixo.

"Como *diabos* isso aconteceu?", ele rosnou. Ele cerrou os dentes e resistiu ao impulso de jogar a cadeira nos monitores à sua frente. "Como *diabos*...?"

Então, inesperadamente, uma imagem do Padre Callahan, com sua forma curvada subindo lentamente os longos degraus até a frente do prédio, surgiu em sua mente.

Ben se forçou a olhar para o monitor novamente.

Ele encontrou o rosto magro e moreno de Perry entre os mortos, e lá estava Lenny, girando lentamente, de costas para a câmera. Os olhos de Ben passaram rapidamente por seus rostos, tentando não captar nenhum dos detalhes horríveis.

"Padre Callahan", sussurrou ele, sem encontrar o velho padre pendurado no refeitório. "Onde está o padre Callahan? E onde estão os detentos?"

Como não houve resposta, ele se virou para Peter.

O homem ainda estava pressionando o ferimento de Smitts, mas seus olhos estavam fixos no monitor.

"Estão todos mortos", ele sussurrou. "Ele prometeu... eles... quando..."

Ben enxugou mais lágrimas do rosto e respirou fundo. Tudo o que ele queria fazer era desabar, enrolar-se em uma bola como uma criança e chorar.

Mas ele não podia fazer isso.

Ele ainda tinha uma prisão para administrar. Não importava se ele, Peter e Smitts, que estava morrendo no chão aos seus pés, e o padre Callahan, onde quer que estivesse, eram os únicos que ainda valiam a pena salvar, ele tinha um trabalho a fazer.

Havia mais pessoas para pensar do que apenas os guardas da Prisão Seaforth. Se, de alguma forma, Hargrove não tivesse pegado o rebocador e ido embora, se Callahan o tivesse convencido a ficar, então havia um barco amarrado a menos de cem metros da porta da frente. E se os presos conseguissem chegar até lá...

Ben balançou a cabeça.

Não, isso não é possível.

Mas ele havia dito a mesma coisa sobre a falta de energia.

E sobre os prisioneiros que escapam de suas celas.

E sobre o assassinato de quase toda a sua equipe.

E sobre o fato de Carson ter arrancado os olhos de Quinn de sua cabeça.

Uma única lágrima rolou pela bochecha enrugada de Ben e ele a enxugou rapidamente com as costas da mão. Em seguida, compartimentou tudo o que havia testemunhado naquele dia, enterrando os horrores nos recessos escuros de sua mente.

"Onde estão os presos?", ele perguntou novamente depois de limpar a garganta.

Quando Peter não disse nada e apenas continuou olhando, de olhos arregalados, Ben estalou os dedos na frente do rosto do homem.

Peter estremeceu, depois pareceu voltar a si. Um segundo depois, Smitts gemeu, e os olhos de Peter se arregalaram naquela direção.

Ben se irritou novamente.

"Peter! Agora somos eu e você, precisamos nos manter unidos! Onde estão os detentos? Onde estão os *malditos* detentos?"

Ben o alcançou, com a intenção de dar um empurrãozinho para que o homem voltasse a viver. Se Peter escurecesse, tudo estaria perdido.

Ele estava morto como os outros - não havia como ele conseguir operar o complicado sistema de computador.

Mas antes de agarrar Peter, o homem deu meia-volta e se dirigiu à sua cadeira, agora rasgada. Ele se sentou e, sem dizer mais nada, começou a clicar no teclado, felizmente tirando da tela a imagem horrível dos homens pendurados nas vigas do refeitório. Em seguida, começou a percorrer sistematicamente as diferentes câmeras de Seaforth, uma de cada vez.

A primeira imagem que apareceu foi a da fileira de celas do gênero

pop, e Ben engoliu com força. As portas das celas estavam parcialmente abertas, com o interior vazio.

"Próximo", disse ele, com a garganta subitamente seca.

A imagem a seguir era de um dos corredores, também vazio.

"Próximo", ele repetiu.

As quatro imagens seguintes eram as mesmas: vazias, como se a prisão tivesse sido abandonada há muito tempo.

Onde diabos eles estão?

A imagem seguinte mostrava Carson, o pequeno fodido, ainda sentado no chão de sua cela, meditando.

De uma forma doentia, Ben estava feliz porque, pelo menos, Carson não teria o prazer de matá-los ele mesmo. Se, é claro, ele estivesse em sua cela o tempo todo.

De alguma forma, porém, de um jeito que ele não entendia, Ben sabia que Carson estava por trás disso.

Tudo isso.

Ele não acreditava nas palavras do padre Callahan, mas sentia, no fundo de suas entranhas, que tudo aquilo era obra de Carson.

"Nex-", ele começou, mas Peter já havia trocado de câmera.

O ar foi subitamente sugado dos pulmões de Ben.

"Que diabos eles estão fazendo?", ele sussurrou.

Peter não respondeu. Até mesmo Smitts, ainda deitado no chão segurando o estômago que sangrava, ficou quieto, embora, com os olhos fechados, ele não pudesse ver o que estava na tela.

Ben apertou os olhos com força.

Os detentos, todos os vinte e dois, estavam amontoados, parados do lado de fora da porta do Bloco de Celas E, com as cabeças baixas e os corpos pressionados. Ben teve de se concentrar para perceber que eles estavam realmente respirando.

"O que eles estão esperando?", ele sussurrou depois de olhar para a cena por um minuto inteiro. "O que eles estão fazendo?"

Peter balançou a cabeça.

E então houve um clique audível, o som característico da porta do Bloco de Celas E se abrindo, e então a tela ficou cheia de estática.

Eles estavam esperando para entrar.

Eles estavam esperando para ver Carson.

O movimento em um dos monitores laterais atraiu o olhar de Ben. Era o único monitor que mostrava uma imagem.

E era da célula de Carson.

Ele estava sorrindo, com um sorriso de comer merda, de orelha a orelha.

Capítulo 21

"Você está brincando, certo?"

Sean balançou a cabeça, enquanto Shelly, que havia feito a pergunta, ficou olhando.

Robert, motivado pelo que tinha visto em sua mente - o rompimento da medula, o homem chamado Carson sentado no chão de sua cela, com o rosto coberto de sombras - não tinha tempo para perguntas.

"Shelly, precisamos nos apressar", ele gritou por cima do som das pás do helicóptero cortando o ar noturno.

Robert sabia pouco sobre helicópteros, mas o formato preto e volumoso era claramente militar - esse não era um helicóptero que levava você para um voo de lazer sobre o Grand Canyon. O nariz era grosso, fortemente blindado, e havia uma estranha falta de marcações em todo o exterior.

Uma ligação de Sean e o helicóptero aterrissou em menos de dez minutos no campo vazio atrás da Harlop Estate. Não foi apenas a presença do helicóptero que chamou a atenção, mas o fato de Sean ter acesso a um. E ainda por cima de plantão.

Robert se lembrou das palavras de Leland quando o homem questionou o que ele realmente sabia sobre Sean. Sobre qualquer um deles, na verdade.

Ele ainda não estava convencido de que Leland era seu pai, ou que ele havia estado na igreja com a grande porta de madeira, de mãos dadas com Sean, todos aqueles anos atrás. Ele nem mesmo tinha certeza se o que tinha visto do homem na cela era real.

Poderia ser apenas um truque elaborado; Sean poderia ter dado a ele algum tipo de alucinógeno poderoso e preparado sua mente para essas ideias.

Mas por quê? Com que objetivo? E por que ele?

Robert balançou a cabeça.

Mas a medula óssea, os rostos nas chamas... a voz de Amy... tudo isso era real.

Não é mesmo?

Shelly acabou superando sua incredulidade e se mobilizou, e Robert seguiu o exemplo, colocando uma mão na parte inferior das costas dela enquanto seguiam Sean em direção ao helicóptero. Quando se aproximaram, o ar das lâminas soprou a jaqueta dele e jogou seu cabelo para trás.

Sean chegou primeiro ao helicóptero e colocou o pé no painel antes de se voltar para eles.

"Entre", gritou ele, gesticulando loucamente com os braços.

Robert ajudou Shelly a entrar no helicóptero, e ela se sentou em

frente a Sean. Ele se içou para dentro e deslizou para o lado dela.

Ele nunca havia entrado em um helicóptero antes, e um pensamento estranho lhe ocorreu de repente.

Não foram as circunstâncias em que pensei em riscar isso da minha lista de desejos.

Ele se virou para Shelly, que estava mortalmente pálida.

Evidentemente, andar de helicóptero não era sua ideia de diversão.

Olhando para o belo rosto dela, com os olhos fechados, Robert se deu conta de que, embora soubesse pouco sobre Sean ou Leland, também não sabia muito sobre Shelly. Eles tinham sido íntimos, é claro, mas apenas no sentido físico.

Assim como Sean, ela também era cautelosa.

Se sairmos dessa, vou começar a fazer mais perguntas. Cal também, onde quer que ele esteja. Por tanto tempo, fiquei enterrado em meus próprios problemas. Já é hora de começar a pensar nos outros também.

Sean colocou um conjunto de fones de ouvido cinza e instruiu-os a fazer o mesmo. Robert ajudou Shelly a soltar os dela que estavam pendurados atrás deles e depois colocou os seus.

Imediatamente, o zumbido das lâminas desapareceu e foi substituído por um silêncio estranho e levemente incômodo.

E então Sean começou a falar, com uma voz surpreendentemente clara.

"Mark, leve-nos ao Seaforth."

"Sim, senhor."

Senhor?

Robert olhou por cima do ombro de Sean e percebeu que havia dois homens na cabine de comando. O que se chamava Mark, o piloto, segurava os controles com as mãos enluvadas. Em seguida, ele se afastou, e o estômago de Robert se revirou quando eles levantaram do chão.

Shelly se aproximou e colocou um braço sobre o peito de Robert.

Ele não pôde deixar de sorrir, apesar das circunstâncias.

Não, essa *definitivamente* não era a ideia de diversão de Shelly.

O outro homem na cabine de comando olhava fixamente para a frente, com o maxilar forte travado. Em vez de controles em suas mãos, seus dedos estavam enrolados no cano de uma metralhadora, com a coronha cravada no chão.

Militar? Sean é do exército?

Robert olhou para Shelly, mas seus olhos estavam fixos na janela, que continuava a se elevar no ar.

"Tempo estimado de chegada: quarenta e sete minutos. Tempestade na ilha, pode tornar a viagem acidentada."

Shelly engoliu visivelmente.

Quarenta e sete minutos...

Eles estavam a apenas seis metros de altura quando Sean começou a falar, e Robert voltou sua atenção para o homem no momento em que o telhado da Harlop Estate, aquele do qual Patricia Harlop havia sido empurrada, desapareceu na escuridão.

"A prisão de Seaforth atualmente abriga vinte e dois detentos, todos considerados perigosos demais para serem mantidos em solo americano. É aí que entra a ilha artificial. A prisão teve apenas um diretor desde sua concepção, um homem que, segundo todos os relatos, é duro e cumpridor da lei. Está ficando velho e tem problemas de saúde crescentes, mas é um bom homem. Há onze guardas, mais ou menos, a maioria ex-militares, e um homem de TI chamado Peter Granger. Todos foram submetidos a verificações completas de antecedentes. A prisão funciona em um esquema de cinco dias de trabalho e quatro dias de folga. Os alojamentos para dormir ficam em um pequeno prédio separado da prisão. As refeições são transportadas de barco semanalmente e, em seguida, dois cozinheiros - em parte temporários que trabalham em horários regulares - são trazidos do continente para prepará-las. Há apenas uma saída da ilha: um barco fortemente fortificado que faz uma única viagem por semana."

Robert se esforçou para assimilar tudo isso enquanto continuava a engolir para forçar o almoço a entrar em sua garganta. Voar em um helicóptero não era a experiência romântica que ele esperava. Ainda assim, ele estava se saindo melhor do que Shelly, cuja cabeça estava pressionada contra a almofada traseira, com as costas eretas e os olhos fechados.

"E esse diretor..."

"Ben Tristen", disse Sean, preenchendo o espaço em branco.

"Diretor Ben Tristen; ele sabe que estamos chegando?"

Sean balançou a cabeça.

"Perdeu o contato com a prisão quando a tempestade começou. O sistema é alimentado por eletricidade e geradores da linha principal, com várias fontes de energia de reserva e redundâncias, e *nunca* deveria ficar escuro. Mas isso aconteceu há dois dias. Quando voltou a funcionar, o diretor informou que um guarda havia sido assassinado. Os detalhes são imprecisos, e o suporte deveria ter ido para a ilha. Mas então veio a tempestade e perdemos o contato novamente. Mais ou menos na mesma época em que você..." Sean deixou a frase cair no esquecimento.

"Eu o quê?"

Sean ergueu um dedo e se virou para os dois homens na cabine de comando atrás dele.

"Mark, Aiden, coloquem seus fones de ouvido no canal 3, com cancelamento de ruído ativado."

O piloto assentiu, enquanto o outro simplesmente levantou a mão e trocou um botão na lateral de seus fones de ouvido cinza. O comportamento robótico de Aiden era inquietante para Robert.

Sean se voltou para ele e Shelly, mas Shelly ainda parecia estar à mercê de sua doença do ar e respirava com os lábios franzidos. Ele acenou com a cabeça para Robert.

"Foi quando você começou a ter os sonhos."

Agora foi a vez de Robert balançar a cabeça.

"O que os sonhos têm a ver com isso? Que porra está acontecendo, Sean? O que está *realmente* acontecendo?"

Sean apertou os lábios e fez uma pausa antes de responder.

Quando ele finalmente começou a falar, Robert se inclinou para perto e ouviu.

Capítulo 22

O padre Callahan usou o cartão-chave que havia tirado do corpo de Quinn para abrir a porta da frente da Prisão Seaforth. Ele estava grato por ser apenas Hargrove que estava no barco, pois seu velho amigo Ben havia mantido o outro homem, o mais duro, aquele que ele chamava de Smitts, ao seu lado. Aquele homem não era como Ben e Hargrove; ele não era um homem da igreja.

Hargrove, por outro lado... O padre Callahan conhecia a mãe e o pai dele desde o breve período que passaram na Carolina do Sul. Provavelmente foi por isso que o homem concordou em deixá-lo sozinho com o corpo de Quinn, sob o pretexto de que precisava rezar.

E, como ele previra, com tudo o que estava acontecendo na prisão, alguém havia se esquecido de tirar seu passe. Ou uma das ridículas e antiquadas chaves de latão.

A parte mais difícil foi sair do barco sem ser detectado. Seu corpo estava velho, desgastado, e ele quase caiu na água quando subiu pela lateral. Como era de se esperar, ele havia torcido o tornozelo de forma violenta e cada passo lhe trazia dores agudas até o joelho.

Depois de ver o rebocador se afastar, o Padre Callahan saiu de trás dos arbustos e lutou muito contra a chuva torrencial e os ventos fortes, e logo se viu novamente dentro da prisão. Ao cruzar a soleira da porta, a porta externa se fechou e trancou automaticamente, finalmente oferecendo a ele um alívio das intempéries.

Com uma respiração profunda e agitada que trouxe consigo uma série de tosses secas, o padre se viu sozinho na pequena sala de espera.

Ele tirou a chave de suas vestes, colocou-a na fechadura e girou-a, o metal mordendo profundamente seus dedos retorcidos.

Em seguida, ele agarrou a porta e a puxou.

Não aconteceu nada, não abriu.

Ele mexeu na fechadura novamente, mas quando tentou abrir a porta pela segunda vez, seus esforços tiveram o mesmo resultado.

Então ele se lembrou de Ben usando seu walkie-talkie para sinalizar para alguém que abrisse a porta remotamente.

O Padre Callahan se repreendeu por ser tão estúpido. Ele era apenas um homem velho e frágil - como ele poderia invadir uma prisão tão secreta que apenas um punhado de pessoas tinha ouvido falar dela?

Mas ele tinha que tentar. Ele não tinha escolha a não ser tentar.

Duas noites atrás, ele havia tido uma visão - uma visão de uma fenda na Medula, e tudo começou aqui. Ele não sabia se era apenas uma coincidência o fato de Ben tê-lo chamado, ou se ele também havia captado sinais da Medula e simplesmente não sabia disso.

Mas os detalhes não importavam. E não importava o quão próximo ele era de Ben, o quão antiga era a amizade deles.

O Padre Callahan tinha que entrar - ele *tinha que* falar com Carson. E ele tinha que deter o homem, custasse o que custasse.

Ben havia sido muito brando com o homem e, à medida que a quietude na prisão aumentava, a força que Carson possuía crescia com ela.

Apesar da visão, o Padre Callahan achou que tinha mais tempo. Sua primeira intenção tinha sido apenas visitar a prisão, verificar a cena e depois procurar um dos Guardiões.

Mas depois de ver o vídeo de Carson com os globos oculares agarrados em suas mãos e o pobre guarda falando do bode, ele sabia que o tempo era essencial. E a *sensação*, o aperto no peito que ele sentia mesmo agora, deixava bem claro que não havia tempo para procurar os outros.

Ele próprio não era um Guardião, apenas o guardião do livro. E o que estava acontecendo em Seaforth seguia de perto a profecia em *Inter vivos et mortuos*.

A profecia que descrevia um assassino sádico abrindo o portal para a Medula, permitindo que o mal se espalhasse por este mundo e envenenasse para sempre o Mar da Medula.

Cabia a ele deter Carson. Não havia tempo para falar com os outros.

O padre Callahan respirou fundo, sentindo os pulmões se contraírem, e lutou contra a vontade de tossir novamente.

Em seguida, ele deu um passo para trás e, por algum motivo, acenou para a câmera com a mão, sem muita convicção.

Um segundo depois, as luzes se apagaram e a porta interna se abriu.

Capítulo 23

"...o que realmente está acontecendo aqui?" perguntou Robert.

"A verdade é que não tenho mais certeza. Tudo o que sei é que, há alguns anos, houve uma espécie de distúrbio, um tremor, se preferir, algo que eu não sentia há... bem, eu *nunca* senti isso antes."

Robert olhou para o homem com desconfiança, lembrando-se das palavras de Leland.

O que você realmente sabe sobre Sean Sommers? Você olha para ele com o mesmo desdém que olha para mim?

"Você *sentiu* isso?"

Sean acenou com a cabeça.

"Como você, posso sentir as coisas - a única diferença é que estou nisso há muito mais tempo do que você."

Robert fez uma careta.

"Quem é você? E, mais importante, quem *sou eu*?"

Por um longo tempo, Sean ficou apenas olhando para ele. Ele havia se recuperado um pouco de sua aparência desgredada na Harlop Estate algumas horas atrás; a gravata ainda estava solta no pescoço, o cabelo bagunçado, mas pelo menos seu rosto não estava mais desleixado. Algo em sua expressão dura, apesar de ter incitado a raiva na propriedade, era estranhamente reconfortante nessas circunstâncias.

Familiar, até.

"Eu lhe disse que não estou aqui para responder às suas perguntas, Robert", disse ele por fim. "Esse não é o meu papel em tudo isso."

Robert imediatamente abriu a boca para protestar, mas Sean ergueu a mão para silenciá-lo.

"Mas, considerando o que aconteceu e o que *está* acontecendo, sinto-me obrigado a lhe contar mais. Porque temo que... bem, você estava destinado a descobrir de qualquer forma. Provavelmente é melhor que você saiba por mim, e não por *ele*." As divagações do homem soaram para Robert como se ele estivesse tentando convencer a si mesmo, e não o contrário. Ele ergueu um dedo novamente antes de continuar. "Aiden? Mark? ETA?"

Eles esperaram em silêncio por um momento e, quando não houve resposta, Sean acenou com a cabeça e indicou Shelly com a mão.

"E quanto a ela?"

Sean fez um gesto para que ele tirasse os fones de ouvido da cabeça dela. Robert se virou para encarar sua amada; a respiração dela estava ritmada, a expressão dela estava relaxada.

Ela estava dormindo.

Um sentimento de culpa o atingiu quando ele se aproximou e gentilmente tirou os fones dos ouvidos dela, lembrando-se do que ela

havia dito sobre ser honesto com ela. As pálpebras dela tremeram levemente com a reintrodução do som da tempestade e das pás do helicóptero, mas ela continuou dormindo.

Shelly exigia que ele fosse honesto, mas isso era diferente.

Robert suspeitava que o simples fato de ouvir o que Sean estava prestes a dizer a colocaria em perigo.

Ao pendurar os fones de ouvido no gancho ao lado da cabeça dela, ele não pôde deixar de sentir que foi um erro trazê-la com ele - com eles.

No fundo, ele estava grato por Cal ter fugido, por não ter sido exposto ao que quer que fosse acontecer na prisão. Porque, se a sensação que ele havia experimentado durante a visão era parecida com o que realmente estava acontecendo lá, então era melhor permanecer ignorante.

"Robert?" A voz de Sean perguntou baixinho em seus fones de ouvido, e Robert recuperou o foco. Ele ergueu o olhar para encontrar os olhos de Sean, e o homem se inclinou para frente com atenção. E então ele começou a falar.

"Vou lhe dizer o que sei, Robert. Não é tudo, e a verdade é que há pessoas por aí que sabem mais do que eu - muito mais. Tudo o que eu peço é que você mantenha a mente aberta. Você pode fazer isso?"

Robert assentiu com a cabeça e Sean continuou.

"Acho que não há lugar melhor para começar do que com Carl Jung."

"Carl Jung?" perguntou Robert, incrédulo. "O Carl Jung?"

Sean apertou os lábios, claramente irritado com a interrupção.

"Sim, esse Carl Jung. Você conhece a tese dele sobre o inconsciente coletivo?"

Robert deu de ombros.

"Na verdade, não; quero dizer, já ouvi falar dele, assim como ouvi falar de Freud, mas não sei muito sobre seu trabalho. Afinal, sou um contador, não...".

"Jung acreditava que, além do eu individual, a persona, existe um inconsciente coletivo, uma representação arquetípica de nossos desejos mais básicos. Sexo, luxúria, raiva, amor, loucura. Como seres humanos, esses desejos existem fora de nós *mesmos*, e nós os extraímos deles. Por meio da individuação, nos tornamos menos dependentes desse inconsciente, menos capazes de acessá-lo. Mas para alguns de nós... para um certo tipo de pessoa..." Sean deixou a frase se arrastar e Robert aproveitou a oportunidade para entrar no assunto.

"Para os James Harlops, os Andrew Shaws."

Sean acenou com a cabeça.

"Os Carson Fords deste mundo se agarram aos mais hediondos desses arquétipos do inconsciente coletivo e se mantêm firmes. Veja,

Carl estava errado em uma coisa. O inconsciente coletivo não existe na nuvem."

"Ele existe em um mar. O Mar de Medula", sussurrou Robert.

"É isso mesmo, embora tenha sido chamado de muitas coisas diferentes ao longo dos anos. De qualquer forma, é dessa areia e desse mar que vem a maior parte da consciência humana, e é dessas sementes que nascem as novas quiddidades."

Uma careta começou a se formar nos lábios de Robert enquanto ele tentava entender.

"Você quer dizer como reencarnação?"

"Não, não exatamente. É mais como um amálgama de vidas passadas, misturadas para criar um indivíduo único. É como o nosso DNA, de certa forma; os blocos de construção são os mesmos para os gêmeos, digamos, mas por uma série de razões eles são diferentes, todos únicos. Em parte por causa da individuação".

"Mas se o que você está descrevendo é o mar e a areia, o que dizer do fogo? Os rostos?"

Sean limpou a garganta.

"Apesar de ter muitos nomes, sempre fui a favor de 'The Marrow'. A grosso modo, Marrow significa "o meio", que é onde você estava. De pé na margem, você chegou ao lugar onde apenas um punhado de pessoas já esteve antes e voltou. O inconsciente coletivo estava batendo em seus pés, mas acima... acima estava a personificação do mal puro. Veja bem, o mal não pode existir no Marrow - os atos mais cruéis, o assassinato, o estupro, a escravidão, estão centrados no *eu*. E esse, meu amigo, é o inferno que você viu".

Robert exalou ruidosamente.

"Por quê? Por que eu?", perguntou ele.

Sean deu de ombros e desviou o olhar.

"Isso é complicado, Robert. E, para ser sincero, não sei o motivo exato."

Robert não insistiu; ele podia perceber que Sean estava mais do que um pouco desconfortável em compartilhar o que ele já sabia, e ainda havia muitas outras perguntas que ele queria fazer.

"Eu nunca... Quero dizer, como você sabe sobre isso? Sobre nada disso?"

Os olhos de Sean voltaram para os de Robert.

"De um livro - *Inter vivos et mortuos; Entre os vivos e os mortos*."

Ele fez uma pausa depois de dizer as palavras, seja porque lhe doía fazer isso ou porque esperava que o nome que soava em latim fosse uma espécie de revelação.

Se ele estava esperando a segunda opção, estava redondamente enganado. Robert apenas olhou para o homem, atônito.

Por fim, Sean continuou.

"Ninguém sabe quem o escreveu ou de onde ele veio. É um livro simples, encadernado em couro, escrito em latim básico. Abrupto, direto ao ponto - quase ao estilo de Hemingway. Sem desperdício de palavras. E nele, descreve o mais básico dos conflitos humanos: o desejo de autoimolação ou autopreservação. E essa é a decisão que toda quiddidade humana deve enfrentar quando aterrissa nas margens do Marrow, ou pelo menos é isso que o livro afirma - não podemos ter certeza, porque, bem, até recentemente, ninguém jamais conseguiu voltar. Nas margens, você pode se entregar ao Mar de Medula, reabastecer o estoque de quiddidade para outros que ainda não nasceram, ou pode permanecer inteiro, manter sua identidade, mas, ao fazer isso, é banido para as chamas acima. Você já viu os rostos - você sabe o que quero dizer".

Uma imagem do céu ardente com as bocas horríveis e gritantes passou pela mente de Robert, e ele estremeceu.

"Sim, eu já os vi", disse ele.

"O livro também descreve um grupo de Guardiões, pessoas encarregadas de garantir que as coisas permaneçam em ordem. Leland era um dos Guardiões, assim como eu - e há outros também. Menos agora do que antes, mas ainda assim um número razoável."

"Carl Jung era um desses guardiões?"

Sean deu de ombros.

"Talvez, não sei ao certo. Mas, com base em seus escritos, eu acharia muito provável. Ou isso ou ele era muito próximo de um."

"Mas se Leland era um Guardião, por que ele está tentando criar uma fenda?"

Sean suspirou, um suspiro pesado e exasperado que parecia fazer com que todo o seu rosto se desanuviasse.

"Algo aconteceu, algo que o transformou e, em vez de querer manter a ordem, manter o equilíbrio entre o Fogo e o Mar, o Eu e o inconsciente coletivo, Leland começou a trabalhar pelo oposto. Ele ficou obcecado com o Self, tentou convencer todos os Guardiões de que eles foram enganados, que o Mar era, na verdade, o Inferno e que todos deveriam escolher as chamas, mas que poderiam *voltar*. A maioria dos outros Guardiões achava que ele havia perdido a cabeça, mas alguns pensavam diferente. Veja bem, *Inter vivos et mortuos* fala de uma profecia, de uma época em que um homem se levanta e abre as comportas, deixando a quiddidade fluir *para trás*. E como todo o bem já foi sacrificado, tudo o que resta é..."

"Os rostos nas chamas."

"Sim", disse Sean simplesmente. "E as paredes estão se enfraquecendo. Toda vez que a quiddidade de alguém fica muito tempo aqui na Terra, toda vez que sua decisão é adiada, a barreira entre este mundo e o deles fica mais fina, e ele fica mais forte."

Robert franziu a testa.

"Então, o que aconteceu com Leland? Por que ele está no litoral? Por que ele está... ele morreu?"

Dessa vez, Sean não respondeu.

"Sean? O que aconteceu com Leland? Como ele chegou ao Marrow?"

Ainda nada.

Robert se inclinou para a frente e pegou o homem à sua frente. Sean recuou imediatamente e apontou um dedo para o rosto de Robert.

"Não me toque", advertiu ele, com a voz voltando ao tom áspero e duro com o qual Robert estava mais familiarizado. "Leland marcou você e, se você me tocar, ele poderá me encontrar. Isso não pode acontecer."

Robert se afastou, surpreso com a súbita mudança de humor do homem. Dessa vez, ele se recusou a deixar passar.

"O que você quer dizer com isso? Porra, Sean, o que aconteceu com ele?"

Sean apertou os lábios com força e voltou o olhar para Shelly.

Ela estava acordando, com uma expressão de confusão no rosto.

"É isso, sem mais histórias. Temos trabalho a fazer."

Shelly gemeu e esticou os braços, e Robert, profundamente concentrado em seus pensamentos, relutantemente baixou os olhos para fora da janela do helicóptero. O céu havia escurecido significativamente, e um calafrio passou por ele.

Robert podia ver água embaixo.

No momento em que Shelly começou a recolocar os fones de ouvido, confusa sobre o motivo de eles terem saído de sua cabeça, os de Robert explodiram em uma explosão de estática.

"Senhor, estamos nos aproximando da tempestade sobre a qual eu o avisei. ETA dez minutos para Seaforth, mas será uma viagem muito turbulenta daqui para frente. Fiquem quietos, todos".

Robert engoliu com força e tentou lembrar o rosto de Leland, aquele que ele havia vislumbrado por apenas uma fração de segundo antes de ser transportado de volta à terra dos vivos.

Nada veio, o que era apropriado, pois depois da história que Sean lhe contara, ele se sentiu completamente vazio.

O que você realmente sabe sobre Sean Sommers?

Capítulo 24

"**Ainda temos** depósito de **armas** aqui em cima?" Ben perguntou enquanto continuava a aplicar pressão no estômago de Smitts. O sangramento havia diminuído um pouco e o homem havia recuperado um pouco da consciência. Ainda não o suficiente para falar, mas o diretor esperava que logo ele pudesse lhe contar o que havia acontecido do lado de fora da porta. "Peter?"

Ben ergueu os olhos.

Peter ainda estava sentado em sua cadeira, com os olhos fixos no monitor que mostrava os detentos amontoados do lado de fora do Bloco de Celas E.

"Que porra eles estão fazendo?", ele sussurrou alto o suficiente para que Ben pudesse ouvir. "A porta está destrancada. Por que eles não estão entrando?"

"Peter! Acorde, porra! Acorde!"

Ben viu a parte de trás da cabeça do homem tremer visivelmente e, em seguida, ele se virou lentamente, com os traços estreitos pálidos e o maxilar frouxo.

"O quê, chefe?"

"O depósito de armas é aqui em cima?"

"Sim, ali", respondeu Peter, apontando o queixo para o canto da sala. Ben seguiu suas instruções, mas não viu nada além de mais computadores e cabos. Ele percebeu que já fazia um bom tempo que não ia à Torre, pois tinha se afastado principalmente porque toda essa merda de computador o deixava desconfortável.

Instintivamente, sua mão foi até a cruz em seu pescoço.

Isso, por outro lado, lhe dava conforto. Ou tinha - agora só o deixava nervoso pelo padre Callahan, que eles não conseguiam encontrar em nenhuma das câmeras.

Ele realmente viu Quinn também?

Por um momento, ele desejou ter passado mais tempo com o Padre Callahan, ter ouvido seu velho amigo falar por mais tempo.

Havia algo acontecendo aqui que estava além de seu nível salarial. E, provavelmente, seu conjunto de habilidades também.

"Onde?"

"Bem ali", respondeu Peter.

"Puta que pariu, Peter! *Onde?* Levante-se de sua cadeira e abra para mim!"

Peter se levantou da cadeira com tanta velocidade que ela girou para longe dele, obrigando Ben a levantar a mão para não esbarrar nele e em Smitts. O homem corpulento atravessou rapidamente a sala circular e foi até um armário que, à primeira vista, parecia ser um gabinete de computador. Mas quando ele escaneou seu cartão-chave

no leitor, ele ficou vermelho.

"Sem acesso", disse ele simplesmente.

Ben franziu a testa.

Ele estava começando a temer que Peter estivesse perdendo o controle... ou já o tivesse perdido.

"Use a minha", instruiu Ben, jogando sua carta para o homem. Ela o atingiu no peito e caiu no chão. Peter rapidamente se curvou e o pegou. Quando ele escaneou o cartão do diretor, a fechadura se soltou e a porta se abriu, revelando duas espingardas e dois revólveres. Havia também uma pilha de balas no fundo do armário e uma arma de choque.

Ben deu um suspiro de alívio.

Peter estava tentando ligar para fora da prisão assim que perceberam que os presos haviam escapado, mas não tiveram sorte. Telefones celulares, VoIP, e-mail, nada parecia ser capaz de sair da ilha. E a ideia de estar aqui em cima, na Torre, com a energia das portas piscando para dentro e para fora, e *elas* lá embaixo, fazendo o que quer que estivessem fazendo, sem nenhuma arma além da pequena pistola em seu quadril, era suficiente para fazer o endurecido diretor Ben Tristen se sentir nu.

Mas agora, com as espingardas, eles podem ter uma chance. Poderiam pelo menos ficar aqui até que a tempestade passasse e a ajuda chegasse. Aqueles malucos poderiam ficar amontoados como lemingues retardados o quanto quisessem. Com todos os outros guardas mortos...

Ele sentiu uma pontada no estômago.

No meu turno... e o padre Callahan ainda está lá fora - mas ele voltou, ele deveria ter ido embora, droga.

Ben sabia que esperá-los era o melhor curso de ação, talvez o único curso de ação, mas ele ainda não conseguia deixar de sentir o incômodo impulso de vingança nos cantos de sua alma.

Eles devem pagar pelo que fizeram aos meus homens... aos meus amigos. E papai... Não posso deixar que nada aconteça a ele.

Ele olhou para Peter, que estava olhando para as armas com reverência e admiração. Em seguida, voltou sua atenção para Smitts no chão abaixo dele.

Se Quinn estivesse aqui, e Smitts ainda pudesse se mover... então poderíamos tê-los vencido.

"Chefe?", disse seu amigo de repente com um grunhido. Ele se mexeu, mas Ben o segurou.

"Sim? É melhor você ficar quieto, Smitty. Você perdeu muito sangue."

O homem balançou a cabeça.

"...precisa se sentar."

"Smitts, sente-se..."

Smitts cerrou os dentes de forma desafiadora.

"Levante-se", ele exigiu, e Ben não teve escolha a não ser permitir que o homem se apoiasse nos cotovelos. Ao mesmo tempo, ele afastou as mãos de Ben de sua barriga e pressionou a gaze em seu próprio ferimento.

Sua respiração aumentou, mas depois de um momento ela se estabilizou.

Ben ficou surpreso com o fato de o homem estar consciente, quanto mais falando e se sentando. Ele sabia que Smitts era durão, mas o diretor estava preocupado com o fato de que aquele poderia ser o último "hoorah" do homem.

Seu último vento.

E então seriam apenas ele e Peter.

"I-" Ele limpou a garganta. "Eu vi Quinn."

Ben se levantou.

"O quê?", gaguejou ele. "Como assim, você viu o Quinn?"

Smitts assentiu, mas depois jogou a cabeça para trás em agonia, com as mãos esticadas sobre o estômago. O uniforme azul-marinho escuro da Prisão Seaforth estava quase preto na barriga e no peito de Smitts.

"Eu o vi", repetiu Smitts com os dentes cerrados. Seus olhos estavam fechados agora, seu queixo duro apontado para o teto. "Ele estava segurando o rosto e sangue escorria de suas mãos. Porra, Ben, eu sei que isso é loucura, mas eu o vi."

Ben ficou boquiaberto com seu amigo de longa data. E então ele disse a única coisa que conseguiu pensar.

Quase envergonhado, ele sussurrou: "Eu também o vi".

Smitts não pareceu nem um pouco surpreso com isso; talvez fosse a dor ou a perda de sangue, ou talvez ele simplesmente *soubesse*, mas Smitts mal reagiu.

Ben respirou fundo.

"O que aconteceu com você, Smitts?", perguntou ele, temendo a resposta.

"Ele... ele me esfaqueou, Ben. Quinn me esfaqueou."

Ben balançou a cabeça.

"Que diabos está acontecendo em Seaforth?", perguntou ele, lutando contra as lágrimas novamente.

Alguém respondeu, mas não era Smitts.

Era Peter, e quando o diretor levantou o olhar para olhar o homem, seus olhos se arregalaram.

Havia uma espingarda apontada para sua cabeça.

"Carson está libertando-os, chefe. Ele está libertando todos nós."

Capítulo 25

"**Vamos entrar com força**", Sean gritou por causa da chuva que caía sobre o helicóptero. "Aiden, você assume a liderança. Mark, coloque o pássaro de volta no ar, afaste-se da tempestade, mas não se afaste muito. Estamos indo..."

Um raio dividiu o céu escuro como breu, e o helicóptero balançou para a esquerda. Robert sentiu seu estômago revirar junto com a inclinação do helicóptero.

"- Coloque-nos no chão, Mark! Coloque-nos no chão onde você puder!"

O helicóptero mergulhou novamente e Robert quase caiu no colo de Shelly. Ela gritou, mas ele conseguiu se endireitar. Quando se aproximaram do prédio, uma estrutura de cimento cinza que, com exceção de uma única torre, era um quadrado quase perfeito, a estrutura começou a protegê-los do pior dos elementos.

"Sean!" Robert gritou em seu fone de ouvido, depois de ajustar os fones de ouvido que haviam caído. "Que porra *devemos* fazer?"

A resposta do homem foi imediata.

"Você e Shelly fiquem atrás de mim. Mesmo que a energia esteja desligada, Aiden encontrará uma maneira de entrar. Ele vai primeiro, eu em seguida, depois vocês dois. Preciso que mantenham seus olhos e ouvidos abertos. Se virem algum presidiário ou alguma atividade, me avisem."

Robert levantou uma sobrancelha.

"Mas para que estou aqui? Por que você precisa de mim? Por que você simplesmente não manda o Aiden entrar lá e explodir a merda do lugar?"

Sean balançou a cabeça.

"É tarde demais para isso. Lembra-se de seu sonho? A fenda já começou a se abrir. Preciso que você a feche."

O helicóptero mergulhou novamente e Shelly ofegou. Robert se aproximou e tentou abraçá-la, mas ela o afastou.

"Eu posso lidar com isso, Rob", disse ela a ele.

Robert se voltou para Sean, que havia levantado parte do banco ao seu lado e retirado duas jaquetas de chuva escuras. Por uma fração de segundo antes de o banco se fechar novamente, Robert pensou ter visto outra caixa dentro dele, uma forma cinza e lisa.

"Vista isso", instruiu ele enquanto as jogava. Robert pegou os dois e entregou um para Shelly.

"Fechar a fenda? *Como?*" Robert gritou de volta enquanto colocava a jaqueta na cabeça. Ele teve que tirar os fones de ouvido primeiro e, quando o fez, uma forte rajada de vento sacudiu o helicóptero.

Por um segundo repugnante, quando os fones de ouvido voaram de

sua mão, quase atingindo Shelly antes de se chocarem contra o vidro, Robert estava convencido de que eles iriam cair para a morte.

E a única coisa que passou por sua mente foi a imagem de Amy.

Como eu poderia ouvir sua voz se ela se tornou parte do mar? Ela já não deveria ter ido embora?

"Espere!"

Sem os fones de ouvido, os gritos do piloto mal podiam ser ouvidos por causa da tempestade.

Eles mergulharam novamente e, dessa vez, Shelly estendeu a mão e o segurou com força. Até Sean estava pálido, com as mãos segurando as laterais do assento. Durante o balanço de Robert, o homem também vestiu uma jaqueta de chuva.

Um relâmpago dividiu o céu acima deles novamente e, um segundo depois, o helicóptero aterrissou com um solavanco no chão.

Robert imediatamente soltou o cinto de segurança e se dirigiu à porta, mas Sean balançou a cabeça.

"Primeiro o Aiden, depois eu, depois você".

Robert assentiu, agradecido pelo fato de que o homem com a Uzi ou submetralhadora, ou o que quer que fosse, entraria primeiro na prisão cheia de psicopatas. Enquanto observava o homem sair da cabine, deslizando para o chão e se ajoelhando como manteiga de uma panela quente, com a arma apontada para ele, Shelly se inclinou para ele e sussurrou algo em seu ouvido.

Assustado, ele quase caiu para frente e não captou o que ela disse.

"O quê?", ele gritou por cima do ombro para ela. Apesar de estar no chão, as lâminas do helicóptero pareciam ainda mais altas aqui. Quando não houve resposta imediata, ele olhou para ela. Os olhos de Shelly estavam arregalados e ele poderia jurar que havia lágrimas neles.

"Shel? Você..."

Mas a porta do helicóptero foi aberta pelo lado de fora, e o vento e a chuva estrondosos engoliram suas palavras. Em sua periferia, ele viu Sean se levantar e pular do helicóptero, no momento em que Shelly sussurrou algo que, para Robert, parecia ser *"neve"*.

Neve?

A chuva o atingiu nas costas e, embora o ar estivesse gelado, não havia neve no horizonte por mais seis meses, provavelmente mais.

De que diabos ela está falando?

"O quê?", ele gritou novamente, mas foi Sean quem respondeu.

"Saia, Robert, estamos em campo aberto aqui!"

Robert se virou para trás e o imediatismo no rosto de Sean o estimulou a agir.

Ele fez uma anotação mental para perguntar a Shelly sobre o que diabos ela estava falando mais tarde.

A chuva o atingiu no rosto, e ele apertou os olhos com força. Embora Sean o estivesse conduzindo em direção a Aiden, que ainda estava ajoelhado, com a arma apontada para a estrutura de concreto que Robert mal conseguia distinguir na chuva torrencial, ele esperou na porta aberta, ajudando Shelly a sair.

Dessa vez, ela aceitou sua ajuda.

E então, com um braço envolvendo a cintura dela, eles começaram a correr.

Atrás deles, Robert ouviu o som das pás do helicóptero aumentando; ele não precisou olhar para trás para saber que o helicóptero estava no ar.

Em alguns instantes, seria como se ele nunca tivesse estado aqui.

Capítulo 26

"Peter? Que diabos está fazendo? *Peter*, abaixe a porra da arma".

O rosto de Peter parecia ter mudado desde alguns segundos atrás. Em vez de parecer pálido e assustado, o homem tinha um sorriso sinistro e seus olhos... havia algo errado com seus olhos.

Eles eram escuros, beirando o preto. Era como se as pupilas em forma de alfinete que Ben havia observado ao entrar na sala de controle tivessem crescido o suficiente para tomar conta de todo o globo.

"Que tal se eu lhe der um tiro na cara, chefe?"

O diretor começou a se levantar, mas Peter deu um passo ameaçador à frente, empurrando a coronha da espingarda mais profundamente em seu ombro. Ben já tinha visto muitos homens fazerem isso em preparação para o esperado coice para saber que ele estava falando sério.

Engolindo com dificuldade, ele levantou as mãos artríticas e se agachou.

"Tudo bem, tudo bem, eu vou ficar aqui, ok? Por que você não me diz o que diabos está acontecendo?"

Peter aliviou a pressão da espingarda em seu ombro e Ben sentiu seu ritmo cardíaco diminuir um pouco.

Mas sua mente ainda estava acelerada.

Que diabos há de errado com ele?

"Você quer saber por que Quinn entrou no quarto de Carson?"

Smitts virou o pescoço para trás com um gemido ao ouvir o nome de Quinn, e Peter rapidamente apontou a arma para ele.

"E sente-se, Smitts, ou farei outro buraco em seu corpo."

"Peter, que porra você está fazendo?"

Os olhos escuros e selvagens do homem voltaram para o diretor.

"Eu farei as perguntas aqui, chefe. E perguntei se você quer saber o que aconteceu com seu amigo Quinn - se quer saber por que ele foi para a cela de Carson."

Ben olhou fixamente para o homem e, ao mesmo tempo, examinou a sala com sua visão periférica. Ele não tinha ideia do que havia acontecido com Peter, mas não se importava com isso - pelo menos não agora. No momento, sua meta era subjugar o homem e conseguir ajuda para Smitts. A terceira era manter os prisioneiros trancados na prisão. Os motivos desse maldito computador idiota estavam bem abaixo em sua lista.

"Por que ele fez isso, Peter?" perguntou Ben.

Ele não podia usar a arma no quadril. Embora o homem diante dele passasse a maior parte do tempo na frente do computador, ele sabia como usar uma arma. Até mesmo os dois cozinheiros de meio período

sabiam como usar todas as armas dentro da prisão. Isso não quer dizer que eles tinham acesso, é claro - o fato de o cartão de Peter ter sido rejeitado no armário de armas era uma prova disso -, mas eles sabiam como usá-las.

Portanto, não, ele não poderia pegar sua arma, a menos que quisesse que seu rosto fosse salpicado com chumbo grosso. As únicas outras armas que ele tinha consigo eram o Taser padrão e o cassetete telescópico, nenhum dos quais causaria qualquer dano a essa distância.

A única vantagem que ele tinha era o fato de que havia dois *deles* e um *dele*. Mesmo incapacitado, Smitts estava consciente.

O bastardo duro e moribundo pode ser capaz de um último ato heroico.

"Peter? Por que Quinn foi ver Carson?"

Resistindo à vontade de dar uma olhada para o companheiro caído, ele fez uma careta como se o joelho estivesse doendo e se aproximou um pouco mais das mãos no estômago de Smitts.

"Carson não é quem você pensa que ele é", disse Peter calmamente. "Ele pode ter sido um psicopata, especialmente quando estava com Buddy, mas não agora. Agora ele é *iluminado*. Você sabe como é isso? Sabe? Ficar olhando para os outros por tanto tempo que você se perde? Eu me sento aqui, trancado, observando, esperando. Mas então... mas isso foi antes do Carson. O Carson me salvou... ele começou a conversar comigo, prometeu que me ajudaria a descobrir quem eu *realmente sou*."

Peter fez uma pausa como se estivesse pensando sobre o assunto, seus olhos ficaram vazios. Ben se perguntou se essa era a sua chance, se o homem estava suficientemente distraído para que ele pudesse atacar... ou pegar a arma... ou...

Ou pegar minha cruz.

Os olhos de Peter ficaram claros novamente, evitando que Ben tomasse uma decisão que certamente resultaria em derramamento de sangue.

E Seaforth já havia visto morte e morte suficientes para um dia.

"Você já pensou em morrer, Ben?"

Ben olhou para a espingarda.

"Estou com a porra de uma espingarda na minha cara. Então, sim. Eu pensei sobre isso."

Peter riu.

"Quero dizer, em outros momentos."

Ben deu de ombros.

"Ah, droga, você deve ter o quê? Já está chegando aos setenta?"

"Setenta e dois", Ben corrigiu o homem.

"Droga, você parece bem para setenta e dois anos. De qualquer

forma, você deve ter pensado em sua própria morte, então. É natural."

Peter esperou, e Ben não pôde deixar de pensar em quando sua esposa, Angie, faleceu há mais de duas décadas, vítima de câncer de mama.

Ela tinha ficado com uma aparência horrível no final: careca, com a pele tão fina que parecia celofane esticado. Ela mal conseguia falar depois que a quimioterapia arruinou sua caixa vocal.

Sim, ele havia pensado em morrer. Ele pensou muito sobre isso.

Peter cutucou com o queixo a cruz que estava pendurada na camisa de Ben.

"Sim, aposto que sim. Bem, deixe-me lhe dizer, essa merda em que você acredita? Essa cruz? Jesus e tudo mais? Bem, desculpe-me por lhe dizer isso, mas é tudo lixo. Não existe céu, nem inferno. Só existe a medula".

"O quê?" perguntou Ben, incapaz de evitar que a incredulidade se infiltrasse em sua voz.

Novamente, Peter deu uma risadinha.

"O Marrow é como uma versão comunista ou marxista do Inferno, meu amigo. E Carson vai mudar tudo isso."

"Você perdeu a cabeça, Peter. Abaixei a arma e vamos conversar sobre isso. Há vinte e dois assassinos loucos lá embaixo que estão ansiosos para nos separar. Você quer isso? Quer que eles deixem este lugar e voltem para a cidade? É isso que você quer? É isso que o Carson vai fazer? Porque, deixe-me lhe dizer, isso não vai acontecer".

Peter deu de ombros.

"Não importa. O que importa é que, quando deixarmos este lugar, poderemos continuar sendo *quem somos*. Você quer isso, não quer?"

"Peter, de que diabos você está falando? Você está navegando nos malditos sites de conspiração de novo?"

"Não, nada de sites."

"Bem, então quem diabos envenenou sua mente com toda essa merda? É só o estresse. Eu entendo, você é um cara de TI, não foi feito para isso. Bem, deixe-me lhe dizer uma coisa. Isso também me ferrou. Apenas abaixe a arma".

"Leland", sussurrou o homem.

"O quê?"

"Leland me contou sobre a medula".

A mente de Ben estava girando agora. Nada disso fazia sentido. Mas, embora as palavras de Peter parecessem divagações de um louco, elas também soavam familiares.

Como se ele já tivesse ouvido algo semelhante antes. Ele balançou a cabeça, tentando clareá-la.

Não funcionou.

"Quem diabos é Leland?"

"Não está vendo, chefe? Leland é quem está por trás de tudo, é ele quem está guiando Carson. Mas eles não podem fazer isso sozinhos. Ele precisa do Padre Callahan para abrir a fenda, e é por isso que eu o deixei voltar".

Uma imagem do velho de vestes escuras passou pela mente de Ben. Com tudo o que havia acontecido, ele havia se esquecido completamente do padre - seu amigo. E ele se lembrou das palavras que o padre Callahan havia dito na capela e como elas soaram estranhamente parecidas com o que Peter havia dito agora.

Tenho que falar com Carson.

O coração de Ben começou a disparar e seus olhos inadvertidamente se voltaram para a baía de monitores, ao mesmo tempo em que ele sentiu um leve puxão em seu cinto.

"Não", ele sussurrou. "Por favor, me diga que você não o deixou entrar de novo."

"Ah, sim, eu deixei, chefe. Eu o deixei entrar porque Carson precisa dele. Ele precisa que ele abra a porta. Ele precisa..."

O que aconteceu em seguida confirmou a noção de Ben de que Smitts tinha um último ato a desempenhar nesse zoológico da morte. E ele agiu tão rapidamente que Peter nem sequer teve a chance de disparar um tiro.

Smitts, que já estava puxando o cinto do diretor há vários minutos, deu um puxão forte e liberou a Taser de Ben. Então, em um movimento suave, o homem pressionou o botão, ativando um estalo seguido de um arco branco brilhante entre os fios. Mas, em vez de se mover em direção a Peter, Smitts continuou movendo o braço sobre o próprio corpo antes de inserir a corrente elétrica em uma grande série de cabos que atravessavam o chão até a caixa de junção na parede oposta.

Um segundo antes de as luzes se apagarem pela terceira vez, Ben viu o corpo de seu amigo em convulsão, com sangue jorrando da boca e do estômago, onde o espírito de Quinn o havia apunhalado.

E então o som ensurdecedor do disparo da espingarda encheu a sala de controle.

Capítulo 27

O Padre Callahan deu mais um passo, deslizando mais profundamente nos corredores da Prisão de Seaforth.

Ele não era um dos Guardiões, um dos dezenove - dos quais restavam apenas cinco, se você contasse com o bastardo do Leland -, mas o guardião do livro. Mesmo assim, ele sabia o que estava em jogo.

Afinal de contas, ele tinha o *Inter vivos et mortuos*. Ele até aprendeu latim para traduzi-lo.

Ele sabia o que estava em jogo.

O padre Callahan se movia lentamente, seu corpo velho e arruinado mal se arrastava; a dor que antes estava contida em seu tornozelo agora parecia envolver todo o seu corpo.

Ele tinha que encontrar Carson. *Precisava* encontrá-lo antes que a fenda fosse aberta.

Inter vivos et mortuos, ou a medula, precisava permanecer intacta.

Ben Tristen era seu amigo, seu bom amigo e um fiel seguidor da fé. Mas ele era ingênuo.

O padre Callahan passou a mão por baixo do manto e sua mão retorcida se fechou em torno do cabo da faca enterrada nele.

Ben não o havia revistado quando ele entrou na prisão.

Carson *tinha* que ser detido, mesmo que isso significasse fazer a mesma coisa horrível que eles haviam feito com Leland todos aqueles anos atrás.

A medula precisava permanecer intacta.

Seus mundos precisavam permanecer separados.

O *Inter vivos et mortuos* havia escrito sobre esse dia, e o Padre Callahan faria tudo o que estivesse ao seu alcance para impedir que esse dia fosse *hoje*.

Mesmo que isso significasse morrer.

O velho tossiu em seu cotovelo.

Mesmo que isso significasse matar.

E então, quando ele levantou o pé para dar mais um passo, foi subitamente envolto em escuridão quando as luzes acima se apagaram.

Apesar de tudo o que sabia sobre a verdadeira natureza da vida e da morte, o Padre Callahan começou a sussurrar o *Pai Nosso*.

Capítulo 28

"**Experimente o cartão que eu lhe dei**", Sean gritou para Aiden.

O homem olhou de volta para ele e balançou a cabeça. Robert, protegido da chuva, observava a estranha interação entre os dois homens. Estava claro que Sean estava no comando, isso era óbvio desde o tempo em que estavam no helicóptero, mas agora parecia que eles haviam chegado a um impasse.

"Abra você, senhor", respondeu Aiden de forma brusca. Era evidente que esse homem tinha uma função e apenas uma função: garantir que Sean, Shelly e Robert permanecessem seguros, permanecessem vivos.

Ele não abaixaria seu fuzil de assalto para abrir uma porta e colocar todos em risco.

Não importa quem o ordenou.

Essa constatação deu conforto a Robert, apesar do fato de que ele ainda não tinha certeza do que estava fazendo aqui.

Seu trabalho seria fechar a fenda - mas como?

Ele foi levado de volta à época em que conheceu Shelly na Harlop Estate, uma época que parecia ter sido há anos.

Amarrar os espíritos.

Mas como?

A sorte o havia tirado daquela situação. Ele só esperava que ela não tivesse se esgotado aqui em Seaforth.

Shelly o empurrou para frente, e Robert a olhou.

"Vá em frente", disse ela.

Robert franziu a testa.

Porra, parece que também estou recebendo pedidos.

Ele deu um passo gigantesco à frente e observou o homem com o rifle lhe dar uma olhada.

Robert fez o mesmo e, pela primeira vez, deu uma boa olhada no homem que estava encarregado de proteger todos eles.

Aiden tinha o queixo quadrado, mas não da mesma forma que Sean; sua mandíbula era mais pronunciada e coberta por uma sombra de cinco horas. Ele era o tipo de homem que sempre tinha a mesma quantidade de pelos no rosto, não importava há quanto tempo eles tivessem sido barbeados. Em algum momento durante o voo, ele havia enfiado um maço de tabaco em seu lábio inferior, fazendo com que ele se projetasse para a frente. Havia uma cicatriz que atravessava verticalmente sua sobrancelha esquerda, que abrigava olhos escuros e penetrantes. Seu cabelo, que parecia curto sob um pano preto simples, era escuro como a barba por fazer em seu rosto. Os antebraços do homem, que se projetavam por baixo de uma camisa justa de três quartos de comprimento, pareciam vergalhões - duros, com cordas,

musculosos.

Robert demorou um pouco para perceber que o homem estava segurando um passe para ele.

Quando ele deu um passo à frente e a pegou de Aiden - que a segurou por um segundo a mais, ele notou - Robert olhou fixamente em seus olhos.

Eles eram escuros e pequenos, mas não eram frios como os de Sean. O homem era sério. Ele tinha um trabalho a fazer, um trabalho importante, mas não era insensível, nem indiferente.

Aiden indicou a pequena caixa preta ao lado da grossa porta de metal. Robert assentiu e passou pelo homem, notando que ele ajustou sua posição de modo que a arma automática agora estava apontada para o seu ombro.

Quando Robert se dirigiu à porta, de repente teve uma sensação de déjà vu.

Ele estava de volta à Sétima Ala, usando o cartão para sair e perseguir a criatura horrenda chamada George.

Mas naquela época ele não tinha um fuzil de assalto totalmente automático às suas costas e vinte e dois dos piores assassinos dos Estados Unidos no prédio diante dele.

O prédio que ele estava prestes a desbloquear.

"Robert, a porta", ele ouviu Sean dizer por trás dele, tirando-o de seu devaneio. Estendendo a mão, ele passou o cartão pelo leitor.

Ele emitiu um bipe e ficou vermelho.

"Tente novamente", instruiu Sean.

Robert o fez, mas o resultado foi o mesmo.

"Filhos da puta. Era para ser uma chave mestra - e a porra da coisa funcionou antes."

Mais cedo? Sean esteve aqui antes?

"Tente novamente, Robert."

Pela terceira vez, o leitor de cartão-chave permaneceu vermelho depois que ele passou o cartão.

"Senhor? Quer que eu traga o Mark de volta para cá? Tenho um pouco de C4 no táxi."

Sean acenou para ele.

"Não, ainda não. Há outra maneira de entrar: a capela."

A sobrançelha com cicatrizes de Aiden se ergueu.

"Senhor?"

Sean acenou com a cabeça.

"A cadeia..."

Mas as luzes do lado de fora da prisão escureceram de repente, interrompendo suas palavras.

"Experimente agora, Robert."

Robert hesitou, confuso com o que acabara de acontecer. Ao

mesmo tempo, Aiden acendeu a luz de seu rifle, banhando a porta de metal com uma luz brilhante.

"Agora, Robert - esqueça o cartão, tente a porta!"

Robert agarrou a maçaneta da porta e a puxou. Ele esperava que ela permanecesse trancada, então, quando puxou e a porta realmente se abriu, ele tropeçou para trás. Se não fosse pela grande mão de Aiden em suas costas, ele teria caído na lama.

De alguma forma, o homem também o contornou ao mesmo tempo, com os dedos agarrando a fenda entre a porta e a moldura que Robert havia aberto. Ele a puxou e a manteve aberta com o pé, enquanto examinava sistematicamente o interior do cômodo.

Sim, esse era definitivamente o homem que Robert queria que os protegesse.

"Limpo", disse Aiden antes de conduzi-los para dentro.

Foi só quando estavam todos dentro do que pareceu a Robert ser uma pequena cela de detenção que ele percebeu que Sean estava segurando uma pistola na mão direita. Era patética se comparada à que Aiden segurava na frente deles, mas ele mais uma vez se sentiu nu.

Como ele tinha na Sétima Ala.

Não há pé de cabra para ele.

Sem maçarico.

Também não há Cal.

"Porra", ele murmurou, e Shelly o olhou confusa.

Ele era um contador, não um soldado.

Não é um caça-fantasmas.

Nada, na verdade.

Apenas um pai de família que sentia falta de sua filha.

Sentia falta da vida normal.

"Porra", disse ele novamente, dessa vez um pouco mais alto.

Sean estendeu a mão e agarrou a porta interna. Ao contrário da porta externa, essa não parecia ser eletrônica. Felizmente, a fechadura antiga estava pendurada, como se alguém tivesse entrado há pouco tempo e a tivesse deixado aberta por algum motivo desconhecido. A porta se abriu sem resistência e Sean fez sinal para que Aiden entrasse na frente novamente.

"Vamos fechar esse maldito Carson antes que ele abra o portal", disse Sean, com uma expressão estranha no rosto. "Vamos acabar com tudo, Robert. De uma vez por todas."

Parte III - Guardiões da Medula

Óssea

Capítulo 29

O disparo da espingarda irrompeu como uma pequena explosão na sala de controle, cegando e ensurdecendo os três ocupantes. Ben sentiu uma rajada de ar quente atingi-lo no rosto, seguida de uma sensação de ardência na bochecha esquerda.

Mas isso não importava.

O fato de estar cego e sentindo dor não o fez diminuir o ritmo. Velho ou não, ele treinou para isso. Ele construiu seu corpo todos os dias para esse exato momento. Só nunca pensou que seria para subjugar um dos seus.

Ben Tristen atacou o local de onde veio a explosão. Apesar do zumbido em seus ouvidos, ele ouviu o som de Peter chamando, abafado, como se estivesse gritando debaixo d'água, e então seu ombro colidiu com a barriga do homem magro. Pela segunda vez em questão de segundos, ele sentiu o ar quente em sua cabeça e rosto, só que dessa vez era o ar sendo forçado a sair dos pulmões de Peter.

Peter grunhiu quando Ben continuou com a chave de ombro, levando os dois para trás. Dois passos agonizantes depois, houve um estalo quando as costas de Peter se chocaram com algo sólido. Mesmo assim, Ben continuou empurrando com as pernas, esmagando o ombro no plexo solar do homem.

Peter tentou abaixar os braços, e talvez a arma, sobre a cabeça de Ben, mas seu corpo estava dobrado e ele não conseguia recuar e aplicar força em seus golpes.

Quando a agitação diminuiu e a respiração ofegante atingiu um nível febril, Ben relaxou ligeiramente os quadris. Quando sentiu Peter respirar fundo, ele ergueu o topo da cabeça para cima.

Ben era um homem grande, com uma cabeça grande e careca, e quando ela se conectou com a parte inferior do queixo de Peter, suas mandíbulas imediatamente se chocaram. Sangue ou cuspe, ou talvez ambos, borrifaram o topo de sua cabeça quando o rosto de Peter foi lançado para o céu. Quando o rosto de Peter foi lançado para o alto, ele sentiu o resto do corpo do homem ficar mole, Ben sabia que Peter estava morto.

Só então ele se permitiu respirar. E então, quase imediatamente, seu corpo começou a doer. Ben deslizou para um lado, virando-se em uma posição sentada e, ao mesmo tempo, abaixando o corpo de Peter até o chão.

Com cuidado.

Talvez *muito* gentilmente.

Ele ficou sentado por um segundo, com os olhos fechados, os pulmões, as pernas e o topo da cabeça queimando.

Então, ele ouviu um clique e abriu os olhos, ainda respirando pesadamente.

O sistema de iluminação de emergência foi ativado. Claramente, seja lá o que for que Peter tenha feito no sistema, Smitts enfiou a Taser no cabo e o anulou. Ou talvez o sistema de emergência sempre tivesse sido ativado, eventualmente.

Que se dane se ele sabia.

A sala estava inundada por um brilho acinzentado das luzes de emergência acima. Um monitor também foi ligado, apenas um, mas foi outra coisa que chamou a atenção de Ben.

"Smitts!", ele gritou antes de correr em direção ao amigo.

Quando ele se aproximou, seu nariz e sua boca foram atingidos pelo cheiro e pelo gosto de carne queimada.

"Oh, Deus", ele gemeu. Quando chegou a 30 centímetros do corpo, tentou estender a mão e agarrar Smitts, mas ele recuou instintivamente. "Oh, Deus."

Ele se voltou para o amigo, mas não conseguiu abraçá-lo.

O rosto de Smitts era uma bagunça derretida, como uma vela bege de tamanho grande que já havia se esgotado. Suas órbitas oculares estavam cheias do que parecia ser gelatina, e seu cabelo era uma bagunça fumegante, revelando manchas de pele vermelha, quase brilhante por baixo.

Ben começou a chorar e a se engasgar ao mesmo tempo.

Ele não conseguiu evitar nenhuma reação visceral.

"Foda-se, foda-se, foda-se, maldição, Smitts."

Há pouco menos de dois dias, o diretor havia sido convocado de seu escritório sob as circunstâncias horríveis do assassinato de seu amigo.

Menos de quarenta e oito horas depois, cada um de seus funcionários foi morto.

Cada um deles.

Ainda chorando, Ben desviou o olhar do rosto de Smitts e se voltou para Peter, que estava caído em uma pilha, com as costas pressionadas contra a mesa e o sangue escorrendo pelo queixo.

"Seu idiota de merda", ele gaguejou, forçando-se a se levantar. "Seu maldito idiota louco."

Sentindo a tensão em ambos os quadris, o diretor da prisão de Seaforth cerrou os dentes e voltou para o corpo caído de Peter, pegando a espingarda ao passar. Ele também verificou a câmara; a espingarda era do tipo pump-action e ainda tinha cinco tiros.

Ben se aproximou de Peter e, quando estava pairando sobre ele, cerrou os dentes e colocou uma bota pesada no ombro do homem. Lenta e deliberadamente, ele abaixou o cano da espingarda até que ela estivesse a centímetros de sua boca esmagada.

Peter não se mexeu.

"Eu deveria estourar sua cabeça", ele sussurrou. Por uma fração de segundo, seu dedo ficou tenso no gatilho e ele virou o rosto para um lado para evitar o impacto da carnificina que estava prestes a acontecer.

Mas então ele colocou o dedo na proteção.

Ele não podia - não importava o que Peter tivesse feito, ele simplesmente não podia matar o homem a sangue frio.

A mão que não estava segurando a espingarda levantou-se e acariciou a cruz em seu pescoço.

Padre Callahan.

Cada um de seus guardas morreu hoje, assim como a maioria de seus amigos.

Exceto por uma.

E ele estava aqui em algum lugar.

Ben não deixaria o último homem com quem ele se importava morrer nesta prisão.

Hoje não.

Nunca.

Um flash de luz em sua periferia atraiu seu olhar, e ele abaixou a espingarda enquanto se virava para o monitor.

Lá, na tela, estavam quatro pessoas que ele nunca tinha visto antes, paradas na entrada da Prisão de Seaforth.

E um deles estava segurando um fuzil de assalto automático.

A cavalaria havia chegado.

Você vai pagar por isso, Carson. Você vai pagar, porra.

Capítulo 30

As luzes voltaram a se acender, mas agora estavam fracas, permeando o corredor com um brilho cinza e sem brilho. Isso não incomodou o Padre Callahan; afinal, seus olhos mal funcionavam ultimamente.

O padre dolorido se arrastou, observando o silêncio sinistro da prisão. Se ele precisasse de mais uma afirmação, algo além dos sonhos e visões, de ver a quiddity de Quinn perambulando pelos corredores e do fato de que fora Carson Ford quem o matara, então era isso: nenhuma prisão deveria ser tão silenciosa, e definitivamente não uma cheia de criminosos tão duros como Seaforth.

Nas prisões, o silêncio só acontecia na morte e antes de uma tempestade.

O padre fechou os olhos por um momento e afastou os pensamentos de sua vida anterior que ameaçavam preencher o vazio silencioso - pensamentos sobre exorcismos fracassados, sobre o tempo perdido, sobre garotos que ele não podia proteger. Tratava-se do agora, e agora ele precisava se concentrar.

Com os olhos ainda fechados, Callahan usou as mãos que roçavam nas paredes como guia. E continuou a manter a mente vazia, em branco, esperando que o poder da medula o envolvesse. Sua respiração se regularizou, suas pálpebras, ainda fechadas, começaram a tremer, e a parede de concreto contra as pontas de seus dedos calejados tornou-se uma sensação generalizada.

Ele está aqui, o Carson está aqui, e... e há mais alguém.

O padre Callahan abriu os olhos e ficou chocado ao ver um homem diante dele. Ele estava usando um uniforme de guarda, o mesmo azul-marinho que Ben Tristen usava.

O rosto do homem estava coberto de manchas de sangue e havia algo errado com seus olhos, mas ele não conseguia ver os detalhes.

"Você está... você está aqui para me guiar?" perguntou Callahan com incerteza. Era irônico, é claro, o cego guiando o cego.

O homem parecia confuso com isso e seu rosto se contorceu.

"Acho que...", ele limpou a garganta. "Acho que preciso levá-la a um lugar."

O padre Callahan assentiu e deu um passo à frente, com o velho coração batendo mais forte no peito. Mesmo sendo o guardião do livro, mesmo sabendo o que sabia, Callahan ainda tinha que se concentrar para ver as quiddity; na maioria das vezes, ele sabia que elas estavam lá, mas vê-las de fato exigia um esforço significativo.

Na maioria das vezes, ele se contentava em deixá-los passar por ele sem incidentes.

Mas não dessa vez.

O guarda morto girou lentamente sobre os calcanhares e começou a andar, com o passo travado, sem a fluidez de um movimento normal. Era como se ele fosse uma espécie de marionete.

E o padre Callahan sabia exatamente quem era o marionetista nesse show de fantoches de sangue e dor.

A mão do sacerdote deslizou por baixo do manto e ele segurou o cabo da lâmina que estava escondida por baixo, para maior conforto.

E para se assegurar de que ele ainda estava lá.

"Venha", disse o guarda por cima do ombro para o sacerdote. "Por favor, venha comigo. Eles estão esperando por você. Estão esperando por você há muito, *muito* tempo".

O padre Callahan engoliu em seco e deu um passo inquieto para frente.

Sem seu guia, o Padre Callahan sabia que era improvável que ele conseguisse encontrar o caminho para o Bloco de Celas E, mesmo que sua mente estivesse clara. Embora não fosse uma prisão particularmente grande - o *que Ben disse? Ela comporta vinte e dois prisioneiros?* -, ela foi construída de forma a tornar o caminho para o Bloco de Celas E pouco intuitivo, o que era claramente intencional.

Quando viraram a última esquina, o padre Callahan sentiu uma pressão aumentar em seu peito e soube que estavam perto.

O suor se acumulou em sua testa.

Ele estava nervoso. *Muito* nervoso, e não foi a primeira vez que ele começou a questionar suas motivações.

E se o livro estiver errado? E se tudo isso estiver errado?

Callahan enxugou o suor de sua testa com as costas da mão. Ele sabia que, em momentos de estresse, era natural questionar a própria fé. Ele não era o primeiro a se sentir assim.

Na verdade, não foi nem a primeira vez para ele.

Um homem do clero, os eventos que ocorreram todos aqueles anos atrás o mudaram. E quando ele recebeu o livro... isso mudou *tudo*.

Naquela época, seu desafio tinha sido tanto físico quanto mental. Foi por isso que ele colocou Robert para adoção; ele não estava apto a criar o menino, não estava apto nem mesmo a cuidar de si mesmo.

Especialmente depois do que aconteceu com Christine.

Imagens do exorcismo malfeito, do pobre drogado engasgado, vomitando água, inundaram sua mente, e foi tudo o que ele conseguiu fazer para levantar a perna e seguir em frente.

O guarda parou de repente na frente dele, e Callahan perdeu a cabeça.

"Abra a porta", instruiu o homem.

Callahan apertou os olhos com força, sem saber com quem o homem estava falando.

"M-" *eu?* ele pretendia perguntar, mas, depois de piscar rapidamente várias vezes, percebeu que não era o alvo pretendido.

De repente, a cena diante dele entrou em foco. O guarda não estava falando com uma pessoa, mas com *dezenas*.

Havia tantos homens, todos vestidos com camisetas brancas idênticas e calças cinza, que pareciam quase formar uma parede.

Uma parede silenciosa e imóvel de detentos.

Callahan estremeceu ao perceber isso.

É por isso que a prisão é tão silenciosa. Todos os presos estão aqui, vigiando o Carson.

No fundo da mente do padre, ele esperava que Ben estivesse escondido em algum lugar, que ele estivesse bem.

Ou que ele tivesse conseguido sair antes de tudo *isso*.

Mas, apesar dos avisos que havia feito ao diretor, ele duvidava disso. Ben era tão teimoso quanto dedicado, e Callahan sabia que ele não deixaria este lugar. Ele era como um capitão de seu próprio navio pessoal - e o que quer que acontecesse, ele estava destinado a afundar com ele.

Os homens, ainda de cabeça baixa, se separaram, permitindo que ele passasse para a porta, que alguém havia aberto. Nenhum dos homens sequer reconheceu o padre.

Uma calma repentina tomou conta do Padre Callahan, eliminando qualquer medo que ele pudesse - ou devesse - sentir na presença deles.

Esses homens não o machucariam, ele sabia; eles não se atreveriam.

Os rostos dos detentos estavam abatidos, e todos pareciam iguais para ele. Claro, eram de etnias diferentes e tinham penteados, tatuagens e cicatrizes diferentes, mas, de certa forma, eram todos iguais.

Eles eram homens perigosos, mas não eram os *mais* perigosos de Seaforth.

Carson era - ele comandava o show aqui.

E, por motivos que ele não conseguia entender, Carson estava permitindo *sua* passagem.

O punho do Padre Callahan se apertou no cabo da lâmina oculta e ele deu um passo à frente.

O guarda segurou a porta aberta para ele quando o pai passou, e o padre esperou que ele o seguisse. Mas o homem balançou a cabeça.

"Não, eu preciso ficar aqui", disse ele. "Ele tem outro trabalho para mim."

O Padre Callahan olhou para o longo corredor à sua frente e assentiu com a cabeça. Havia talvez quatro ou cinco portas de madeira no lado esquerdo, mas, apesar de nunca ter estado aqui, ele tinha certeza de que sabia em qual delas Carson estava alojado.

Ele podia senti-la; podia senti-la como um puxão em seus ossos velhos, provocando suavemente os cabelos finos em seu couro cabeludo enrugado.

Um puxão em sua quiddidade no fundo dele.

Sua *unicidade*.

O padre se virou para encarar o guarda cego uma última vez, pouco antes de a porta se fechar.

O padre Callahan engoliu em seco e então se adiantou.

Ele não precisava mais de seu guia. Ele estava sozinho.

Sozinho para fazer mais um trabalho.

Mais um trabalho a ser feito. Mais um. Mais um. Trabalho.

Capítulo 31

"**Você sabe para onde** ir, Aiden - indique o caminho."

O homem acenou com a luz da arma para frente e para trás, abrindo caminho lentamente pelo corredor estreito, Sean seguindo-o de perto. Robert ficou para trás, protegendo Shelly, que ficou na retaguarda.

Robert podia ouvir e sentir a respiração dela em seu pescoço, e isso lhe proporcionou um estranho conforto na prisão mortalmente silenciosa.

Havia muitas coisas que não estavam certas em Seaforth - ele não precisava de sonhos especiais ou poderes de percepção para lhe dizer isso.

Ainda assim, à medida que se aprofundava na prisão silenciosa, ele sentia algo... algo em seu peito, um aperto que, a princípio, ele confundiu com fadiga. Mas, à medida que continuavam em um ritmo de caracol, liderados por Aiden e seu fuzil de assalto, a sensação ficou mais forte e, em algum lugar no fundo de seu subconsciente, ele sabia que era o puxão da medula. A fenda, ou o que quer que Carson estivesse fazendo, estava mexendo com o ar, tornando-o mais espesso, fazendo o tempo passar mais devagar. Ele já havia sentido isso várias vezes antes, Robert percebeu - no porão da Harlop Estate com James e na cabana na floresta com George - mas naquela época ele havia considerado isso como... bem, como algo que ele não entendia muito bem. Mas agora, imbuído do novo conhecimento que Sean havia compartilhado com ele, ele sabia o que era.

Todos os espíritos que permaneceram neste mundo trouxeram um pouco da medula com eles.

E aqui, *neste* lugar, havia muitos espíritos.

E isso não era uma coisa boa.

De repente, a respiração de Shelly ficou mais rápida e ele deu uma olhada para ela por cima do ombro. Seus belos lábios vermelhos estavam apertados com força e seus olhos tinham um estranho olhar vazio.

"Você também sente isso?", ele sussurrou.

Seus olhos se abriram.

"Não", ela respondeu rapidamente, e Robert imediatamente percebeu que ela estava mentindo. A pergunta era: por quê? Por que ela mentiria sobre isso? Mas antes que ele pudesse questioná-la, a voz de Aiden o fez voltar atrás.

"Espere", instruiu ele, erguendo o punho fechado. Eles estavam em uma bifurcação no corredor, a esquerda levava ao que parecia ser uma porta externa, talvez o pátio, enquanto a direita tinha uma placa

acima dizendo Refeitório. Robert se deu conta de que aqui, neste lugar, eles não teriam que ficar atentos apenas à quiddidade, mas também aos assassinos em massa. Ele esperava que esses últimos estivessem escondidos em suas celas, dormindo à noite, mas, pelo que tinha visto nos filmes, as prisões *nunca eram* tão silenciosas.

Era possível ter esperança, mas também era possível enganar a si mesmo. Na experiência de Robert, eles eram a mesma coisa, e ambos eram receitas para o desastre.

"O que foi?", ele sussurrou, mas Sean o silenciou.

Aiden manteve a luz de sua arma apontada para a porta do refeitório. Por quase um minuto inteiro, os quatro ficaram parados no corredor e esperaram. E então, quando Robert estava prestes a perder a coragem, a porta se abriu lentamente.

Robert sentiu seu sangue gelar.

Um homem, com o rosto enterrado nas mãos e postura curvada, entrou pela porta como se estivesse em um passeio de domingo à tarde.

Como se tudo estivesse bem no mundo.

"Mas o que...?"

Mas Sean o silenciou novamente. O homem de uniforme não pareceu notá-los enquanto seguia em direção a eles.

O coração de Robert estava acelerado agora, e ele esperou com os dentes cerrados, tentando adivinhar o que aconteceria em seguida. Se ele deveria agir, fazer *alguma coisa*.

Este é um prisioneiro que roubou a roupa do guarda? Aiden vai abrir fogo?

Ele podia sentir Shelly pressioná-lo por trás e, juntos, seus batimentos cardíacos faziam seus corpos balançar.

Isso é tão foda, isso é tão foda, isso é tão foda... por que ele não está fazendo nada?

Então o homem começou a rir, e Robert quase perdeu o controle. Era um som horrível, monótono, que lhe incomodava até a alma.

"Pare", instruiu Aiden, balançando a arma para frente e para trás.

De repente, as luzes de emergência se acenderam e o homem virou o rosto para o céu. Foi só então que Robert percebeu que as mãos do homem estavam cobertas de sangue. E quando ele afastou as mãos do rosto, percebeu que não se tratava de um detento, mas do guarda que havia sido assassinado.

Ele soltou um suspiro.

As órbitas oculares do homem estavam ocas, vazias. Os braços de Shelly apertaram sua cintura com tanta força que ele teve dificuldade para respirar fundo.

"Pare!" Aiden instruiu novamente. Ao contrário de Robert e Shelly, ele parecia não se incomodar com a aparência horrível do homem.

Assim como o homem parecia não se incomodar com Aiden e sua arma, ele continuou caminhando em direção a eles.

Um som à direita deles, uma exalação pesada, de repente atraiu o olhar de Robert.

"Sean!", ele gritou, mas seu aviso chegou tarde demais.

Na parede dura de concreto havia uma pequena porta pela qual eles haviam passado há apenas alguns segundos e que, na ocasião, estava firmemente fechada. Agora, no entanto, ela foi arremessada e um homem saiu do interior, seu corpo como uma lança apontada diretamente para o lado de Sean.

Sean girou, assim como Aiden, mas ambos foram lentos demais. O homem, que tinha a cabeça raspada e coberta de tatuagens azuis, atingiu Sean na lateral, fazendo-o voar pelo corredor. Ele grunhiu quando suas costas se chocaram contra a parede, e a pistola caiu de sua mão e se espatifou no chão. Robert empurrou Shelly para trás e, juntos, eles se afastaram do preso enlouquecido.

"Sean!", alguém gritou.

De alguma forma, Sean conseguiu se desvencilhar das garras do homem e, então, respirando pesadamente e com o braço direito pendurado inutilmente ao lado do corpo, tentou se afastar.

Mas o homem com as tatuagens parecia um animal enjaulado, com os olhos brilhando mesmo com a péssima iluminação, um rosnado gravado em seu rosto duro. Ele atacou Sean mais uma vez e, apesar de receber um sólido uppercut na mandíbula, o loiro foi mais uma vez jogado no chão.

"Aiden!" Sean gritou. Mas Aiden já estava em cima deles, afastando Robert e Shelly ainda mais da briga.

Aiden não hesitou. Ele enfiou a ponta da bota nas costelas do homem, fazendo com que um estalo audível subisse e descesse pelo corredor. O homem balançou para um lado, o que proporcionou uma separação suficiente entre os dois homens para que Aiden pudesse atirar com segurança.

O corredor explodiu em uma tempestade. O som do disparo - um *trrrt-trrrt-trrrt-trrrt* ressonante - *agitou* os molares de Robert, enquanto o clarão brilhante do cano fez com que vaga-lumes se espalhassem por sua visão.

A cabeça careca do homem não estava mais azulada pelas tatuagens. Na verdade, Robert não conseguia ver a cabeça dele; ela havia explodido em um jato de vermelho, branco e cinza, encharcando Sean, que ainda estava parcialmente embaixo dele.

"Oh, Deus", gemeu Shelly.

Robert sentiu que ia passar mal e se afastou do cadáver do preso.

Apesar do zumbido em seus ouvidos, ele começou a captar lentamente outro som.

O som da risada.

O guarda!

Robert se virou bem a tempo de ver o guarda sem olhos estendendo a mão para Shelly, com os dedos a poucos centímetros do ombro dela. Ao contrário de Robert, ela estava paralisada no homem morto no chão, observando horrorizada enquanto o sangue continuava a jorrar de seu pescoço esfarrapado.

Eles haviam se esquecido do homem sem olhos.

"Não!" Robert gritou enquanto tentava puxar Shelly para longe. Mas o guarda continuou a agarrá-la.

Robert sentiu o aperto no peito chegar a um nível quase insuportável, como se o golpe que Sean havia dado na mandíbula do preso tivesse atingido seu plexo solar.

"Pare!", gritou o mais alto que pôde, erguendo uma das mãos.

E então algo estranho aconteceu.

A risada cessou, o rosto ensanguentado do homem se desvaneceu e ele ficou imóvel instantaneamente.

Capítulo 32

"Levante-se", ordenou Ben. "Levante-se, porra."

Peter cuspiu uma mistura de dentes e sangue no chão.

A maior parte acabou na parte da frente de seu uniforme de guarda.

"Para cima. Agora."

Para enfatizar seu ponto de vista, ele deu um chute suave na perna do homem. Isso o estimulou a agir, e Peter se levantou, o que foi estranho, já que Ben havia amarrado suas mãos atrás das costas com algumas amarras que havia encontrado na escrivaninha.

"Você não sabe o que está fazendo", disse Peter, com as palavras arrastadas pela boca esmagada. "Isso é maior do que você."

Ben o empurrou para a frente e depois deu um passo atrás dele.

"Cale a boca, porra", ordenou. Para completar, ele enfiou a ponta da espingarda na coluna vertebral do homem. Em seguida, ajustou a outra espingarda no peito e certificou-se de que a Taser e a pistola ainda estavam em seu quadril. "Agora se mova."

Peter deu dois passos à frente, depois deslizou para a direita para evitar o corpo queimado de Smitts. O próprio Ben desviou os olhos, tentando desesperadamente manter a concentração e evitar sentir mais culpa.

Antes de amarrar Peter, ele obrigou o homem a trocar as imagens nos monitores. Por fim, eles encontraram o padre Callahan.

O padre estava na porta do Bloco de Celas E, e Ben observou, admirado, que primeiro os presos se separaram e depois a porta pareceu se abrir sozinha.

E era para lá que Ben estava indo agora.

Ele tinha que salvar seu amigo.

Ao alternar os monitores novamente, Peter localizou os outros homens - incluindo o que era claramente militar, seguido pelo que parecia ser um administrador e dois civis - enquanto eles se dirigiam para o corredor principal, mas então ele os perdeu.

"Mexa-se, Peter. Você está liderando o caminho."

O chefe de TI de Seaforth deu mais alguns passos à frente, mas parou abruptamente.

"Eles vão me matar, você sabe. Vão matar você também. Eles não se importam..."

Em algum lugar bem abaixo deles, um som irrompeu, um zumbido profundo e ressonante. Só que não era uma serra elétrica.

Ben conhecia esse som, e o conhecia bem.

Era o rifle automático do homem de preto.

A expressão do diretor endureceu de repente.

"Saia, Peter. Saia *agora!*"

Capítulo 33

Robert não tinha certeza do que havia acontecido. Em um minuto, ele tinha certeza de que a quiddity iria pegar Shelly e levá-la para o Marrow e, no outro, ele parecia travado no lugar, incapaz de se mover.

"Robert?" Shelly perguntou baixinho. Ela se aproximou dele, devagar e com cuidado, preocupada com o fato de que qualquer movimento repentino poderia quebrar qualquer feitiço que tivesse caído sobre o guarda morto. "O que está acontecendo? O que você fez com ele?"

Robert não respondeu, em parte porque a dor em seu peito havia crescido a proporções imensas e em parte porque ele não tinha a menor ideia do que estava acontecendo.

"Quem é você?" perguntou Robert. Em sua periferia, ele viu Sean e Aiden ao seu lado, com as armas levantadas. Até Sean, que devia saber que sua pistola não serviria de nada contra os mortos, apontou o cano diretamente para a cabeça do guarda.

"Meu... meu nome é Quinn", disse o homem.

"Você era guarda aqui?" Sean perguntou por cima do ombro de Robert.

O homem acenou com a cabeça.

"Trabalhou aqui por dezessete anos. Trabalhou aqui até... até... alguns dias atrás?"

O final da frase do homem fez com que ela soasse mais como uma pergunta do que como uma afirmação.

"E o que aconteceu há alguns dias?" Sean insistiu. Robert, com o peito ainda apertado a ponto de dificultar a respiração, ficou imaginando onde essa linha de questionamento estava indo... e qual era o objetivo.

Qualquer que fosse a sua intenção, Robert esperava que Sean chegasse a ela rapidamente, porque ele tinha a sensação de que, assim que a dor em seu peito se tornasse muito forte e ele abaixasse a mão, Quinn estaria em movimento novamente. E então não havia como prever o que aconteceria.

"E-eu não sei", gaguejou ele.

"Por que você veio até nós? Por que estava rindo?"

"Eu não..."

Algo mudou no rosto do homem, como se ele tivesse se lembrado de repente.

"O homem de preto", ele sussurrou, e Robert sentiu seu peito se apertar novamente.

Leland Black.

"Ele me disse para... me disse que..."

"Isso é o suficiente", instruiu Sean.

"Ele me disse que se eu não fizesse isso, que se eu deixasse vocês interferirem, ele traria a garota."

"Chega!"

"Espere, que garota?" interveio Robert.

"Robert, temos que ir."

Quinn balançou a cabeça violentamente de um lado para o outro.

"Ele disse que se eu trouxesse o padre..."

"O padre?" Dessa vez, foi Shelly quem interrompeu.

De repente, o peito de Robert estalou e ele soltou um grunhido. Ele não conseguiria segurar esse homem por muito mais tempo.

"Leland disse que precisava do padre para abrir o portão. A fenda - eu realmente não sei..."

Robert balançou a cabeça e fez sua pergunta com os dentes cerrados.

"Que garota?"

"Robert..."

"Que porra de garota?", ele exigiu com as últimas forças que tinha.

Um silêncio estranho caiu sobre eles.

Por fim, o homem respondeu, e Robert, estranhamente confiante de que ele não os atacaria mais, abaixou a mão.

Qualquer que fosse a influência que Leland exercia sobre esse homem, Robert a havia quebrado.

"Amy. Ele disse que uma garota chamada Amy viria, e que ela traria os demônios com ela".

Robert se curvou na cintura e depois se endireitou, aspirando uma grande quantidade de ar. Sua garganta e pulmões ardiam como se ele estivesse respirando vapores cáusticos.

"Amy", ele ofegou. Ele sentiu Shelly agarrar seus ombros, mas deu de ombros.

Quinn, agora capaz de se mover, deu um passo para trás.

"Sean", ele ofegou, "de que diabos ele está falando?"

"Precisamos ir, Robert - precisamos deter o padre Callahan".

Sean tentou passar por ele, mas Robert estendeu o braço. O homem, ainda temeroso de seu toque, parou bem antes de fazer contato.

"Diga-me sobre o que ele está falando. Como ele sabe sobre a Amy?"

Sean suspirou e baixou a arma.

"Há mais sobre a profecia no livro, em *Inter vivos et mortuos*."

Os olhos de Robert se estreitaram e ele respirou novamente, a pressão em seu peito diminuindo um pouco mais.

"Sean, é melhor você me dizer de que porra esse homem está

falando", ameaçou Robert.

Os olhos de Sean o fitavam. Robert manteve sua posição e o homem acabou desviando o olhar.

"A profecia não se refere apenas a Leland, Robert. Ela também fala de uma jovem garota, nascida de Guardiões de grande poder, que mantém aberta a fenda na Medula. É *ela* quem traz o mal de volta à Terra."

Robert não podia fazer nada além de olhar para Sean. Seu rosto e a parte superior de seu corpo estavam completamente cobertos de sangue e sangue do detento que havia sido explodido, mas ele mal percebeu.

"O quê?"

Sean não disse nada. Pela segunda vez, Shelly tentou agarrar Robert, mas novamente ele a afastou.

"Eu lhe disse tudo o que sei."

Robert cerrou os dentes e sentiu sua raiva começar a transbordar.

"Seu filho da puta! Você nunca me contou nada disso! Amy! Amy?"

Os olhos de Sean se arregalaram.

"Eu não deveria ter lhe contado nada", o homem gritou de volta.

Robert não gostava de violência, mas estava prestes a bater no homem.

"Não era *para* você fazer isso? O que diabos isso quer dizer?"

Ele foi direto para o rosto de Sean.

"Que porra é essa?"

Shelly agarrou seu braço e, dessa vez, ele a afastou com raiva. Ela cambaleou para trás e se chocou com força contra a parede dos fundos.

Robert a ignorou - ele já estava longe demais.

"Estava no livro", disse Sean simplesmente.

"Esse maldito livro! *Me* dê a porra do livro!"

"Eu não tenho isso."

Aiden, que permaneceu em silêncio o tempo todo, com a arma apontada para a porta do refeitório, cuspiu um chumaço de molho no chão.

"Alguém está se movendo", disse ele.

Ninguém notou.

"Quem tem esse maldito livro, então?"

"Padre Callahan."

Os olhos de Robert se estreitaram.

"A porra do padre? O padre que está aqui em algum lugar?"

Sean acenou com a cabeça.

"Então teremos que ir buscá-la".

Sean abriu a boca para dizer algo, mas fechou-a novamente.

"O quê? Diga, Sean. Apenas diga, porra."

"Robert, sua filha..."

Robert viu o vermelho e atacou com o punho. Os nós de seus dedos se chocaram com a lateral do rosto de Sean com um estalo retumbante. A dor subiu por sua mão e ele imediatamente sacudiu o punho ao lado do corpo.

Sean cambaleou para trás e depois se endireitou.

Ele não esfregou a mandíbula.

"Nunca mais fale dela, está me ouvindo? Sean, você...?"

Mas outra voz, uma voz masculina familiar, falou de repente atrás dele, e ele congelou.

"Robert? Você está brilhando, Robert. Você está *brilhando*."

Robert girou sobre os calcanhares e quase caiu no chão.

Ele não conseguia acreditar em seus olhos.

Havia um garoto atrás de Shelly, cujos olhos, quase escondidos por trás de óculos circulares, estavam úmidos, e ele segurava uma câmera nas mãos.

Ao lado do garoto estava o melhor amigo de Robert no mundo.

E Cal parecia pior do que jamais havia visto.

Capítulo 34

O corredor era escuro, úmido e cheirava a salmoura. O ritmo do padre Callahan diminuiu quando ele se aproximou da última porta da sala, percebendo que estava prestes a encontrar o homem - apenas um garoto na época - que ele havia abandonado há mais de duas décadas.

E ele iria matá-lo porque era necessário.

Ele estava nervoso, não por sua própria vida, mas por ter falhado.

O padre Callahan colocou a mão na porta da cela e respirou fundo. Em seguida, fechou os olhos. Apesar de ter se afastado de seu Deus, ele caiu nos velhos hábitos e começou a orar, mesmo que não houvesse deuses do Marrow para ouvi-lo.

Pai nosso, que estais-

"Entre, Callahan, a porta está destrancada."

Os olhos catarrentos do padre se abriram.

Estava na hora. E ele estava pronto.

O padre Callahan empurrou a porta de madeira dura e ela começou a se abrir lentamente. Então ele entrou.

O cômodo era igual ao que ele havia visto no monitor com Ben, o que parecia ter sido há uma década: pequeno, quadrado e indefinido. Embora no vídeo houvesse uma cama e um banheiro no quarto, eles haviam desaparecido, provavelmente removidos pelos detentos que guardavam o Bloco de Celas E.

Até mesmo as roupas do homem, antes enfiadas no canto da sala, haviam desaparecido.

Carson Ford estava sentado de costas para o Padre Callahan, com as pernas cruzadas à sua frente e as mãos apoiadas gentilmente nas coxas. O homem era de estatura modesta, seu corpo magro era acentuado pelas vértebras que se projetavam de sua pele. Ele estava coberto de hematomas, que Callahan supôs serem dos guardas - uma pequena vingança depois do que aconteceu com o amigo e colega deles.

Havia também um zumbido estranho no ar, e o aperto no peito que ele havia sentido no corredor começou a se intensificar.

"Carson", disse ele suavemente, mas suas palavras não provocaram nenhuma reação do homem. O Padre Callahan resistiu ao impulso de passar a mão pelo manto e pegar a faca que estava ali.

Seria fácil arrancá-la e traçar uma linha na garganta do homem, que estava sentado de costas para ele.

Muito fácil.

O que significava que Carson tinha algo na manga. Uma carta para jogar.

Um curinga.

O diabo vai confundir, confundir com seus truques.

"Carson", disse ele novamente, esperando que dessa vez o homem se virasse.

Ele não o fez.

As costas do homem se expandiram quando ele respirou fundo, e então todo o seu corpo tremeu como se ele fosse um atleta tentando se soltar antes de uma prova.

"Padre Callahan, eu estava esperando por você."

Dessa vez, o Padre Callahan não resistiu ao impulso de enfiar a mão dentro do manto e pegar o cabo da faca.

"Mas antes de começarmos, tenho algumas perguntas para você. Tudo bem?"

A polidez de Carson deixou o padre Callahan desprevenido. O homem diante dele não parecia ser um assassino psicopata.

Os truques do diabo.

"Pai?"

"Sim?"

"Posso lhe fazer algumas perguntas?"

O aperto de mão do Padre Callahan ficou mais forte e ele deu alguns passos à frente. Ele estava a apenas um metro e meio das costas do homem agora, tão perto que podia sentir o cheiro do suor do homem.

"Sim", ele respondeu suavemente.

"Obrigado, pai."

Carson limpou a garganta.

"Você se lembra daquele dia? Aquele dia no verão em que nos conhecemos?"

Apesar de tentar ignorar as palavras do homem, para manter o foco, uma imagem de Sean Sommers na porta de sua igreja, todos aqueles anos atrás, passou em sua mente.

"Sim, sim, eu me lembro", admitiu ele.

"Você acha que se tivesse me levado em vez do Robert, as coisas seriam diferentes?"

Outra imagem, dessa vez dos dois meninos, um em cada mão de Sean. Meninos gêmeos.

O padre Callahan não respondeu à pergunta, porque não sabia.

Como ele poderia?

Carson riu.

"E quanto a nós dois, então? E se você tivesse ficado com nós dois, encontrado um bom lar para mim e para meu irmão? Você já pensou nisso?"

Callahan engoliu com força. Desde que ouvira falar de Carson Ford pela primeira vez e percebera quem ele realmente era, esses mesmos pensamentos passaram por sua cabeça. E a culpa o consumiu por anos.

Até hoje, isso ainda o atormenta.

Ele *poderia* ter ficado com os dois - se ao menos soubesse quem eles eram. Se ele tivesse sabido mais, se Sean tivesse lhe contado mais, se o tivesse ajudado a traduzir o livro, ele *teria ficado* com os dois.

Em vez disso, ele só havia levado Robert. E ele falhou até mesmo com esse garoto, enviando-o para pais adotivos para que Leland não o encontrasse novamente.

E então *ele* encontrou Leland, ele e os outros Guardiões.

O padre Callahan se recusou a pensar no que aconteceria em seguida.

"Oh, por favor, pai, não se sinta obrigado a responder. Considere isso", ele riu novamente, "simples reflexões de um louco. Afinal de contas, quase todo mundo pensa assim. Até seu amigo Ben acha que sou louco. Recusa-se a me ouvir".

O padre Callahan estava prestes a dar mais um passo à frente, mas hesitou ao ouvir o nome de seu amigo.

"Mas você, pai. O senhor é diferente. O senhor *sabe das coisas*, já as viu. Você as sentiu. Provavelmente está sentindo-as agora... um aperto no peito, talvez? Ou a lentidão do tempo?"

Callahan tentou não prestar atenção ao que o homem estava dizendo, mas não conseguiu resistir.

Carson riu novamente.

"Não tem problema, pai. Como eu disse, o senhor não precisa responder. Mas quero lhe contar uma história... pode ser?"

"Sim", disse Callahan. De repente, sua garganta ficou incrivelmente seca, não importava quantas vezes ele engolisse.

Por trás, ele pôde ver Carson acenar levemente com a cabeça.

"Sabe, no começo, eu matava por vingança, vingança. Foi só isso, não havia nenhum significado mais profundo. Esfaqueei meu padrasto no peito depois que ele apagou um charuto em meu braço. Depois, cortei a garganta da minha madrasta".

Carson deu de ombros.

"Foi quando descobri que gostava disso. Acho que, no fundo, era uma questão de controle - não sendo capaz de controlar nada na minha vida, eu exercia meu controle sobre os outros, da maneira mais fundamental. Tirando suas vidas. Eu e o Buddy costumávamos fazer isso - sério, fazíamos *muito* isso. Mas foi só na minha oitava ou nona morte que eu realmente os vi morrer. *Realmente* os vi. E foi quando vi algo em seus rostos, algo que eu sabia que não deveria estar ali. Uma espécie de liberação".

Callahan avançou um pouco.

"E isso me fez pensar... pensar sobre a realização, sobre a autoconsciência. Passei um tempo considerável contemplando o fato de que os seres humanos *sabem que* estão vivos, que *sabem que* são

conscientes, autoconscientes. Isso é realmente uma coisa fodida, se você pensar um pouco. O senhor não concorda, pai?"

Callahan fez uma pausa, esperando que a pergunta fosse retórica.

Não foi.

"Pai? Isso *é uma merda*, você não concorda?"

"É... único."

Carson riu.

"Certamente é uma maneira de dizer isso. Somos os únicos seres que têm consciência de si mesmos, isso é certo. Mas isso também é uma merda. Quero dizer, quando eu estava crescendo, tentando viver de restos de lixo, tentando ficar longe da viciada com quem Sean me deixou e de seu cafetão abusivo, eu *sabia* que estava ferrado. Que eu me machucava. Que eu..." Pela primeira vez desde que o Padre Callahan havia entrado na sala, Carson moveu uma das mãos. Ele levou o dedo indicador direito ao peito. "-Eu me machuquei. Eu sabia que estava sendo prejudicado, sabe? Mas a pergunta que eu sempre tive, embora não conseguisse articular na época, era *por que* eu sabia disso. Foi então que comecei a aprender sobre a medula óssea. Foi quando meu pai verdadeiro, quando Leland, começou a falar comigo."

Ao mencionar o nome do bode, o padre Callahan respirou fundo.

"Exatamente. Um bastardo assustador, não é? Mas ele também me falou sobre você, pai. É por isso que eu sabia que, eventualmente, você viria. Quando a barreira entre a Medula e este mundo começou a enfraquecer, eu sabia que você viria."

Então Carson riu, e o Padre Callahan sabia que não podia esperar mais. Ele tirou a faca de debaixo de suas vestes e avançou o mais rápido que seu corpo antigo permitia. Em um movimento tão fluido quanto pôde, ele se aproximou, colocou a mão na testa de Carson e puxou para trás, ao mesmo tempo em que pressionava a ponta da lâmina contra a garganta nua do homem.

Foi a falta de reação de Carson que fez com que o Padre Callahan hesitasse. Ele deveria ter enterrado a lâmina profundamente em seu pescoço e acabado logo com isso.

Mas Carson apenas sorriu, como se soubesse que isso aconteceria o tempo todo.

E talvez ele soubesse.

"Faça isso", sibilou o homem. "Mate-me, pai. Não tenho medo da morte - sei que escolha farei nas margens do Marrow. A questão é: você sabe, padre? Padre Callahan, o senhor está pronto para se erradicar? Ou se juntará a nós nas chamadas?"

Capítulo 35

Ben verificou três vezes as espingardas e a pistola antes de sair da sala. Seu sistema estava inundado de adrenalina, de uma forma que lhe era estranha. Claro que, como diretor da Prisão de Seaforth, ele estava sempre alerta, preparado para qualquer coisa dos detentos, mas isso era diferente. Ben normalmente estava na defesa, pronto para reagir em vez de agir.

Mas hoje foi diferente.

Hoje ele estava na ofensiva.

"Afastese", ele instruiu Peter. O homem fez o que lhe foi instruído, com a cabeça baixa. Ben deu um passo à frente e passou seu cartão-chave na porta.

Funcionou, o que foi uma surpresa bem-vinda. Evidentemente, quando Smitts fritou a placa de circuito com a Taser e a energia de emergência voltou a funcionar, o vírus fodido com o qual Peter havia infectado o sistema foi reiniciado.

Ele puxou a porta e a manteve aberta com o pé.

"Mexe-se."

Peter entrou na frente dele, passando pelo sangue na escada onde Smitts havia sido esfaqueado.

Maldito Smitts... maldito Quinn... maldito Callahan.

Ben lutou contra as lágrimas novamente.

Como veterano de duas guerras, Ben Tristen não estava acostumado a ver amigos e companheiros caírem. Mas hoje foi diferente. Naquela época, ele era um grunhido, obedecendo a ordens como todos faziam, não importava o quanto fossem inócuas. Mas hoje, *aqui* em Seaforth, ele estava no comando. E aqueles que morreram hoje o fizeram sob sua vigilância - sob seu comando.

"Porra", ele murmurou.

Piscando rapidamente para clarear a visão, ele empurrou o cano da espingarda nas costas de Peter novamente, forçando-o a avançar.

Quando chegaram ao final da escada, ele esperava que Carson desse uma espiada na cabeça, como fizera quando Smitts foi esfaqueado, e seu dedo ficou tenso no gatilho da espingarda.

Mas não havia ninguém lá.

Ele acreditava, em parte, que havia inventado aquilo, assim como havia inventado que tinha visto Quinn depois que ele morreu. Mas a outra metade dele...

Smitts disse que o viu... Smitts, entre todas as pessoas.

E ainda havia o que Peter e o padre Callahan haviam dito. Todas aquelas besteiras sobre Carson e uma vida após a morte fodida.

Ben balançou a cabeça e abriu a porta no final da escada. Por

segurança, ele empurrou Peter primeiro, agachando-se atrás dele, com a espingarda armada e pronta.

Nada.

Não havia mais tiros, o que o havia tirado da sala de controle em primeiro lugar.

Ainda assim, enquanto seguiam pelo corredor em direção ao Bloco de Celas E, o diretor Ben Tristen manteve a espingarda a postos.

Afinal de contas, havia mais de duas dúzias de assassinos em massa em Seaforth.

E apenas um padre, armado apenas com sua inteligência e um estranho e ardente desejo de falar com o pior de todos eles.

Capítulo 36

"Cal? Que *diabos* você está fazendo aqui?"

Robert piscou duas vezes, convencido de que o que estava vendo era uma estranha miragem. Sua mão ainda latejava por causa do soco que havia dado em Sean e, por um momento, ele pensou que talvez o homem tivesse batido nele de volta... e o deixado inconsciente, fazendo com que tudo aquilo fosse um sonho maluco. Mas então Cal respondeu e ele soube que seu amigo estava aqui, em carne e osso.

"Eu... Sean me trouxe aqui com Allan."

Robert não conseguia acreditar no que ouvia.

"O quê?"

Sean deu um passo à frente e Robert sentiu-se tentado a dar outro soco nele.

Como diabos ele pôde trazer o Cal para cá? E o Allan? O maldito garoto com a câmera?

E então ele se lembrou do que Sean havia dito quando chegaram aos portões externos de Seaforth.

Estranho, o cartão-chave funcionava antes...

"Há muito tempo, eu lhe disse que você foi *selecionado*. Mas eu seria um tolo se colocasse todos os meus ovos em uma única cesta. Você não está vendo, Robert? Por que diabos você não consegue ver?" Sean agitou os braços pelo corredor. "Isso é maior do que você, maior do que eu, maior do que todos nós."

Robert olhou para o homem.

"Sim, mas Cal? Onde diabos você estava? Que *diabos* estava pensando?"

"O que isso quer dizer?"

Robert se virou, direcionando seu olhar gelado para o amigo.

"O que quero dizer é que você não deveria estar aqui, Cal. E não deveria ter trazido o garoto."

Allan moveu um olho de óculos de trás da lente da câmera, que Robert percebeu que ainda estava apontada diretamente para ele.

Você está brilhando, Robert.

"Tenho dezoito anos", informou Allan, mas o comentário foi ignorado.

"Robbo, Sean me pediu ajuda. O que eu deveria fazer? Além disso" - ele apontou o queixo para Shelly - "vocês dois estavam muito ocupados transando para se importar com isso".

"O quê?"

Robert deu um passo à frente, com os punhos cerrados. Cal não recuou.

"Tem alguém vindo", repetiu Aiden, mas, assim como Allan,

ninguém prestou atenção nele também.

Cal colocou a barriga para fora.

"Você me ouviu."

"Você acha que isso é um jogo, Cal? É isso? Você está chateado porque a Shelly me escolheu em vez de você? Então, isso é - o quê - algum tipo de vingança?"

Cal ergueu os braços.

"Nem tudo é sobre você, seu babaca narcisista. Isso é sobre a porra do Marrow, Robbo. Você não consegue ver isso? Você está aqui, irritado com Sean, com esse cara morto aqui, empurrando Shelly contra a parede. Você acha que é tudo sobre você. Desculpe, irmão. Não é."

Robert mastigou a parte interna da bochecha com tanta força que sentiu o gosto de sangue.

"É *por* minha causa", ele cuspiu. "É sobre mim porque ela é *minha* filha. É sobre mim porque-" Ele levantou a perna do jeans, revelando as três cicatrizes em forma de garras. "-porque Leland me tocou. E por último, mas não menos importante, é sobre mim porque Leland é meu pai. É por isso, meu bom amigo *Cal*, que o assunto agora é sobre mim."

Cal ficou atônito, e um silêncio se abateu sobre a sala. Robert estava respirando pesadamente, tentando recuperar o controle. Tudo havia acontecido tão rapidamente, desde a informação que Sean lhe dera no helicóptero até o guarda morto falando sobre Amy, que ele se sentiu fora de controle.

De repente, um estrondo alto veio de algum lugar atrás dele, e ele se virou a tempo de ver a porta do refeitório se abrir e uma figura sombria correr em direção a eles.

Allan girou a câmera de Robert para a figura, e o visor permaneceu escuro.

"Ele está vivo!" gritou Allan.

O que era verdade, mas apenas por mais um momento.

Aiden se aproximou, dobrou-se em um joelho e abriu fogo.

O peito do homem explodiu em um jato de sangue, com o impulso enviando seus membros para frente enquanto seu núcleo era empurrado para trás.

Alguém gritou - pelo que Robert sabia, era ele.

O sangue era demais, e ele vomitou.

Tudo era demais.

"Há mais a caminho", disse Aiden com naturalidade. Ele cuspiu um pouco de suco de tabaco no chão. "Temos que nos mexer."

Mas os pés de Robert pareciam estar enraizados no cimento. Ele não conseguia se mover. O braço de alguém estava apoiado em suas costas, mas ele estava cansado demais, confuso demais, para se livrar

dessa vez. Ele só esperava que fosse a Shelly e não o Cal.

"Mexa-se", repetiu Aiden.

E então Robert sentiu. A pressão em seu peito novamente, como ele havia sentido quando ordenou que o guarda morto ficasse. Ele também sentiu o tempo desacelerar.

Definitivamente, algo estava acontecendo aqui em Seaforth. E, se sua dificuldade para respirar fosse alguma indicação, estava acontecendo em breve.

"Precisamos nos apressar", ele conseguiu dizer, endireitando-se.

"Precisamos encontrar Carson rapidamente."

Sean assentiu com a cabeça e se voltou para o guarda morto.

"Você sabe onde ele está?"

O homem acenou com a cabeça.

"Ainda em sua cela."

"Ótimo; leve-nos até lá. Aiden, você primeiro". Ele se virou para Allan em seguida. "Essa câmera capta a quiddidade? Foi isso que você disse?"

Allan assentiu com a cabeça, com os olhos enormes e esbugalhados por trás dos óculos. Havia vômito em seu queixo e mais vômito grudado em sua camiseta.

"Sim, quando há quiddity na tela, eles brilham..."

"Siga Aiden, diga-nos se os bogies são humanos ou estão mortos." Ele se virou para Robert em seguida. "E você, se eles estiverem mortos, faça o que quer que tenha feito com o Quinn. O resto de vocês, fiquem atrás de nós. Fiquem perto, fiquem firmes. Eu vou na retaguarda."

Aiden cuspiu novamente.

"Disparar à vontade?"

Sean assentiu, sacando sua pistola.

"Dispare à vontade", ele confirmou.

Eles se reagruparam rapidamente e, em seguida, Aiden cruzou a porta do refeitório.

Capítulo 37

As mãos do Padre Callahan estavam tremendo e o suor nas palmas das mãos ameaçava fazer com que a lâmina escapasse de seu punho.

A pressão em seu peito era imensa, quase esmagadora.

Carson riu.

"Nervoso? Por que está nervoso? *Ela* ainda nem chegou".

Ela?

A princípio, ele pensou que Carson estava se referindo à garota da profecia, aquela que manteria a fenda aberta para que os demônios fossem expelidos. Mas a frase seguinte da boca do assassino afastou essa ideia.

"Christine, por que você não dá um passo à frente?"

A mão do Padre Callahan saiu da testa de Carson, e o homem baixou o olhar.

"Não... não... não pode ser..."

Quando a forma da mulher começou a se materializar no canto da sala vazia, o Padre Callahan soltou Carson e cambaleou para trás.

A mulher era magra, com cabelos pretos e finos. Sua pele era pálida, seus olhos leitosos e havia feridas vermelhas na parte interna de seus braços: marcas de trilha.

"Não pode ser", ele gaguejou novamente.

"Oh, pode ser, pai - é."

A mulher deu um passo à frente, depois outro. O padre Callahan, com os olhos arregalados, acompanhou-a passo a passo até que suas costas se chocaram contra a porta de madeira da cela. E quando isso aconteceu, a lâmina caiu de sua mão e se espatifou no chão. Qualquer ideia altruísta de se sacrificar, de fazer tudo o que fosse necessário para impedir que Carson abrisse a fenda, desapareceu.

"Diga oi, Christine", instruiu Carson ao se levantar e finalmente se virar para encarar o padre.

Christine abriu sua boca decadente para dizer algo, mas a única coisa que saiu foi um arrote forte. Enquanto o Padre Callahan observava e ouvia, horrorizado, o som se transformou em algo úmido e borbulhante. E então a água jorrou de sua boca, encharcando a frente de sua camiseta imunda.

"Não!" Gritou o padre Callahan.

"Ah, sim. Veja, mesmo pessoas como você têm demônios, coisas do passado das quais se arrependem, não é? Você se lembra da Christine, não é? Quero dizer, você achava que ela estava possuída, estou certo?" Carson riu e Christine, com a boca ainda expelindo um gêiser de água fétida, continuou a se arrastar para a frente.

O padre Callahan se virou e se atrapalhou com a porta, tentando desesperadamente abri-la.

"Sim, você se lembra dela. Claro que se lembra. Tentaram exorcizar o demônio dela... com o quê? Afogando-a? Não foi isso?" Ele riu. "Seu bastardo sádico. Ela não estava possuída... ela era viciada em drogas, Callahan. Mas acho que você sabe disso agora. Não sabe?"

Apesar de seus esforços, o padre não conseguiu abrir a porta. Desesperado, ele arranhou a madeira ao redor da fechadura, fazendo com que lascas se cravassem sob suas unhas. Seu coração batia tão forte no peito que ele sentia como se todo o seu corpo estivesse vibrando como uma corda de violino dedilhada.

"Está trancada, pai", disse Carson, de repente parecendo entediado.

Quando seus dedos estavam reduzidos a uma bagunça crua e sangrenta, o padre Callahan desistiu e se virou. Christine estava a menos de um metro dele agora. Incapaz de lidar com a visão dela, ele deslizou para o chão duro. Com o canto do olho, ele viu a lâmina, que estava bem ao seu alcance. Quando Christine deu um passo à frente, com água ainda saindo de sua boca, Callahan se esticou e agarrou a lâmina. O líquido horrível espirrou em sua cabeça, encharcando-o.

Ele engasgou; a água, se é que era isso mesmo, era suja e mais espessa do que ele imaginava. O Padre Callahan virou os olhos para cima, mas teve que desviar o olhar rapidamente quando a água caiu em cascata sobre seu rosto.

"*Tsk, ts*k, pai. Você deveria saber que essa lâmina não fará nada com a Christine... ela já está morta."

O Padre Callahan vomitou e, em seguida, moveu a cabeça para um lado, fora do fluxo direto de água infinita da boca de Christine.

"Não é para ela", ele sibilou. E então levou a lâmina até seu próprio pescoço. "É para mim!"

O sorriso de Carson caiu de repente.

"Não!", ele gritou a plenos pulmões. "Christine! Detenha-o!"

Capítulo 38

"Por aqui, rápido!", disse o guarda, fazendo-os passar pela porta aberta.

Aiden foi o primeiro, seguido por Sean, depois Robert e os outros.

Era a terceira porta que eles atravessavam nos últimos minutos, e Robert estava começando a achar que estavam andando em círculos.

"Quanto falta?", ele perguntou calmamente.

O guarda balançou a cabeça.

"Não muito longe, mas, como eu disse, temos que passar pelo refeitório e depois lidar com os detentos. Eles estão vigiando o Carson. Não sei o que ele lhes prometeu, mas eles estão... eles estão..."

De repente, Aiden ergueu o punho quando chegaram a outra porta.

"Refeitório", confirmou o guarda.

Aiden acenou com a cabeça.

"Uhh, pessoal?", perguntou uma pequena voz.

Aiden olhou para Sean e, em seguida, olhou para sua arma. Sean levantou a pistola e acenou com a cabeça.

"Pessoal?"

"Eu vou pela direita, você pela esquerda. Atire à vista."

"Pessoal!"

Robert finalmente se virou e se viu olhando para o rosto pálido de Allan.

"O quê?"

"Você deveria - você deveria ver isso."

Robert não se mexeu. Cal fez as honras e virou o visor da câmera do garoto, cuja abertura ainda estava apontada diretamente para a porta.

O coração de Robert se afundou imediatamente.

"Jesus", ele sussurrou. "Pode ser um engano?"

Allan balançou a cabeça lentamente.

"Quantos?" Sean perguntou com sua voz monótona habitual.

"EU..."

"Allan! Quantos são?"

"Eu não sei! São muitos, não consigo nem ver a separação."

O visor estava inundado de luz vermelha e amarela. Era como se o refeitório inteiro estivesse brilhando.

Aiden olhou para Sean em busca de conselhos e depois para Robert.

"Plano?", disse ele simplesmente.

Sean se voltou para Robert.

"Você pode fazer isso de novo? Fazer com que eles parem? Ficar parado?"

Robert deu de ombros.

"Que se dane se eu sei. Eu nem sei o que fiz."

Sean o encarou por uns cinco segundos antes de se voltar para o guarda.

"Há outro caminho para o Bloco de Celas E? Para Carson?"

O homem balançou a cabeça, e Robert ainda não conseguia olhar diretamente para ele, pois seus olhos haviam sido arrancados da cabeça.

"O único caminho é pelo refeitório."

Sean mastigou o lábio, incerto por uma das poucas vezes desde que Robert conhecera o homem. Mas, qualquer que fosse sua decisão, Robert esperava que ele se apressasse. A pressão em seu peito estava aumentando novamente, e o tempo mais uma vez adquiriu a estranha qualidade líquida com a qual Robert estava se familiarizando demais.

"Temos que nos mover", ele instruiu o grupo. "Eu vou primeiro."

Shelly agarrou a parte de trás de seu braço e, quando ele se virou para encará-la, percebeu que havia lágrimas em seus olhos.

"Rob, você não pode."

Robert olhou para Cal, que não conseguia encontrar seu olhar. Ele se sentiu horrível pela maneira como tratou seus amigos - seus únicos amigos neste mundo.

Ele acenou com a cabeça, erguendo-se.

"Eu posso e vou fazer isso. Como você disse" - ele olhou para Cal - "nem tudo se resume a mim".

O guarda falou em seguida.

"Eu vou junto", disse ele.

Robert se voltou para a porta antes que Cal ou Shelly pudessem protestar.

Sean estava olhando para ele e, a julgar pela expressão de dor em seu rosto, o homem também estava sentindo a pressão no peito.

"Vocês dois entram, depois eu e Aiden, para o caso de haver presos lá dentro também. O homem se virou para os outros membros da equipe e os encarou por um momento. Apesar de não ter dito nada, Robert sabia o que ele estava pensando. Sean estava pensando se deveria ou não ordenar que eles ficassem aqui - se isso seria mais seguro. "Vocês fiquem por perto", decidiu o homem por fim.

Em seguida, ele se virou de frente para a porta, afastando-se para um lado para permitir que Robert passasse.

Robert respirou fundo mais uma vez com os olhos fechados. Ele podia sentir a pressão aumentando e sabia que poderia fazer o que havia feito com o guarda novamente, não importava quantos fantasmas estivessem lá dentro.

Final, ele não era apenas um Guardião, mas era o filho de Leland.

E o pai de Amy.

Robert exalou e empurrou a porta do refeitório.

Capítulo 39

Ao perceber que havia sido enganado, que Carson e Leland o haviam atraído para cá e que precisavam dele para abrir o portão, ele só podia tomar uma decisão. Só havia uma maneira de detê-los.

Mas o padre Callahan era velho e lento.

Muito lento.

Christine se abaixou e agarrou o braço dele uma fração de segundo antes que ele enfiasse a lâmina em seu pescoço. E então tudo começou a ficar preto.

O padre sentiu o corpo tenso como se todos os músculos de seu corpo tivessem se contraído de uma só vez. E então, quando o líquido finalmente parou de sair da boca de Christine, ele se viu olhando fixamente nos olhos dela, incapaz de se mover, incapaz de respirar.

Os olhos dela começaram a escurecer, os brancos desaparecendo em um preto sólido. Mas enquanto observava, ele percebeu que havia manchas brancas naqueles olhos, manchas que logo começaram a crescer e crescer, até que não eram apenas manchas, mas uma espécie de espuma.

A medula, pensou ele. A palavra trouxe consigo uma calma que começou a fluir sobre ele e através dele de uma só vez.

Mas então ele ouviu uma voz.

"Oh, não, você não precisa. Ainda não, pai."

Alguém segurou seu outro braço, e o sentimento que antes estava contido dentro dele agora se derramou sobre Carson.

O assassino nu gemeu, e todo o seu corpo estremeceu.

"Sim, sim... a fenda será aberta", ele gritou, sua voz beirando o êxtase.

O Padre Callahan abriu os olhos e percebeu que havia sido movido para o centro da sala, e agora estava deitado de costas, com os braços estendidos ao lado do corpo.

Christine estava à sua direita, enquanto Carson estava à sua esquerda, ambos sentados, ambos segurando uma das mãos dele no colo.

Carson tinha um sorriso sinistro no rosto e, naquele instante, o Padre Callahan soube que havia falhado. Pior ainda, ele havia dado a Carson o que ele precisava para abrir a fenda; ele era o guardião do livro e agora, segurando a mão viva de Carson e a mão morta de Christine, ele estava preso entre os mundos.

E, por causa disso, ele atuaria como um canal para os mortos.

Ele era a fenda.

Como pude ser tão tolo? Como pude ser tão estúpido?

O padre Callahan fechou os olhos.

Você fez a coisa certa, pai. Isso é o melhor.

Seus olhos se abriram.

O pensamento estava em sua cabeça, mas não era dele. Mas era um pensamento que ele reconheceu.

Era de um homem que ele e Sean haviam perseguido por quase uma década, um homem de quem haviam roubado dois filhos.

Obrigado, padre Callahan. Muito obrigado.

"I-" O padre Callahan gemia, mas sua cabeça foi repentinamente jogada para trás e sua boca foi aberta. "Nãoooooooo!"

A luz saiu de seus olhos e de sua boca aberta, tornando seu mundo inteiro branco.

"Sim, sim, está abrindo", ele ouviu alguém dizer, embora não pudesse dizer se as palavras estavam em sua cabeça ou se era Carson ou Christine falando. "Está *abrindo*!"

A pressão no peito do sacerdote diminuiu de repente e ele sentiu um momento de relaxamento estranho. Foi como se seu corpo tivesse derretido e ele finalmente se livrou de suas dores e sofrimentos. Suas vestes se rasgaram e, de seu peito nu, saiu um enorme feixe de luz que disparou para o teto, onde se espalhou e espumou no cimento, como as chamas na Medula sobre as quais ele havia lido, mas nunca tinha visto pessoalmente.

E então sua caixa torácica se separou e se afastou. Ele tentou gritar, mas apenas mais luz, *uma luz mais brilhante*, saiu de sua boca.

O chão sob seu corpo caiu, revelando um mar agitado que se chocava contra as margens de caramelo.

E fogo - havia fogo lá também.

Havia fogo por toda parte.

Obrigado, Pai, obrigado, obrigado, obrigado...

Capítulo 40

Era uma cena horrível para a qual Robert não estava preparado, apesar dos horrores que ele já havia testemunhado naquele dia.

Havia quase uma dúzia de homens pendurados nas vigas, com forcas grosseiras feitas de vários materiais, desde lençóis até o que pareciam ser cabos elétricos enrolados em seus pescoços. Suas bocas estavam abertas, com as línguas enroladas e os olhos esbugalhados. O refeitório exalava um cheiro forte, pois as entranhas dos enforcados já haviam se soltado.

"Oh meu Deus", sussurrou o guarda. "Todos eles... todos os guardas estão mortos... meus amigos... meus..."

Robert não conseguia entender como isso havia acontecido.

Como é possível que todos os guardas da Prisão de Seaforth tenham sido assassinados?

"Meu Deus", sussurrou o guarda novamente.

Robert sentiu o estômago revirar, mas depois o aperto no peito voltou, afastando a sensação anterior.

Tentando não olhar para nenhum dos rostos dos mortos, Robert entrou no refeitório, com as palmas das mãos para a frente e ligeiramente para os lados, pronto para fazer... para fazer o que quer que fosse que ele tivesse feito ao guarda, que tivesse feito a Quinn.

Houve um suspiro atrás dele, seguido pelo som de alguém vomitando violentamente.

"Levante a câmera! Levante a porra da câmera!" Sean gritou.

Robert deu mais um passo à frente, desviando de um dos cadáveres pendurados. Com os olhos bem abertos, ele continuou a andar, lentamente, timidamente, com os olhos fixos na porta no final da sala.

O aperto em seu peito aumentou, e agora ele também ouvia algo. O som familiar das ondas correndo podia ser ouvido por trás de sua respiração pesada.

Robert não sabia como, mas Carson havia feito isso; ele havia aberto a fenda.

"Precisamos nos apressar", gritou Robert. "Precisamos..."

"Quiddity!" gritou Allan. "À sua direita!"

Robert se virou e viu um guarda de aparência confusa, com o rosto roxo, vindo em direção a eles, com um andar desajeitado e irregular.

Ele se aproximou do homem e estendeu a mão, concentrando-se como antes. No início, nada aconteceu - o homem continuou a se mover em direção a eles. Mas, um segundo depois, as sobrancelhas do homem se franziram e ele diminuiu a velocidade. Alguns segundos depois, ele parou completamente.

"Outro! Atrás dele!" gritou Allan.

Robert olhou por cima do primeiro guarda e viu outro quiddity, este andando em um círculo pequeno e apertado. Ele estava murmurando algo para si mesmo, mas com o som da medula correndo em seus ouvidos, Robert não conseguia entender as palavras.

Movendo sua mão um pouco mais para cima, os círculos do homem diminuíram e, em seguida, ele também parou completamente.

Ele ouviu um grunhido vindo da esquerda, mas quando olhou para o lado, a única coisa que viu foi um cadáver balançando.

"Humano!" Sean gritou.

Uma rajada de tiros irrompeu e o cadáver que estava a menos de um metro de Robert explodiu como um saco de tinta vermelha. Através do ferimento aberto no torso do homem, ele viu um homem de camiseta branca cambaleando para trás. Outra rajada de tiros pelo buraco e o homem desapareceu em sua própria chuva de vermelho e branco.

Shelly gritou, e ele ouviu Cal gritar.

"Bogey!" Sean gritou.

Robert levantou o olhar a tempo de ver outro homem correndo em sua direção. A pistola de Sean disparou três tiros certos e dois pontos vermelhos se formaram em sua camiseta branca. A terceira bala o atingiu em cheio na testa, e seus olhos se arregalaram antes que ele caísse de cara no chão.

O peito de Robert estava tão apertado que estava ficando difícil até mesmo respirar parcialmente. Ainda com a mão estendida, ele avançou ainda mais, diminuindo em um terço a distância até a porta do outro lado do refeitório.

Mas então ele os viu. Seis ou sete almas perdidas e confusas vinham em sua direção, bloqueando seu caminho.

"Pare!", gritou ele, levantando a outra mão. Uma terrível sensação de esmagamento quase o deixou aleijado, mas a quiddity obedeceu. Robert deu um passo agonizante para frente. E depois outro.

"Robert!"

Ele ignorou o grito.

É preciso continuar se movendo...

Ele estava mantendo pelo menos oito quiddity sob controle agora, e já estava quase chegando à porta mais distante.

"Cuidado!" Shelly gritou, mas Robert, concentrado como estava, virou-se muito devagar.

Um dos cadáveres pendurados foi repentinamente empurrado contra ele, derrubando-o no chão.

"Droga!", gritou ele, com os cotovelos sofrendo a maior parte do impacto.

Ele tentou se levantar, mas algo o atingiu com força nas costas, forçando-o a cair novamente.

"Você nunca vai chegar até ele", alguém sussurrou em seu ouvido, com um hálito quente e doce. Uma mão agarrou a parte de trás de seu cabelo, puxando sua cabeça para cima. "Carson manda lembranças."

"Socorro!", ele ofegou, temendo que seu rosto estivesse prestes a ser esmagado no chão duro. Mas assim que sentiu o aperto em seu cabelo, ouviu outro grito e os dedos o soltaram.

Robert girou rapidamente e saiu do caminho, olhando para o agressor.

O homem tinha um rosto estreito com cabelo curto e bem cuidado. Parecia mais um contador - como Robert - do que um assassino. Mas o olhar em seus olhos...

Robert se empurrou para trás, observando como os olhos do homem começaram a se turvar.

E então ele viu o guarda Quinn atrás do detento, envolvendo-o com os braços. Ele parecia assustado, o que já dizia alguma coisa, dado o fato de que ele não tinha olhos.

Obrigado, disse Robert, sem saber se, em algum nível, o homem *podia* ver.

Ele pensou ter visto o homem acenar com a cabeça antes de o preso jogar a cabeça para trás em um uivo e então os dois começaram a desaparecer.

Tiros irromperam de algum lugar atrás dele - primeiro a arma de Aiden, depois o distinto *bap bab bab* da pistola de Sean. Ele queria ir até seus amigos, até Shelly, para ver se eles estavam seguros, mas não podia. Ele tinha que chegar à fenda.

Esse era seu único objetivo agora.

Cal estava certo. Isso era maior do que ele, do que todos eles.

Robert se apoiou em suas coxas e tentou se levantar. Ainda sentindo a dor do golpe, ele cambaleou, mas acabou conseguindo manter o equilíbrio.

A porta estava a apenas 12 metros dele, se tanto.

Quase lá...

Mas então dois detentos saíram de trás de cadáveres pendurados, bloqueando seu caminho.

"Você não vai conseguir chegar até ele", zombaram em uníssono.

O coração de Robert ficou apertado.

"Sean! Aiden!", ele gritou por cima do ombro, mas considerando o caos e os tiros, parecia improvável que eles o tivessem ouvido.

Os dois homens, um deles sem camisa, revelando uma série de tatuagens azuis e vermelhas que cruzavam seu peito musculoso, e o outro com uma cicatriz que atravessava a testa e recuava até a barba escura no topo do crânio, se aproximaram de Robert.

É isso... eu falhei.

"Sinto muito, Amy", disse ele.

Não era do feitio dele ceder, mas não havia nada que pudesse fazer. Ele não era um lutador, e ordenar a esses homens que parassem não adiantaria nada.

O homem da esquerda, com a cicatriz na cabeça, riu.

"Ela está chegando... ela está chegando para libertar todos nós".

No momento em que Robert perdeu a esperança, a porta atrás dos dois detentos se abriu. Outro homem, um homem pequeno e magro com as mãos atrás das costas, meio que se lançou, meio que caiu sobre o detento sem camisa. O movimento foi tão desajeitado que ele conseguiu derrubar o homem muito maior com ele.

"Porra!", gritou o outro preso.

Últimas palavras pouco inspiradas, como foram.

Seu lado esquerdo, logo acima do osso do quadril, explodiu e as mãos de Robert foram imediatamente para os ouvidos. Outra explosão soou e o homem olhou para si mesmo, confuso com o que havia acontecido.

O segundo tiro de espingarda o cortou ao meio, encharcando Robert com seu sangue, vísceras e pedaços de ossos.

Um homem estava parado na porta, com uma espingarda fumegante na mão e outra enrolada no peito. Ele era careca e aparentava ter cerca de 60 anos, com os antebraços grossos e musculosos de um homem muito mais jovem.

Robert piscou os olhos, tentando entender o que tinha acabado de acontecer. Então ele notou o uniforme da marinha que combinava com os que estavam pendurados ao redor deles.

Um guarda deve ter escapado.

O alívio de Robert durou pouco; o outro detento se recuperou da queda.

"Saia de cima de mim", disse ele, empurrando o outro homem de cima dele. Só agora Robert percebeu que as mãos do homem estavam amarradas atrás de suas costas.

O guarda com a espingarda voltou sua atenção para o outro detento enquanto este se levantava. Mas antes que ele pudesse abrir fogo, Sean saiu de trás de um corpo e atirou diretamente na cabeça do detento, fazendo-o cair novamente. Em seguida, apontou a arma para o outro homem, o que estava com as mãos amarradas para trás.

"Não!" Robert e o guarda com a espingarda gritaram em uníssono, mas chegaram tarde demais.

Sean também atirou na cabeça dele.

Robert deu um passo à frente, com a boca aberta de horror.

"Sean! Sean, por que diabos..."

Os olhos de Sean Sommer se arregalaram.

"Ele se foi, Robert. Ele se foi! Você não viu os olhos dele? Leland o pegou... e quando esse homem toca em você, o veneno se espalha

rapidamente."

Robert olhou para o homem morto com as mãos amarradas atrás das costas. Seus olhos estavam vazios e olhavam sem vida para o teto.

Em seguida, Sean se virou para eles, com a expressão familiar de lábios cerrados voltando ao seu rosto.

"Ele se foi!", gritou de repente. "Vá até Carson antes que seja tarde demais! Vá! Vá!"

Capítulo 41

Robert, com o rosto e os braços cobertos de sangue e carne de órgãos, praticamente se jogou na soleira da cela de Carson.

E então ele imediatamente recuou. Provavelmente teria saído pela porta se não fosse pelo fato de que o homem de uniforme de guarda e Sean estavam atrás dele.

"Porra", disse Robert, sem fôlego.

O homem chamado Carson estava sentado no chão, de costas para a porta, assim como uma mulher que ele nunca tinha visto antes. No meio, porém, estava o que restou do Padre Callahan.

Seu corpo havia sido dividido ao meio e ele estava deitado com os braços abertos, cada uma de suas mãos agarrada ao colo dos dois indivíduos sentados.

Os intestinos se espalhavam pelos dois lados do torso dilacerado do homem, mas foi o que estava no meio que tirou o fôlego de Robert. Em vez do chão coberto de sangue, Robert estava olhando para o chão, através dele, e para a medula. Enquanto olhava para a medula, ele podia ver o céu em chamas e uma figura na praia.

Um que parecia familiar.

Um com um grande chapéu preto e uma jaqueta jeans desbotada.

"Não!", ele gritou.

Seu grito chamou a atenção de Carson, que virou a cabeça para olhar para Robert.

Novamente, Robert tentou se mover para trás, mas o guarda corpulento o pegou e se certificou de que ele não caísse.

O homem no chão era mais magro, com um nariz mais estreito e olhos mais abertos, mas não havia dúvida.

Ele se parecia com Robert.

"Oh, ei, irmão. Faz tempo que não o vejo. Como você está, afinal?"

E então ele riu.

Robert piscou com força, incapaz de entender o que estava vendo.

Irmão? Este é meu irmão?

Percebendo a confusão em seus olhos, Carson levantou o olhar para Sean atrás de Robert.

"Você não contou a ele?"

Robert virou a cabeça para trás e olhou para Sean, cujos olhos estavam fixos em Carson.

"Ah, está bem. Bem, Robert, o Sean lhe disse que o papai está chegando?"

Robert olhou para trás, para o buraco no peito do Padre Callahan. Parecia que o homem estava se aproximando, de alguma forma rastejando *para cima*.

"Que porra está acontecendo?" Robert gritou, agarrando seu cabelo.

Ele sentiu um empurrão em suas costas e se virou a tempo de ver Sean lhe entregando a pistola. Por alguma razão, ele a pegou e imediatamente a apontou para a cabeça de Carson.

"Diga-me o que está acontecendo ou vou estourar sua cabeça."

Carson ficou olhando para ele, com uma expressão confusa no rosto. Então, seu rosto se transformou em um sorriso.

"Sean? Você quer fazer as honras?"

"Atire nele", Sean respondeu simplesmente. "Feche a fenda antes que seja tarde demais."

Robert virou a cabeça e a arma para Sean. Em seguida, voltou-se novamente para Carson.

"Como quiser. Mas agora que estamos com vontade de contar uma história, Sean lhe contou o que fez? O que ele e esse suposto 'padre' fizeram? O que ele e esse suposto 'padre' fizeram?"

Robert olhou para o homem estirado no chão, com uma luz branca e quente saindo de seus olhos e rosto.

"Atire nele", repetiu Sean.

"Cale a boca!" Robert gritou de volta.

"Sim, aquele idiota que você tem seguido como um cachorrinho perdido? E esse padre que você está aqui para salvar? Bem, eles também caçaram uma vez. Perseguiram nosso pai, Robert - perseguiram-no e o mataram. Mas Sean não lhe contou isso, contou?"

A sobrelanceira de Robert se estreitou.

"Do que ele está falando?"

"Ignore-o e puxe o gatilho, Robert."

"Tudo bem, ouça o Sean. Atire em mim, não me importo. Isso não vai fechar o portão agora, Robert."

"Do que ele está falando?" Robert perguntou novamente, com a arma em sua mão tremendo levemente. "Você matou Leland, Sean?"

"Robert..."

Robert se virou e deu um passo para longe de Sean. Ele apontou a arma para seu peito. A expressão do homem não mudou.

"É verdade?"

Sean franziu os lábios de forma desafiadora.

"Responda-me, porra!" Robert exigiu. "Estou cansado de seus jogos, Sean. Responda-me ou eu juro..."

"Sim", disse ele simplesmente. "Sim, nós o matamos."

Ele não apresentou nenhum raciocínio. Ele disse isso como se fosse uma resposta do Jeopardy.

Sim, nós o matamos.

"Porra!" Robert apertou os olhos com força e cerrou os dentes. A mão que não estava segurando a arma foi para o seu cabelo e ele puxou mais uma vez. Então suas pernas cederam e ele caiu no chão.

"Venha comigo, Robert", ele ouviu Carson dizer sobre o barulho das ondas. "Venha comigo e se reúna com nosso pai."

"Não", sussurrou Robert, balançando a cabeça para frente e para trás. "Não posso, não quero, não quero..."

Então, outra pessoa na sala finalmente se manifestou.

"É melhor eu atirar nele, então." A voz do homem estava rouca, como se ele também tivesse chorado há pouco tempo. "Não sei que porra você fez com o padre Callahan, mas você vai pagar."

Robert abriu os olhos e encarou o guarda grande e careca.

"Não podemos atirar nele... se matarmos Carson assim, a fenda ficará aberta para sempre."

Carson riu.

"Ah, então você tem o cérebro de nós dois, Robert. Isso é bom. Podemos usar sua inteligência."

"Que se dane isso", disse Ben, dando um passo à frente. "Eu..."

"Não", disse Sean suavemente. "Ele está certo. Matar Carson manterá a porta aberta. A única maneira de fechar a fenda agora é..."

"- para matar o padre", disse Robert em voz baixa. Ele se levantou lentamente e moveu a mira da arma de Carson para a cabeça brilhante do Padre Callahan.

Pela primeira vez desde que entrou na sala, o sorriso saiu do rosto de Carson.

"Não faça isso", rosnou o irmão de Robert. "Nem pense nisso."

Robert ignorou Carson e olhou para a cavidade torácica do padre. Leland estava próximo agora, estava bem perto da superfície.

Lágrimas encheram seus olhos com a percepção do que ele tinha que fazer.

Mas antes que ele pudesse agir, o diretor da prisão de Seaforth falou novamente.

"Isso *definitivamente* não está acontecendo."

Robert se virou e ficou chocado ao ver que Ben estava novamente com a espingarda na mão, mas dessa vez apontada para o seu peito.

"Não sei que porra está acontecendo aqui, mas passei por muita merda hoje, e tudo se resume a isso: Não vou deixar você matar esse homem... meu amigo, Padre Callahan. De jeito nenhum, de jeito nenhum".

Capítulo 42

Cal Godfrey não se atreveu a se mexer. Em algum momento durante a briga, alguém havia caído sobre ele - ele não sabia se era um dos guardas enforcados ou um detento que havia sido atingido pelo fuzil de assalto de Aiden - e, enquanto ele tentava se levantar, limpar o sangue do rosto e se levantar, outro havia caído sobre ele.

Antes que ele percebesse, três ou quatro corpos mais ou menos completos haviam se empilhado em cima dele e ele não conseguia se levantar. Então, ele fez a melhor coisa a seguir.

Ele se deitou ali, encolhido em sua pilha de cadáveres úmida e fétida, e esperou.

Por quase seis minutos, ele ficou completamente imóvel, ouvindo o som de tiros e gritos vindos de algum lugar bem acima dele. E então, do nada, tudo parou completamente.

A respiração de Cal era superficial, em parte porque ele queria permanecer escondido e em parte porque estava tentando evitar respirar muito sangue e outros fluidos que pareciam cobrir todo o seu corpo. Ele sentia vergonha, vergonha por ter sido tão covarde ao deixar Allan e Shelly com Aiden.

O homem parecia capaz, certamente, muito mais do que o próprio Cal, mas *ele* havia trazido Allan para cá. Foi ele quem aceitou o pedido de Sean para ir à Prisão de Seaforth. O homem havia dito que eles eram necessários, exigidos, para purgar a quiddidade e, no entanto, ele simplesmente os deixou lá para morrer.

Ou pior.

Cal balançou a cabeça.

Na época, ele percebeu a estranheza de Sean vir até ele, especialmente devido ao fato de que todos os encontros anteriores tinham sido apenas com Robert. Mas seu orgulho o forçou a ignorar esse fato.

Mas agora, encolhido como estava, ele entendeu.

Cal não havia sido recrutado para expurgar nenhum fantasma, nem um pouco.

Sean havia lhe pedido para vir aqui, caso Robert recusasse a oferta. Cal e Allan eram uma isca.

"Levante-se", instruiu uma voz abafada.

Cal, sem saber quem estava falando e com quem a pessoa estava falando, congelou.

"Para cima", repetiu a voz.

Cal ainda não se mexeu.

De repente, um fragmento de luz cinza opaca o atingiu nos olhos quando um dos cadáveres foi retirado. Ele apertou os olhos quando

outro corpo foi jogado para o lado e a intensidade da luz aumentou.

Em seguida, um rosto familiar apareceu, com um maço de molho ainda enfiado em seu lábio inferior.

"Temos que ir", disse Aiden, inclinando-se com a mão.

Cal ficou olhando para ela por um segundo.

"Já acabou?"

O homem balançou a cabeça.

"Não. Mais coisas estão chegando, precisamos nos mexer agora."

Cal estendeu a mão e agarrou a mão do homem. Seu aperto era firme, implacável. Então, com um puxão, Cal se viu de pé novamente.

A camiseta e a calça jeans estavam grudadas nele de forma desconfortável, e tudo o que ele podia fazer era não olhar para o sangue que ele sabia estar encharcado. Ele piscou várias vezes, mas a sensação era estranha, pois suas pálpebras estavam pegajosas com sangue e continuavam grudadas.

Ele olhou ao redor e se encolheu com a carnificina.

Havia corpos por toda parte, pendurados, deitados no chão e até mesmo presos às paredes.

"Fuuuuuck", gemeu ele, incapaz de se conter.

"O caralho está certo", disse uma voz feminina à sua esquerda. "Você já se escondeu?"

Cal se virou para olhar para Shelly, que parecia tão horrível quanto ele se sentia. O cabelo dela, normalmente loiro platinado, estava completamente vermelho e as bochechas cobertas de sangue.

"Você está péssimo", disse ela, juntando os lábios.

"Você também", respondeu ele.

"Vamos embora. Não sei quantos deles ainda existem", disse Aiden, "mas eles estão chegando."

Cal olhou ao redor de Shelly, procurando por Allan.

Ele o encontrou parado na entrada do refeitório, parecendo ter envelhecido mais de uma década na última hora. Uma das lentes de seus óculos estava quebrada e a câmera que ele segurava na mão havia sido reduzida a um pedaço de metal e plástico. Cal até achou que podia ver uma bala incrustada no estojo e, mesmo assim, o garoto ainda a segurava como se fosse tirar algumas fotos dignas do Pulitzer.

Olhando em volta, Cal ficou feliz que a câmera estivesse quebrada. Não havia necessidade de ter uma prova visual do que aconteceu aqui, uma lembrança do horror.

É melhor que tudo isso seja esquecido. Se isso for possível.

"Espere, onde está o Robert?", perguntou ele de repente.

Aiden apenas balançou a cabeça. Apesar de todo o sangue que cobria Cal, Shelly e Allen, Aiden estava relativamente limpo. Além de um pouco de sangue nas botas, na parte inferior da calça e no cano do rifle de assalto, ele estava com a mesma aparência de quando Cal o

viu pela primeira vez no corredor, há menos de uma hora.

"Espere, espere, espere", disse Cal rapidamente. "De jeito nenhum. Eu não vou embora sem o Robbo."

Aiden balançou a cabeça novamente e levantou a arma. Cal não percebeu isso como um gesto agressivo, mas como um simples lembrete.

"Sean deu instruções específicas. Precisamos ir embora, *agora!*"

Ele deu um passo à frente e Cal ficou surpreso com o fato de Shelly ter se aproximado da porta com ele.

"Eu não estou indo embora..."

"Ah, então agora você é o senhor bravura? É isso?" Shelly exigiu, sua expressão se transformando em uma carranca. "Há alguns minutos, você estava..."

A estática de um rádio a interrompeu.

"Mark, traga o helicóptero. Prepare o cinza."

Cal olhou para ele.

O cinza? Que porra é o cinza?

Aiden não esperou por uma resposta. Em vez disso, prendeu o walkie-talkie no cinto e fez um sinal para a porta com o cano da arma.

"Mexa-se. Agora."

Shelly se apressou em direção à porta, chegando ao lado de Allan, mas Cal se recusou e manteve sua posição.

"Eu não vou..."

"Mexa-se, ou eu o nocautearei e arrastarei seu corpo para fora da porta."

Para completar, ele cuspiu um bocado de suco marrom no chão, aos pés de Cal.

Que escolha ele tinha?

Cal se virou com relutância e correu atrás de Shelly e Allan.

Quando chegou à porta, ele deu uma última volta, com o estômago revirando enquanto examinava a carnificina mais uma vez.

Sinto muito, Robert. Eu sinto muito, muito mesmo.

E então os quatro deixaram a prisão de Seaforth.

Capítulo 43

"Se você atirar no padre Callahan, eu o corto ao meio", informou Ben.

Os olhos de Robert iam e voltavam, saltando de Ben para Sean, para Carson e para o corpo arruinado do Padre Callahan.

"Ele se foi", disse Sean. "Precisamos fechar a fenda."

O movimento no centro do peito do padre atraiu o olhar de Robert.

Dedos apareceram, agarrando as laterais da caixa torácica de Callahan, empurrando as vísceras do homem. Eles se retesaram, como se estivessem se preparando para içar algo para fora.

Alguém saiu.

Era o Leland.

"Rápido, Robert, feche a fenda!" Sean gritou.

"Ohhhhh, o papai está aqui!" disse Carson com alegria. "Espere pelo papai, Rrrrrrobbo!"

O dedo de Robert ficou tenso no gatilho.

"Estou lhe avisando", disse Ben calmamente.

Robert ficou olhando para as mãos que se projetavam da cavidade do corpo do Padre Callahan e, então, seu coração acelerou quando a parte superior de um chapéu preto apareceu.

O que quer que ele decidisse, tinha que fazê-lo logo; caso contrário, sua decisão seria em vão.

A luz repentinamente se apagou dos olhos e da boca do Padre Callahan, e o homem de alguma forma conseguiu mover o pescoço. Seus orifícios oculares estavam fumegantes, os próprios olhos há muito derretidos pela energia que o transformou em um canal. Sua boca também era uma bagunça negra e derretida.

"Pai!" Ben gritou.

Apesar das palavras vindas da direita de Robert, a cabeça do padre se voltou para ele. E então os lábios começaram a se mover, formando palavras silenciosamente.

Feche a fenda, Robert. E depois pegue o livro. Pegue Inter vivos et mortuos.

Robert não tinha certeza se estava fazendo leitura labial ou se as palavras estavam realmente em sua cabeça.

"Pai!" Ben gritou novamente e cometeu o erro de abaixar a arma e se aproximar do homem caído.

Sean agiu de forma rápida e decisiva. Seu braço esquerdo disparou e desviou a espingarda para um lado antes que o homem mais velho pudesse reagir. Ben gritou e tentou recuperar o controle, mas Sean agarrou seu braço em seguida e o puxou para frente, aumentando seu ímpeto.

Inter vivos et mortuos.

O padre falou várias e várias vezes.

Inter vivos et mortuos.

Os olhos de Robert passaram de Carson, que estava radiante, para a boca horripelantemente mutilada do Padre Callahan.

Faça isso. Feche a fenda. Por favor.

Os olhos de Robert se moviam para frente e para trás.

E então outra voz entrou na briga.

Era o bode.

"Robert? É você de novo, Robert? Oh, como eu..."

Robert fechou os olhos e disparou um único tiro.

Alguém gritou, mas Robert não tinha ideia de quem. As vibrações da arma de Sean foram surpreendentemente fortes, e ela caiu de sua mão.

"Não! Robert! Não!"

Robert abriu os olhos e olhou diretamente para o rosto horrível que estava saindo da medula, com tudo menos os olhos visíveis por baixo da grande aba do chapéu preto.

Só que não era uma caveira ou um demônio como ele esperava, que ele tentou desesperadamente, mas não conseguia se lembrar desde a primeira vez que conheceu Leland, seu pai.

Em vez disso, Robert estava olhando para o *seu* rosto. Mais velho, mais desgastado, mas inegavelmente *seu* rosto.

Em seguida, a boca do homem se abriu em um grito e ele caiu para trás, com as mãos se debatendo enquanto caía no mar abaixo.

"Seu filho da puta!" Ben gritou.

Robert se virou bem a tempo de ver o Diretor recuperar o equilíbrio e apontar a espingarda para ele. Robert não se moveu, nem mesmo tentou evitar a explosão. Em vez disso, ele aceitou o que estava por vir, com a imagem do rosto desanimado do Padre Callahan, um buraco de bala fumegante em sua testa, gravado em sua mente.

Mas a explosão que ele esperava nunca aconteceu, e Robert acabou abrindo os olhos novamente.

De alguma forma, Sean conseguiu fazer Ben tropeçar e o homem cambaleou. Quando seu pé atingiu a perna sem vida do Padre Callahan, ele escorregou.

E então ele também caiu no buraco estreito no peito do sacerdote e caiu no Mar de Medula.

Carson se levantou, gritando de raiva. Seu rosto se transformou em uma careta horrível.

"Robert! O que você fez?"

Robert, lutando contra as lágrimas, apontou a arma para o irmão que, há dois dias, ele não sabia que tinha.

"Vá", disse ele por cima do ombro para Sean. "Dê o fora daqui antes

que eu atire em você também."

Quando o homem não se mexeu, Robert começou a gritar.

"Dê o fora daqui!"

Sean correu para a porta, abrindo-a e saindo correndo da sala.

Finalmente, Robert se voltou para o irmão, com a arma ainda apontada para o peito magro e nu do homem.

Carson cuspiu no chão a seus pés.

"O quê, agora você vai atirar em seu irmão a sangue frio?"

Robert cerrou os dentes.

"Sabe, não somos tão diferentes, somos?"

E então o sorriso voltou ao rosto de Carson.

Epílogo

Aiden colocou a última carga na base da porta da frente da Prisão de Seaforth, antes de voltar para o helicóptero. O vento e a chuva ainda eram implacáveis, mas isso não o incomodava tanto quanto os outros.

Ele já havia passado por coisas piores - muito piores.

Pressionando o receptor de rádio no bloco cinza de C4 do tamanho de uma maleta, ele começou a caminhar de volta para o helicóptero, mantendo o rifle apontado para a porta.

Ele tinha suas ordens.

Eles deveriam partir, com ou sem Sean e Robert. Eles tinham que levar o pacote para um lugar seguro.

Ainda restava um Guardião, e eles precisavam mantê-lo assim.

A estática irrompeu do walkie-talkie em seu cinto.

Era o Mark.

"Pronto para levantar, Aiden. Traga sua bunda para cá."

Aiden assentiu, sem ter certeza se o amigo conseguia vê-lo através da chuva, mas sem se importar de qualquer forma.

Quando o som das pás do helicóptero ficou alto o suficiente para bloquear a chuva, ele se virou e correu o resto do caminho até o helicóptero. Ele podia ver três rostos lá dentro, três civis pálidos e assustados que não tinham motivo para estar aqui.

Ele mal tinha entrado quando o homem chamado Cal começou a gritar com ele.

"Isso são explosivos? Você vai explodir a prisão?" Sua voz era estridente, seus olhos arregalados.

Aiden não respondeu. Em vez disso, colocou um dedo indicador no ar e o girou em um círculo. Mark, olhando para ele da cabine de comando, assentiu e voltou sua atenção para os controles.

"É, não é? Não podemos, Robert, nós..."

Shelly começou a trabalhar com ele em seguida.

"Não podemos deixá-lo aqui, porra! Ele ainda está lá dentro! Você tem que esperar!"

Aiden não pôde deixar de sentir uma pontada de culpa ao olhar para o belo rosto dela, contorcido do jeito que estava.

Ela o amava, Aiden sabia. Ele sabia, porque tinha visto a mesma expressão no rosto de sua esposa quando ela ainda estava viva.

Ele limpou a garganta.

"Leve-nos para cima, Mark."

"Não!" Shelly gritou. Ela o alcançou, e ele rapidamente moveu a arma para o outro lado, fora do alcance dela. Os punhos dela se chocaram contra o braço dele, mas Aiden manteve os olhos fixos na

frente.

Um segundo depois, ele sentiu a conhecida pontada no estômago quando o helicóptero começou a se levantar lentamente do chão.

"Não! Por favor! Você não pode fazer isso!" Shelly implorou. Cal começou a tentar alcançá-lo também, mas ele o afastou com uma mão forte.

"Espere!" Dessa vez foi Mark, e Aiden levantou a cabeça. "Ali! Alguém está saindo, fique atento, Aiden."

Aiden se deslocou de modo a ficar perto da porta aberta do helicóptero e levantou a arma novamente, com o dedo no gatilho.

Um segundo depois, ele levantou o dedo.

Era Sean Sommers.

"Traga-o para baixo novamente, Mark!"

O helicóptero baixou novamente.

"É ele?! Shel, é *ele*?"

Até mesmo o garoto, que estava em silêncio há tanto tempo que Aiden temia por sua sanidade, inclinou-se para frente e falou.

"É o Robert?"

Shelly tentou passar por Aiden para dar uma olhada melhor, mas ele se mexeu para que ela não ficasse tentada a pular.

"É... não sei..."

"Rápido!" Aiden gritou, agitando seu braço livre freneticamente.

"Porra! Não é ele! Cal, não é ele!"

"Não!"

Sean correu para o helicóptero, com a chuva e o vento o atingindo, servindo para lavar parte da sujeira que cobria sua camisa branca e seu cabelo loiro.

Aiden ajudou a içar o homem para dentro do helicóptero, que prontamente caiu no assento mais próximo, com os olhos fechados e a cabeça baixa.

"Mark, tire-nos daqui... Vou explodir este lugar."

Dessa vez, não houve resposta nem de Cal nem de Shelly.

"Aiden?" disse Mark.

"Sim?"

"Tem mais um... tem mais alguém saindo da prisão".

Carson Ford saiu correndo de sua cela e entrou no corredor.

Ele não conseguia acreditar que havia fracassado, que Robert, dentre todas as pessoas, havia estragado tudo. Todos os anos de preparação foram perdidos porque ele havia subestimado seus próprios parentes.

Mas Leland tinha sido esperto. Leland se certificara de que tinha um plano de fuga, apesar de Carson insistir que não era necessário.

Com os pulmões ardendo, sabendo que tinha pouco tempo, Carson movimentou os braços e as pernas, atravessando o Bloco de Celas E, o lugar que ele havia chamado de lar por quase uma década. Ele sabia para onde estava indo.

Carson atravessou a porta da capela e correu pelo corredor sem hesitar. Ele bateu com as mãos no altar a toda velocidade, ignorando a dor nos pulsos enquanto empurrava a peça sólida de mármore em direção à parede do fundo.

Seu sangue bombeava em seus ouvidos e sua visão se estreitou.

O altar se chocou contra a parede dos fundos, causando mais dor em seus pulsos, que também foram ignorados. Em um movimento fluido, ele se ergueu sobre a mesa improvisada e, em seguida, arrastou-se mais de um metro pelos tijolos antes de jogar o corpo contra o vitral que representava Jesus na cruz.

A dor dos cortes em todo o corpo foi rapidamente substituída pela sensação de ardência da chuva e do vento gelados.

Carson aterrissou no topo da lixeira que ele havia convencido Peter a colocar lá para ele. A queda inicial foi de mais de três metros, e ele travou o tornozelo direito ao aterrissar, apesar de ter rolado com a queda. A lesão fez com que ele se inclinasse para um lado, e suas costas se chocaram contra o canto de um degrau de cimento a mais de dois metros de profundidade. O ar foi forçado a sair de seus pulmões e ele viu estrelas. Por um segundo, ele não fez nada; apenas olhou para a chuva, tentando desesperadamente recuperar o fôlego.

Em algum lugar ao longe, ele ouviu o som das pás de um helicóptero, grunhiu e rolou para a frente. Um momento depois, ele estava de pé e correndo novamente.

Carson não hesitou quando chegou à margem. Ele mergulhou de cabeça.

Enquanto ele bombeava as pernas e soprava ar pelo nariz na água gelada, o céu acima dele irrompeu em uma fantástica bola de fogo. De repente, o oceano ficou turbulento, agarrando suas mãos e pés como se fossem pequenas mãos, a correnteza do Seaforth Prison que estava desmoronando ameaçava fazer daquele o seu local de descanso final.

Mas Carson chutou com força e se concentrou em prender a respiração pelo maior tempo possível.

Anos de treinamento em sua cela foram úteis, como ele sabia que seriam.

A quarenta metros do inferno em colapso, o contorno escuro de uma cabeça surgiu na água. A cabeça balançou por um momento e depois mergulhou de volta nas profundezas.

Nota do autor

Há muito tempo, sou fascinado pela ideia de autoconsciência. Inteligência artificial, moralidade universal e - nas palavras de Sam Harris - entender o que significa ser *algo*, se é que isso significa alguma coisa, são tópicos que gasto bastante energia explorando. E, por alguma razão, as filosofias psicológicas de Carl Jung me cativaram desde que fui apresentado a suas ideias, décadas atrás. Como sempre pragmático, não tenho certeza se acredito em muito ou em algum de seus escritos, mas o que deveria ser óbvio depois de ler *Seaforth Prison* e os outros dois livros da série é que, no mínimo, eu os considero cativantes e dignos de contemplação.

Espero que você tenha gostado dos três primeiros livros da **série The Haunted**. Há mais dessa história para contar e há muitos outros mistérios a serem desvendados nesse mundo. [O livro 4 da série Haunted, *Scarsdale Crematorium*](#), já está disponível. Portanto, direcione seu navegador para a Amazon se quiser continuar a acompanhar Rob, Shelly e Cal em suas aventuras.

Leland sabe que eles se sentiriam sozinhos sem você.

Continue lendo e eu continuarei escrevendo,

Patrick

Montreal, 2017

Este livro é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e incidentes deste livro são totalmente imaginários ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com lugares, eventos ou localidades é inteiramente coincidência.

Direitos autorais © Patrick Logan 2016

Design da capa: Ebook Launch (www.ebooklaunch.com)

Design de interiores: © Patrick Logan 2016

Edição: Edição da linha principal (www.mainlineediting.com)

Todos os direitos reservados.

Este livro, ou partes dele, não pode ser reproduzido, digitalizado ou disseminado em qualquer formato impresso ou eletrônico.

Primeira edição: Dezembro de 2023